

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL
INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E POLÍTICA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

GERSON LUIZ CARDOSO DA SILVA



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS E SEUS LIMITES: UMA ANÁLISE
DOS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DO CAPITAL SOCIAL NA PRAÇA DOM
ANTONIO ZATTERA – PELOTAS – RS**

Pelotas – RS

2017

GERSON LUIZ CARDOSO DA SILVA

**A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS E SEUS LIMITES: UMA ANÁLISE
DOS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DO CAPITAL SOCIAL NA PRAÇA DOM
ANTONIO ZATTERA – PELOTAS – RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Camargo Massáu

Pelotas – RS

2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586d Silva, Gerson Luiz Cardoso da

A dinâmica das interações sociais e seus limites : uma análise dos desafios da construção do capital social na praça Dom Antonio Zattera – Pelotas – RS / Gerson Luiz Cardoso da Silva ; Guilherme Camargo Massaú, orientador.

— Pelotas, 2017. 212 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Praça. 2. Interação social. 3. Capital social. 4. Dinâmica. I. Massaú, Guilherme Camargo, orient. II. Título.

CDD : 301

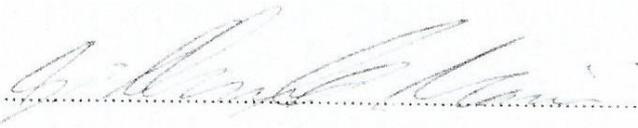
Gerson Luiz Cardoso da Silva

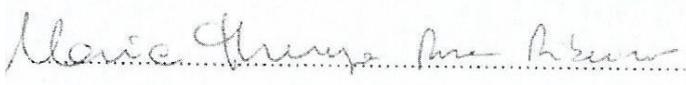
As dinâmicas das interações sociais e os capitais sociais presentes na Praça Dom
Antonio Zattera – Pelotas/ RS

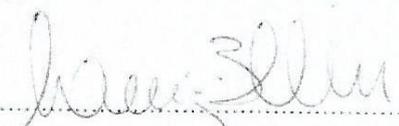
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em
Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de
Pelotas.

Data da Defesa: 17 de março de 2017.

Banca examinadora:


.....
Prof. Dr. Guilherme Camargo Massaú (Orientador) Doutor em Direito pela
Universidade do Vale dos Sinos (UNISINUS)


.....
Profa. Dra. Maria Thereza Rosa Ribeiro Doutora em Sociologia pela Universidade de
São Paulo


.....
Prof. Dr. Luiz Antônio Bogo Chies Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul


.....
Prof. Dr. Gilmar Antonio Bedin Doutor em Direito pela Universidade Federal de Santa
Catarina

“Ser flexível não quer dizer perda de personalidade ou “ser volúvel”, mas ser acessível à compreensão das coisas e pessoas” (HAMMED, 1998).

Agradecimentos

À minha esposa Viviane, pelas continuadas horas de auxílio e incentivo na realização do mestrado.

Ao Professor Dr. Guilherme Massaú, meu orientador, que foi incansável nas orientações e por me fazer acreditar sempre na força do trabalho, estudo e dedicação.

À Universidade Federal de Pelotas pela oportunidade de ter realizado este estudo que tanto acrescentou a minha vida profissional e pessoal

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas pela convivência e pelo conhecimento comigo dividido durante estes dois anos.

Resumo

SILVA, Gerson Luiz Cardoso. **A dinâmica das interações sociais e seus limites: Uma análise dos desafios da construção do capital social na Praça Dom Antonio Zattera – Pelotas – Rs.** 2017. 212 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Sociologia, Filosofia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

O presente trabalho tem como objetos as interações sociais e os capitais sociais presentes na Praça Dom Antonio Zattera, campo da pesquisa, localizada no centro de Pelotas, cidade do interior do Rio Grande do Sul, Brasil. A dinâmica das interações sociais foi a temática da investigação, a partir do envolvimento neste processo dos frequentadores do local, o entorno e o Poder Público municipal. O problema a ser respondido na demonstração dos resultados, foi qual a dinâmica e quais os capitais sociais envolvidos no ambiente da Praça, quando os usuários estão presentes no local. Para a realização do trabalho foi utilizado como base teórica, em relação às interações sociais, a sociologia e os conceitos de interações focadas, quando os indivíduos estão presentes no ambiente de forma cooperativa e interações desfocadas quando os indivíduos estão no ambiente, mas não no sentido de interagirem, de Erving Goffman (2010). Em relação ao capital social foram utilizados como base teórica os conceitos de Putman (1992, 1996, 2000, 2002) e Coleman (1990), cuja abordagem diz respeito à cooperação entre os usuários de determinados locais na aquisição de educação e de cultura. Para o acesso às informações foi utilizada pesquisa qualitativa, também com aporte de dados quantitativos, possibilitando assim a demonstração dos resultados, cujo achado principal foi a não comprovação das hipóteses, quais sejam, as de que a Praça Dom Antonio Zattera seria utilizada pelos frequentadores apenas para consumir ou como área de circulação de uma região a outra da cidade. Neste sentido, os dados da pesquisa demonstraram que as interações sociais acontecem na Praça, apenas entre grupos ou indivíduos que já acessaram o local conjuntamente e, para que aconteça uma interação entre frequentadores de maneira geral, se faz necessário o acontecimento de eventos no local, seja cultural, político ou esportivo.

Palavras-chave: praça; interação social; capital social; dinâmica.

Abstract

SILVA, Gerson Luiz Cardoso. **The Dynamics of social interactions and the social capitals at Dom Antonio Zattera square.** 2017. 212 f. Dissertation (Master in Sociology) – Postgraduate program in Sociology. Institute of Sociology, Philosophy and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

This work has the social interactions and the social capitals at Dom Antonio Zattera Square as the objects. The research field is in the center of Pelotas which is located in the interior of Rio Grande do Sul state in Brazil. The dynamics of social interactions was the thematic of the research, from the involvement of the users, locals surroundings and the municipal public power. The problem to be answered in the demonstration of the results was dynamics and which of the social capitals were involved in the surroundings of the square when the users were in the place. For the achievement of the work, the sociology of Erving Goffman (2010) regarding to the social interactions and the concepts of focused interactions, when the individuals are in the place in a cooperative way and unfocused interactions when the individuals are in the place but not in the sense of interacting were used as the theoretical basis. In relation to the social capital, the concepts of Putman (1992, 1996, 2000, 2002) and Coleman (1990) were used as theoretical basis, whose approach concerns cooperation among the users of certain places to obtain education and culture. A qualitative research was used in order to access the information, bringing quantitative data as well, making it possible to demonstrate the results, whose main finding was that the hypotheses were not proved, that Dom Antonio Zattera square would be used by the locals only to consume or as a circulation area from a region to another in the city. In this sense, the research data showed that social interactions take place in the Square, only between groups or individuals who have already visited the place together and, in order for interaction to take place among regulars, it is necessary to have local events, Cultural, political or sporting.

Key-words: square; social interaction; social capital; dynamics.

Lista de Figuras

Figura 1	Praça Dom Antonio Zattera, imagem ao fundo.....	23
Figura 2	Placa de identificação da Praça Dom Antonio Zattera.....	24
Figura 3	Vista aérea de Pelotas.....	28
Figura 4	Setor Cívico - Altar da Pátria quadra da Avenida Bento Gonçalves.....	41
Figura 5	Setor de práticas esportivas – Pistas de skates.....	41
Figura 6	Academia de ginástica.....	42
Figura 7	Setor de recreação infantil – Brinquedos.....	43
Figura 8	Setor de práticas religiosas – Monumento de culto à Bíblia.....	43
Figura 9	Setor de educação e cultura – Escola Ruth Blank e Academia Pelotense de Letras.....	44
Figura 10	Setor de circulação e áreas verdes – Passeios do interior da Praça.....	44
Figura 11	Busto em homenagem a Bento Gonçalves, General da Guerra dos Farrapos.....	91
Figura 12	Busto em homenagem ao Almirante Tamandaré, líder da Marinha Imperialista.....	92
Figura 13	Monumento em homenagem aos Expedicionários Brasileiros da Segunda Guerra Mundial.....	92
Figura 14	Mina deixada pelos alemães na costa brasileira durante a segunda guerra Mundial.....	93
Figura 15	Presença da Guarda Municipal na Praça.....	104
Figura 16	Unidade da Secretaria de Qualidade Ambiental para revitalização de áreas verdes da Praça Dom Antonio Zattera.	104
Figura 17	Presença da Brigada Militar na Praça.....	105
Figura 18	Feira livre de hortifrutigranjeiros no entorno da Praça.....	108
Figura 19	Feira de artesanato no entorno da Praça.....	108
Figura 20	Trailers comercializando lanches no entorno da Praça.....	109

Figura 21	Caminhões no entorno da Praça que prestam serviços de transportes e fretes.....	109
Figura 22	Doação de erva-mate nas dependências da Praça.....	138
Figura 23	Roda de capoeira no setor do Centro Cívico.....	142
Figura 24	Mini campeonato de bola ao cesto promovido por uma empresa que comercializa loterias.....	143
Figura 25	Concentração de pessoas para realização de um evento político relativo às eleições municipais de outubro de 2016.....	143

Lista de Tabelas

Tabela 1	Características da ocupação do entorno da Praça Dom Antonio Zattera.....	47
Tabela 2	Identificação da origem dos usuários da Praça.....	49
Tabela 3	Forma de acesso à Praça.....	49
Tabela 4	Capacidade de utilização da Praça Dom Antonio Zattera.....	111
Tabela 5	A existência da Praça já foi vista como um problema para as instituições e estabelecimentos do entorno.....	112
Tabela 6	A percepção do entorno em relação aos frequentadores da Praça e das interações sociais e dos capitais sociais presentes no local.....	113
Tabela 7	A estrutura física e as vivências da Praça Dom Antonio Zattera possuem atrativos ou facilitadores para as interações sociais e aquisição dos capitais sociais presentes.....	114
Tabela 8	Relacionamento das unidades do entorno com a Praça Dom Antonio Zattera.....	120
Tabela 9	Interação entre os vizinhos do entorno da Praça com seus pares ou conjuntamente com o Poder Público Municipal para manter ou qualificar o local.....	120
Tabela 10	Percepção do entorno sobre as interações sociais e os capitais sociais presentes na Praça Dom Antonio Zattera.....	124
Tabela 11	Identificação dos motivos que levam os usuários até a Praça.....	126

Tabela 12	A utilização da Praça Dom Antonio Zattera na visão dos usuários.....	128
Tabela 13	As áreas mais utilizadas pelos frequentadores no interior da Praça	131
Tabela 14	A dinâmica das interações sociais realizadas na Praça Dom Antonio Zattera.....	139
Tabela 15	Sensação dos usuários após sair da Praça quanto à realização das ações e interações sociais que pretendiam.....	146

Lista de abreviaturas

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
APEPEL	Associação de Pastores evangélicos de Pelotas
MS	Ministério da Saúde
SMED	Secretaria Municipal de Educação
SGCMU	Secretaria de Gestão da Cidade e de Mobilidade Urbana
SMU	Secretaria Geral de Urbanismo
SSUI	Secretaria de Serviços Urbanos e Infraestrutura
SUS	Sistema Único de Saúde
SQA	Secretária de Qualidade Ambiental
ONGs	Organizações não governamentais
ECP	Esporte Clube Pelotas

Sumário

Introdução.....	16
Capítulo I - O contexto das dinâmicas das interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera como objeto de estudo.....	22
1.1 O universo da pesquisa e suas delimitações.....	22
1.2 O contexto histórico da cidade de Pelotas e da Praça Dom Antonio Zattera.....	26
1.3 A Praça como espaço público mediador das interações sociais na cidade de Pelotas.....	33
1.4 As interações sociais em praças públicas como área do conhecimento sociológico.....	36
Capítulo II - As possibilidades de interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera a partir de suas características.....	40
2.1 As dimensões físicas da Praça Dom Antonio Zattera como espaço mediador das interações sociais.....	40
2.2 O entorno, os usuários e o Poder Público como atores das interações sociais na Praça.....	46
2.2.1 O entorno da Praça Dom Antonio Zattera.....	46
2.2.1.1 Instituições Assistenciais, Educacionais, Esportivas e Religiosas.....	47
2.2.1.2 O comércio, a indústria e a prestação de serviços.....	48
2.2.1.3 As residências.....	48
2.2.2 Os usuários.....	49
2.2.3 O Poder Público Municipal como agente responsável da Praça Dom Antonio Zattera.....	51
2.3 O contexto histórico das interações sociais da Praça Dom Antonio Zattera.....	53
2.4 A sociabilidade e os capitais sociais próprios identificados na Praça possíveis de serem adquiridos.....	56
2.4.1 A sociabilidade na Praça.....	56
2.4.2 A educação e a recreação infantil.....	57
2.4.3 As práticas religiosas.....	58
2.4.4 Os eventos culturais e as práticas cívicas e políticas.....	59
2.4.5 As práticas esportivas e o lazer.....	59

Capítulo III Fundamentação conceitual e teórica.....	61
3.1 A concepção teórica de interação social por Erving Goffman.....	61
3.2 As noções de praça como espaço público mediador de interações sociais.....	64
3.3 As concepções de capital social de Robert Putnam e a praça como espaço público para sua aquisição.....	74
3.4 Os pressupostos teóricos para interpretação da dinâmica das Interações sociais em lugares públicos.....	78
Capítulo IV - Fundamentos metodológicos aplicados.....	84
4.1 Especificidades do objeto de pesquisa.....	84
4.2 Tipo da pesquisa.....	86
4.3 Da coleta de dados.....	87
4.4 Das técnicas metodológicas para a coleta dos dados.....	89
4.4.1 Análise documental.....	90
4.4.2 Questionários.....	93
4.4.3 Observações.....	94
4.4.4 Entrevistas.....	96
4.4.5 Fotografia.....	100
Capítulo V - Análise dos dados e apresentação dos resultados.....	102
5.1 A funcionalidade da Praça na perspectiva do Poder Público Municipal.....	103
5.2 A Praça Dom Antonio Zattera na visão dos ocupantes do entorno, como espaço da interação social e da aquisição de capitais sociais.....	107
5.2.1 Como a Praça é vista pelo entorno.....	110
5.2.2 As relações do entorno da Praça e o seu envolvimento com o Poder Público para manter a Praça como elemento mediador de interações sociais.....	119
5.2.3 As interações sociais e os capitais sociais presentes na Praça na visão do entorno.....	123
5.3 A Praça Dom Antonio Zattera como espaço da interação social e da aquisição de capitais sociais pelos seus frequentadores.....	125
5.3.1 A origem dos frequentadores da Praça Dom Antonio Zattera e forma de acesso ao local.....	125
5.3.2 A Praça Dom Antonio Zattera quanto aos aspectos estruturais e da possibilidade de sua utilização para as interações sociais e aquisição de	

capitais sociais.....	127
5.3.3 Os setores internos da Praça e os capitais sociais presentes nestes espaços.....	131
5.3.3.1 Setor do Centro Cívico ou Altar Da Pátria – figura 4.....	132
5.3.3.2 Setor de práticas esportivas - pistas de Skates – figura 5.....	133
5.3.3.3 <i>Playground</i> com brinquedos infantis – figura 7.....	134
5.3.3.4 Escola de Educação Infantil Ruth Blank e as práticas educativas – figura 9.....	135
5.3.3.5 Áreas de circulação e periferia da Praça.....	137
5.4 A Dinâmica das interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera.....	138
5.4.1 A avaliação dos frequentadores após deixarem a Praça Dom Antonio Zattera sobre a realização das ações pretendidas ao acessar no local.....	145
Considerações finais.....	147
Referências.....	150
Apêndices.....	156
APÊNDICE A – Questionário aplicado com o entorno da Praça.....	157
APÊNDICE B – Questionário aplicado com os frequentadores ou usuários da Praça Dom Antonio Zattera.....	160
APÊNDICE C – Planejamento da Pesquisa de Campo para coleta de dados utilizando a técnica da Observação não participativa.....	163
APÊNDICE D – Roteiro degravado da entrevista com o Pesquisador Adão Monquelat.....	166
APÊNDICE E – Roteiro degravado da entrevista com o Arquiteto Urbanista Fernando Caetano.....	175
APÊNDICE F – Roteiro Degravado com a Professora ambientalista Rosa Maria Almeida.....	192
APÊNDICE G – Roteiro degravado da entrevista com a Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Ruth Blank Marge Peixoto.....	201
APÊNDICE H - Síntese dos dados obtidos nas observações não participativas utilizando o áudio como meio de coleta.....	206
APÊNDICE I – Termo de consentimento.....	210

Introdução

A presente dissertação tem como objetos, as interações sociais e os capitais sociais, como a tema a dinâmica das interações sociais e campo de pesquisa o Parque Dom Antonio Zattera, localizado na cidade de Pelotas/RS, situado na Avenida Bento Gonçalves, quadrantes com as ruas Andrade Neves, Dr. Amarante e Padre Anchieta.

A cidade de Pelotas¹ por ser um polo regional, tanto no aspecto comercial quanto cultural², caracteriza-se atualmente pela intensa rotatividade populacional, tanto na busca pelo comércio, quanto das Universidades, pois se tornou um centro universitário da metade sul do Rio Grande do Sul (IBGE, 2016; PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2016)).

As instituições de ensino são frequentadas por pessoas de todas as regiões do país e, muito comumente, por estudantes oriundos de outros países, dada hoje a facilidade dos intercâmbios das faculdades brasileiras com organismos internacionais.

O Conjunto das Instituições de Curso superior da cidade é formado pela Universidade Federal de Pelotas - Ufpel, Universidade Católica de Pelotas - Ucpel, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-riograndense - Ifsul e Faculdades Anhanguera.

O Parque Dom Antonio Zattera³, antiga Praça Júlio de Castilhos, também popularmente conhecida como Praça dos Macacos, hoje está indevidamente identificada como Parque, pois na verdade, diante das suas dimensões físicas, trata-

¹ Pelotas está localizada a 250 km da capital do Estado, Porto Alegre. População estimada de 342.873 habitantes, PIB per capita de R\$ 17.353,15. Arrecadação municipal para execução orçamentária em torno de R\$728.767.819. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

² O município de Pelotas, conta com forte comércio com três calçadas nas ruas Andrade de Neves, Sete de Setembro e Quinze de Novembro. Outras opções de comércio podem ser verificadas no Shopping Pelotas, nas lojas de ruas adjacentes ao centro, nos comércios de pequeno e médio porte dos bairros, e nos conjuntos comerciais da Zona Norte, como é o caso do Shopping Zona Norte. Um extenso calendário cultural, dentre os mais importantes a FENADOCE- Feira Nacional do doce realizada anualmente nos meses de Junho.

³ Denominação atribuída por Decreto Legislativo da Câmara Municipal de Pelotas no ano de 2000, após aprovação de projeto de iniciativa Vereador Eduardo Abreu (PT).

se de uma praça pública e não de um parque, de acordo com os conceitos arquitetônicos, tema que será desenvolvido no primeiro capítulo deste trabalho. Doravante, diante do exposto, o local campo de pesquisa da presente dissertação, será tratado como Praça, ou simplesmente, Praça Dom Antonio Zattera (ZANELA, 2009).

A Praça é ponto de encontro da população Pelotense e da região, nos finais de semana, em momentos de lazer e dias cívicos. Situada no centro da cidade apresenta-se como um espaço público facilitador e mediador das interações sociais, pela sua localização geográfica e suas dimensões físicas.

Os usuários, historicamente, até então, descreveram a Praça Dom Antonio Zattera como um lugar interessante de se visitar, na zona central da Avenida Bento Gonçalves, que foi revitalizado entre os anos de 2009 e 2010 pela Prefeitura Municipal de Pelotas. A Praça conta com amplo espaço de lazer, playground infantil, pista de skate, vias de acesso para passeios com animais de estimação e amplo espaço com sombra para tomar chimarrão⁴ (SINDIMATE, 2016).

Desta forma, a Praça Dom Antonio Zattera, como espaço público da cidade de Pelotas, se apresenta como um local de destaque para o acontecimento das interações sociais, que são processos colaborativos para a aquisição de capitais sociais, elementos vitais para o desenvolvimento da sociabilidade dos indivíduos e dos grupos sociais.

Neste contexto, a dinâmica das interações sociais e os capitais sociais envolvidos na Praça será a temática do presente trabalho, objeto próprio do estudo sociológico.

Pela sua importância, como área específica das ciências sociais, alguns autores da área da Sociologia trouxeram e formularam conceitos e teorias a respeito destas interações sociais acontecidas em espaços públicos.

Entre os autores vistos para a base conceitual e teórica, que será melhor demonstrado no capítulo III, utilizou-se como obras principais os escritos de Erving Goffman (2010), Georg Simmel,(2006) e Robert Putman,(1996, 2002) muito embora

⁴ O chimarrão (ou mate) é uma bebida característica da cultura do sul da América do Sul. É um hábito legado pelas culturas indígenas quínchas, aimarás e guaranis. É composto por uma cuia, uma bomba, erva-mate moída e água morna, utilizado na sua origem nos encontros entre os tropeiros que conduziam gado de uma região a outra do sul do Brasil, hábito que acabou por se difundir por toda a população do Sul do Brasil.

outras leituras, de renomados autores, foram essenciais para a conclusão do trabalho, sem as quais não teria sido possível chegar ao término do mesmo.

Diante da temática e da delimitação do campo de pesquisa, o presente estudo defronta-se com um problema teórico. Para Marconi e Lakatos (2010, p.194) “a formulação do problema prende-se ao tema proposto: ela esclarece a dificuldade específica com a qual se defronta e que se pretende resolver por intermédio da pesquisa”.

Neste sentido, a pesquisa de campo possibilitará resposta para seguinte pergunta: Qual ou quais as dinâmicas ou dinâmicas das interações sociais, que estão presentes nas interações sociais acontecidas na Praça Dom Antonio Zattera e quais os capitais sociais envolvidos nesse processo atualmente?

Assim, o objetivo geral do presente trabalho diz respeito à identificação e compreensão das dinâmicas, que norteiam as interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera, como espaço público da cidade de Pelotas próprio para a socialização e intermediação de relações dos atores envolvidos nesse processo, ou seja, o entorno, o poder público e usuários.

Quanto aos objetivos específicos, por sua vez, nas palavras de Marconi e Lakatos (2010, p.193) “apresentam caráter mais concreto. Tem função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicá-lo a situações particulares”.

Neste ponto, a dissertação propõe-se a descrever e compreender pontos específicos da dinâmica das interações sociais acontecidas na Praça conforme segue:

- a) Identificar a origem dos frequentadores e a forma de acesso à Praça
- b) Relacionar os fatores confluentes ou divergentes aos ambientes, tanto no aspecto positivo, quanto negativo em relação à interação social;
- c) Verificar a participação do Estado como agente que fomenta esta interação, com medidas favoráveis ao processo;
- d) Demonstrar a importância do espaço físico e as condições do mesmo para a busca da interação social pretendida;
- e) Revelar que tipos de capitais sociais os indivíduos buscam e que estão presentes na Praça.

Quanto às hipóteses, com base nos dados preliminares verificados no campo de pesquisa, nas observações exploratórias, parte-se do princípio de que as dinâmicas das interações sociais na Praça vêm se construindo a partir de:

- a) Uma dinâmica relacional que tem como base a presença dos usuários na Praça apenas com a intenção do consumo;
- b) Da utilização do espaço não pelo valor de uso, mas pelas suas possibilidades mercantis, da produção e venda;
- c) Utilização da Praça como via de circulação e acesso a outras regiões do entorno.

As possibilidades da confirmação destas hipóteses estariam relacionadas a alguns aspectos presentes atualmente nos espaços urbanos, como a violência e a degradação física destes locais, fazendo com que a população frequente as praças apenas em momentos específicos, como via de circulação ou em eventos relacionados a consumo de toda ordem, principalmente no aspecto mercadológico.

Desta forma, a dinâmica das interações estaria sendo rápida e superficial, por exemplo: os indivíduos não interagem com outras pessoas a não ser do seu próprio grupo, pois temem a possibilidade de encontrar nos estranhos possíveis ofensores, criando nestes locais mono ambientes, grupos de indivíduos que se relacionam apenas com seus pares.

No entanto, uma compreensão das dinâmicas interacionais da Praça, apenas com estes vieses, seria muita rasa, dada a complexidade do assunto. Dessa feita, o que a pesquisa abordará no capítulo quinto, referente à análise de resultados, demonstrará uma extensão maior deste processo.

Neste contexto se justifica um estudo da cidade e principalmente do espaço público, meio em que se inclui a Praça como palco das principais transformações, das dinâmicas sociais dos movimentos, das interações sociais, que acontecem entre os indivíduos, responsáveis pelo planejamento das cidades, ou seja, no espaço público as manifestações coletivas tendem a firmar espécies de condutas que se sucedem no tempo, transformando o próprio espaço e os próprios indivíduos.

O trabalho também se justifica pela sua viabilidade operacional, pelo baixo custo do acesso ao campo de pesquisa e dos instrumentais necessários para a coleta de dados, como entrevistas, pesquisas documentais e observação.

Pretende-se com este trabalho, a partir da coleta e do tratamento interpretativo dos dados, cooperar com a identificação das interações sociais e capitais sociais existentes no campo pesquisado, de forma a contribuir com informações para a criação de políticas públicas que visem o desenvolvimento da Praça Dom Antonio Zattera e que possa ser extensivo a outros espaços públicos da cidade de Pelotas.

Para a demonstração dos objetivos pretendidos pela presente dissertação, o trabalho será dividido em cinco capítulos de forma a que se consiga a exposição das noções introdutórias, desenvolvimento teórico e conceitual do tema e dos resultados propriamente ditos da pesquisa.

O capítulo I tem por objetivo proporcionar uma visão geral do tema, do campo de pesquisa, bem como uma referência histórica sobre a cidade e a Praça Dom Antonio Zattera, além da revisão de trabalhos já realizados com este tema em praças públicas.

O capítulo segundo apresenta uma visão do espaço interno da Praça relacionado às suas dimensões físicas e suas subdivisões em setores, fazendo uma descrição dos atores envolvidos, frequentadores, entorno e poder público, bem como o ambiente dos ajuntamentos, numa dimensão histórica das interações sociais, questões relacionadas aos tipos possíveis de sociabilidade e capitais sociais envolvidos.

O capítulo terceiro tem a função de demonstrar os principais conceitos trabalhados dentro do tema da pesquisa em toda sua extensão, relacionando os mesmo com a formação de uma teoria a partir dos autores trabalhados.

Primeiramente, trabalha-se com a ideia conceitual de praça pública, espaço público, interação social, dinâmica das interações sociais, capitais sociais, usuários, entorno e poder público.

O capítulo quarto vai demonstrar as especificidades do campo de pesquisa e o caminho metodológico utilizado na pesquisa empírica, bem como a descrição das técnicas utilizadas na coleta de dados.

E, por último, o capítulo quinto apresenta o resultado da pesquisa, as informações e os dados empíricos, trazidos do campo de pesquisa, tratando das características do entorno da praça, as interações sociais do entorno com a praça e seus usuários, o envolvimento do Poder Público com este espaço público, a

identificação dos usuários e a forma de acesso ao local, visto a luz de um diálogo com a base teórica conceitual, que orientou o trabalho em todas as suas fases.

Nas considerações finais, há uma intersecção de ideias, ou seja, tudo o que foi desenvolvido na pesquisa sobre a temática da dinâmica das interações sociais, bem como um cotejamento do resultado das investigações com as hipóteses de resultados elaboradas na fase anterior à pesquisa, de forma que as conclusões obtidas contribuam para a leitura dos acontecimentos e processos sociais atuais acontecidos na Praça Dom Antonio Zattera.

Capítulo I - O contexto das dinâmicas das interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera como objeto de estudo

Este capítulo tem por objetivo proporcionar uma ampla visão do objeto que será investigado, bem como o universo do campo da pesquisa e suas delimitações, além de situar o leitor quanto ao contexto histórico da Praça Dom Antonio Zattera e da cidade de Pelotas onde situa-se a mesma, além das indicações das interações sociais possíveis de acontecerem nestes locais públicos, próprios para a mediação de relacionamento entre indivíduos, também visto a partir de outros estudos sobre a temática.

1.1 O universo da pesquisa e suas delimitações

A pesquisa terá como objeto central o estudo das interações sociais e dos capitais sociais que estão presentes na Praça Dom Antonio Zattera, como espaço público da cidade de Pelotas, próprio para o encontro e a mediação das relações sociais.

A escolha do tema sobre a dinâmica das interações sociais no espaço público da cidade de Pelotas especificamente numa praça pública aconteceu a partir da vivência pessoal neste local, outro fator determinante foi a atuação profissional como gestor público, quando se teve a oportunidade de constatar a importância de pesquisas sociais integradas que possibilitassem identificar em que níveis ocorrem e se estão presentes as interações sociais, e que tipo de capitais sociais aparecem neste lugar.

Uma vez definida a temática e o objeto da investigação, a Praça Dom Antonio Zattera foi escolhida como campo de pesquisa a partir de características próprias do local, como a maior praça no perímetro central da cidade, com vasta área verde, setorizada para utilização, (centro cívico, playground infantil, academia ao ar livre, etc.).

No entanto, focalizar o campo de pesquisa não se trata de uma situação tão estática como parece, e novas situações podem aparecer em relação aos locais selecionados. Segundo Deslauriers (2010, p.148), o entendimento de campo pode ser mais expandido em relação à ideia que se tem de espaço limitado:

De sua parte, a pesquisa qualitativa enfatiza o campo, não apenas como reservatório de dados, mas também como uma fonte de novas questões. O pesquisador qualitativo não vai a campo somente para encontrar respostas para suas perguntas: mas também para descobrir questões, surpreendentes sob alguns aspectos, mas geralmente, mais pertinentes e mais adequadas do que aquelas que ele se colocava no início. Além disso, a própria logística da abordagem qualitativa (campo de pesquisa, observação participante, entrevistas não-dirigidas, relatos de vida) obriga o pesquisador a um contato direto com o vivido e as representações das pessoas que ele pesquisa.

Para Deslauriers (2010) o campo de pesquisa, mesmo sendo um espaço físico delimitado, durante a pesquisa pode apresentar novas possibilidades em relação àquelas antes previstas pelo investigador no projeto, novos atores e fatos a serem pesquisados, trazendo ao trabalho um aspecto dinâmico do começo até sua conclusão.

A Praça Dom Antonio Zattera, antiga Praça Júlio de Castilhos e também conhecida como Praça dos Macacos, é ponto de encontro da população pelotense nos finais de semana para momentos de lazer e nos dias em que acontecem eventos cívicos no Altar da Pátria.

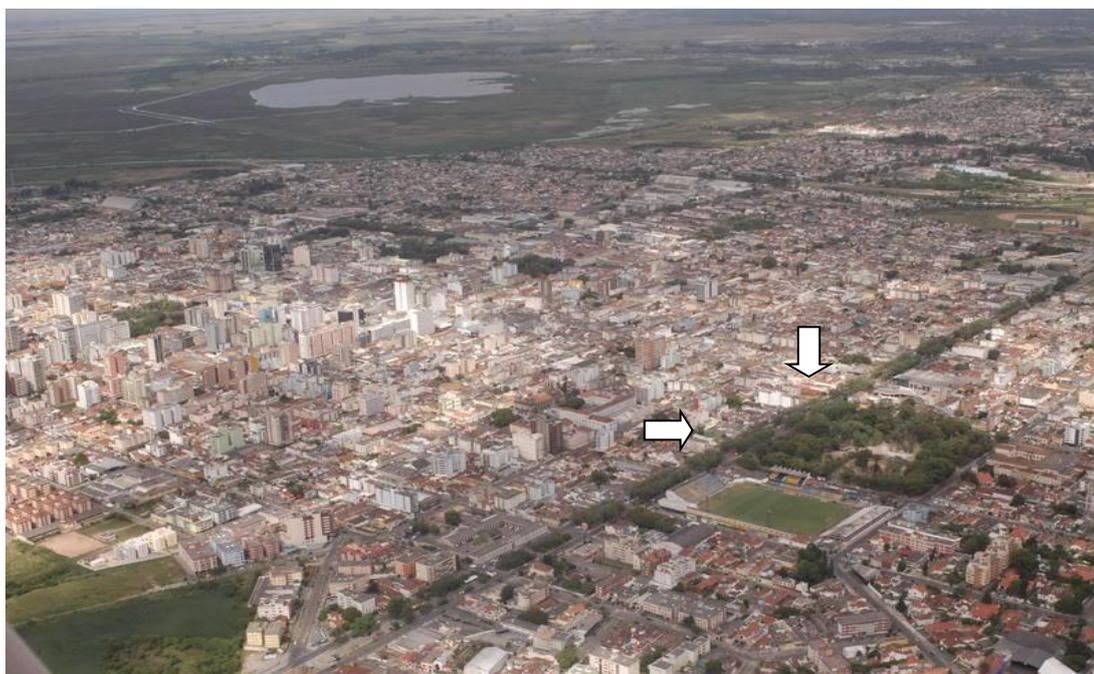


Figura 1: Praça Dom Antonio Zattera, imagem ao fundo.
Fonte: SKYSCRAPERCITY, 2016.

A Praça está situada entre as ruas Andrade Neves, Padre Anchieta, Doutor Amarante e Avenida Bento Gonçalves, local aberto e de livre acesso. Localizada na zona central da cidade, embora não no centro comercial propriamente dito, a Avenida Bento Gonçalves, endereço da Praça, é considerada local de encontro para manifestações políticas, artísticas ou desfiles. Nas demais ruas que fazem o entorno da praça estão localizadas, primordialmente, unidades comerciais, entre elas um estádio de futebol e unidades residenciais.

Quanto a sua identificação, a Praça está indevidamente nomeada pelo Poder Público Municipal em suas placas de localização como “Parque Dom Antonio Zattera”, isto porque, conceitualmente e na prática, parque e praça são espaços públicos concebidos com destinações diferentes.



Figura 2: Placa de identificação da Praça Dom Antonio Zattera.
Fonte: Fotos do autor

A criação de um parque pelo poder público ou por outra entidade, tem como objetivo disponibilizar um espaço com vias de colocar os indivíduos em contato com a natureza, ou seja, aproximá-lo da paisagem natural, onde são necessários grandes espaços cobertos de vegetação, muito em voga atualmente a criação de bosques públicos pelos municípios (CAETANO, 2016).

A praça, por sua vez, tem outra função social: são locais de encontros e acontecimentos sociais, onde o espaço verde pode ou não se fazer presente. Segundo Caetano (2016)⁵ o parque, tem configurações de Bosque:

Toda uma praça abandonada se torna um parque. Sem uso, sem gente passando, os caminhos e os canteiros vão se pulverizando com outras árvores, animais se estabelecem no local, o parque é mais homogêneo, por isso que as definições de parques são específicas, por exemplo, parque de conservação da fauna, parque botânico público.etc.

Os parques são basicamente lugares em que os ocupantes, procuram interagir com a natureza de forma individualizada. A interação social com outros frequentadores, embora possa acontecer, é menos provável, até mesmo por se tratar de locais com grandes áreas, geograficamente falando.

Serpa (2014, p. 21) aponta núcleos de interação social no espaço urbano, dentre eles, destaca as praças e parques públicos como centros das atividades de consumo e lazer. Cada praça é pensada através do perfil de seus usuários em uma produção de consumo que vai modificar a paisagem urbana.

Conforme Serpa (2014, p. 21), praça ou parque são lugares de fácil acesso, legitimados pela coletividade, além de estar disponível a todos e, sendo assim, a praça pública se apresenta como um polo mediador da cultura, diversão e lazer, mas que reflete um meio de controle social, a busca de uma valorização do consumo e do espaço urbano, uma espécie de regulador dos comportamentos esperados na sociedade moderna. Além da interação social, as praças contemporâneas são instrumentos de valorização do cenário urbanizado, com alto valor patrimonial, não sendo considerado um bem coletivo, mas um território de barreiras simbólicas invisíveis.

Segundo Serpa (2014 p. 21), praças e parques públicos são espaços formadores de identidade social, pois são neles, na maioria das vezes, que os grupos se articulam e se alternam simultaneamente, em um processo de demarcação de cada território. É neste ambiente que vão ocorrer os engajamentos cívicos.

Neste contexto, a Praça Dom Antonio Zattera, se coloca em destaque na cidade de Pelotas pelo seu valor histórico e cultural, pela heterogeneidade de seus

⁵ Fernando Caetano, Arquiteto e Urbanista, projetista de espaços públicos, funcionário de carreira da Prefeitura Municipal de Pelotas, entrevista concedida em: 08/09/2016.

usuários como espaço público necessário para as interações sociais e a sociabilidade.

Possui amplas dimensões físicas e possibilidades de organização estrutural para se manter como um lugar de destaque no cenário dos espaços públicos da cidade, de forma a reproduzir a nova ideologia trazida pelo modernismo para estes espaços, a praça passa a se constituir como um local de lazer, de contemplação, do encontro ocasional, da atividade cultural, saindo de foco apenas a função comercial de que se tem conhecimento de tempos anteriores.

Sendo assim, a Praça, tem as características da praça modernista, ou seja, com áreas que vão desde equipamentos para ginástica, playgrounds, área de caminhada e quadra esportiva.

Diante do que foi dito, a Praça Dom Antonio Zattera, é considerada para Pelotas, cidade tida como um polo regional da metade sul (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2016), um espaço público de vital importância, o que nas palavras de Cunha (2003) está relacionado à necessidade de se ter espaços com estas características nas cidades atuais, porque proporcionam qualidade ao ambiente urbano, trazem uma maior funcionalidade para a cidade, a possibilidades de relacionamentos no dia a dia dos indivíduos que não são possíveis em outros locais, o que a autora atribui o significado de salubridade e sociabilidade de convívio.

A Praça Dom Antonio Zattera, a partir da ideia desenvolvida por Cunha (2003) pode ser vista como uma espécie de sala da cidade, local em que as pessoas que se deslocam dentro do perímetro urbano, usam como local de circulação, espaço de intervalo entre uma atividade e outra, além das ações típicas de final de semana nos setores da Praça. Tornou-se um lugar onde a cidade respira, momento em que os usuários do espaço se permitem ficar a vontade em interação com outros indivíduos ou sozinhos.

1.2 O contexto histórico da cidade de Pelotas e da Praça Dom Antonio Zattera

As referências históricas do surgimento do município de Pelotas datam do século XVI, por volta do ano 1758 a partir das terras pertencentes ao Coronel Thomaz Luiz Osório, localizadas às margens da Lagoa dos Patos (IBGE, 2016).

Segundo Varoto (1995, p.36), a origem da formação populacional do município nesta época está relacionada a diversos fatores. Entre os principais destacam-se os de que, muitos habitantes chegavam da Vila de Rio Grande, fugindo da invasão espanhola por volta do ano de 1765, outros habitantes eram retirantes da Colônia de Sacramento, que fora entregue em 1777 pelos portugueses aos espanhóis, todos eles tiveram em comum a busca das terras do Coronel Thomaz Luz Osório à margem da Lagoa dos Patos como local de refúgio.

Outro marco histórico da cidade de Pelotas está relacionado à economia, com a chegada em 1780, do português José Pinto Martins, que abandonara o Ceará em consequência da seca, trazendo a cultura da carne de sol, fundando assim, às margens do Arroio Pelotas, a primeira Charqueada⁶ (SOUSA, 2016).

A prosperidade do estabelecimento, favorecida pela localização, estimulou a criação de outras charqueadas e o crescimento da região, impulsionando assim a criação do Município de Pelotas e de uma rica era de prosperidade econômica, com o comércio do Charque (IBGE, 2016).

Quanto à sequência histórica dos fatos, que política e administrativamente aconteceram para a estruturação do município, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016) traz as seguintes informações:

A Freguesia de São Francisco de Paula, fundada em 07 de Julho de 1812 por iniciativa do padre Pedro Pereira de Mesquita, foi elevada à categoria de Vila em 07 de abril de 1832. Três anos depois o Presidente da Província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga, outorgou à Vila os foros de cidade, com o nome de Pelotas, sugestão dada pelo Deputado Francisco Xavier Pereira. O nome originou-se das embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas para a travessia dos rios na época das charqueadas. Distrito criado com a denominação de São Francisco de Paula, pela Resolução Régia de 31-01-1812, e Atos Municipais n.ºs 12, de 27-08-1893, e 345, de 15-08-1905. Elevada à categoria de vila com a denominação de São Francisco de Paula, pelo Decreto de 07-12-1830, desmembrada do município de Rio Grande. Sede na antiga povoação de São Francisco de Paula. Instalada em 07-04-1832. Elevado à condição de cidade com a denominação de Pelotas, pela Lei Provincial n.º 5, de 27-06-1835. (IBGE, 2016)

Segundo Varoto (1995, p. 36), Pelotas, na história do municipalismo do Estado do Rio Grande Sul, foi o sexto município a ser criado, sendo os quatro primeiros, Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antonio da Patrulha. Pelotas foi precedido pelo município de Cachoeira do Sul e sucedido por Piratini.

⁶ Local de produção de charque ou carne seca manufaturada para longa duração.



Figura 3: Vista de Pelotas, 2016.

Fonte: GOOGLE, 2016.

A proximidade com o Oceano Atlântico e com a Lagoa dos Patos influenciou Pelotas positivamente no seu desenvolvimento econômico, primeiramente com a exportação do charque e mais tarde, diante de suas riquezas naturais, tais como a disposição do terreno plano e o clima, e também com a possibilidade do escoamento da produção agrícola, de grande diversidade, pelo Porto da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2016).

Pelotas, com a economia crescente, acabou por se tornar o terceiro município em densidade populacional do Rio Grande do Sul, *status* que se mantém até os dias atuais, transformado num importante polo comercial, agrícola e universitário (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2016).

Com o advento da expansão econômica do município, no século XIX, ocasionado pela produção e exportação de charque, segundo Varoto (1995, p.37) muitos produtores da região começaram a viajar para o exterior, principalmente para a Europa, até mesmo radicando seus filhos temporariamente nestes locais para estudar, fato que trouxe a cidade grande influência europeia na cultura e na arte.

Os ricos charqueadores da época, na plenitude do desenvolvimento de Pelotas, no século XIX, patrocinavam o processo e os projetos urbanísticos da cidade, com a intenção de transformar Pelotas em uma referência do Estado na cultura, na arte e no lazer, segundo relato de Werner Flach e Moreira Berdete (2016, p. 199).

Com as frequentes viagens para a Europa, mais especificamente para a França, os produtores de charque da cidade, nas palavras de Werner Flach e Moreira Berdete (2016, p. 199), traziam produtos industrializados, que eram reconhecidos naquele continente pela utilidade, qualidade e refinamento, época em que abarcou na cidade diversos chafarizes, a serem colocados em locais públicos, símbolo de progresso, tido como algo de última geração e modernidade na Europa, em termos de abastecimento de água no século XIX, assim ostentava-se as riquezas nos espaços públicos, pois qualquer viajante que chegasse veria a pujança da cidade.

Foi assim que, por esta conjunção de fatos, no século XIX, a cidade começa a preocupar-se com os espaços públicos, pois além da necessidade das tradicionais famílias pelotenses com a criação de lugares destinados ao lazer da população, ao encontro e diversão, havia a necessidade da localização dos chafarizes como pontos de abastecimento público de água. (WERNER; MOREIRA, 2016, p.199)

Destacados charqueadores da época consideravam de fundamental importância, que em todos os traçados urbanísticos da cidade fossem delimitados espaços públicos, para o encontro e o lazer, momento em que as praças de Pelotas têm sua origem e sua planificação, sendo de vital relevância para a cidade até a atualidade. (WERNER; MOREIRA, 2016, p. 199)

As praças se constituíram no final do século XIX e início do século XX, como locais de extremo requinte e bom gosto das famílias tradicionais da cidade, o cuidado era de tamanha estima que o intendente Cipriano Barcelos legou, em seu testamento, vultosa quantia em dinheiro para a compra de roseiras de origem francesa, para ornamentar as dependências da Praça Coronel Pedro Osório, conforme Paradedda (2003, p. 258).

Mais tarde, já no início do século XX, segundo Paradedda (2003, p.107-108) as praças do centro da cidade passaram por uma fase de modernização, cujo principal aspecto estava relacionado à arborização e à jardinagem, momento em que as famílias tradicionais da cidade davam grande importância a esta mudança e financiavam os custos de implantação e manutenção destes locais.

Foi neste contexto que no século XIX, no ano de 1875 foi criada a Praça General Câmara, mais tarde teve alterada sua denominação oficial para Praça Julio de Castilhos, também conhecida como “a Praça dos Macacos” que, desde o ano de

2000, por decreto legislativo aprovado a partir de um projeto do vereador Eduardo Abreu, passou a chamar-se Dom Antonio Zattera, hoje auto denominado pelo poder público como Parque, campo deste trabalho de pesquisa.

Para Monquelat (2015, p.12), a troca de nomes da Praça, nem sempre teve justificativas aceitáveis, e o que mais se evidenciou como causa das mudanças foi o compadrio político para prestar homenagens a determinadas figuras políticas que sequer tiveram qualquer relação com o espaço, determinando assim de certa forma, a perda da identidade da Praça com a população de Pelotas.

Segundo Monquelat (2015, p.229) para sua fundação, no ano de 1875, foram desapropriados vários terrenos, de diversos proprietários que custaram à época aos cofres municipais a quantia de 29:128\$442 (vinte e nove contos, cento e vinte e oito mil quatrocentos e quarenta e dois réis), tendo inicialmente as seguintes dimensões:

A área abrangia todo o espaço compreendido entre as Ruas Andrade Neves e General Vitorino (atual Anchieta), Avenida Bento Gonçalves, ao sul, e Rua 24 de Fevereiro (atual Dr. Amarante), ao norte. Tem esta praça, ainda hoje, a mais vasta área de todas as praças da cidade e fica situada na parte norte. Comporta duas quadras de terreno, através do qual se prolonga a Rua 15 de Novembro em direção à Avenida Dom Joaquim Ferreira de Melo, razão pela qual, segundo Alberto Coelho da Cunha, veio a dividi-la em duas seções. Mede pelas faces de leste e de oeste 175 metros, de norte e de sul 198. (MONQUELAT, 2015 p. 229)

Destaca-se desde então, por ser a maior praça pública do centro da cidade, tanto em dimensões físicas, como em área verde, proporcionando aos usuários vasta área de convívio. Possui, segundo Monquelat (2016), grande valor histórico e cultural pelas representações simbólicas que foram agregados ao local, entre eles, como já dito, o centro cívico ou altar da pátria.

Segundo Werner Flach e Moreira Berdete (2016, p.201), inicialmente, na data de sua fundação, teria sido pensado como um local para a instalação de um dos chafarizes destinados ao abastecimento de água no século XIX, mas devido a sua distância do aglomerado populacional na época e por não haver nada de interessante no terreno, a proposta foi rejeitada.

A proposta da canalização de água, segundo Monquelat (2015, p.231), foi realizada no dia 13 de dezembro de 1875, numa sessão extraordinária pela Câmara Municipal, da qual se determinou a formação de uma comissão de moradores para colher a subscrição entre os moradores interessados na instalação de uma torneira pública ou “bica d’água”, pela Companhia Hidráulica Pelotense.

Vejamos o relato de Monquelat (2015), sobre a interação entre os moradores do entorno, o poder público e a imprensa local para dar melhores condições à Praça no momento de sua fundação, envolvimento coletivo da comunidade Pelotense que perdurou até, praticamente, a metade do século XX.

O jornal A Discussão de 18 de setembro de 1884 alertava para o fato de que, no momento que a Câmara estava procedendo aos reparos em diversas ruas e tomara medidas higiênicas, a Praça General Câmara que virara depósito de lixo e, com tal situação os habitantes daquele entorno não agüentavam mais suportar os miasmas que dali exalava as imundícies ali depositadas, tornando-se, portanto imprescindível a sua remoção. Nesses tempos, dizia o jornalista, em que o cólera nos ameaçava com a sua visita, era importante não descuidar um só instante da limpeza da cidade.[...] O aterro da Praça General Câmara **O jornal Rio-Grandense, de 25 de agosto de 1885**, através de uma nota dirigida aos Srs. fiscais da Câmara, denunciava que não era higiênico o aterro que estavam fazendo na Praça General Câmara, logo ao sair à Rua São Miguel (atual 15 de Novembro). O aterro estava sendo feito com cisco (lixo), intercalado de animais mortos, o que, segundo o jornalista, dava causa aos moradores da circunvizinhança ficar privados de chegarem às portas e janelas de suas casas, com receio de serem “asfixiados com o odorífero” cheiro que exalava o tal aterro. E concluía a denúncia dizendo que se os Srs. fiscais em vez de estarem de palestra na câmara, cuidassem mais de suas obrigações, não teria o jornal motivo para fazer aquela reclamação: aterrassem aquele lugar com cascode e não com lixo, como estavam fazendo. E, por último, que conversassem menos e trabalhassem mais. (MONQUELAT, 2015, p.238) - Grifo nosso.

Segundo o mesmo autor, esta não teria sido atividades isoladas da imprensa da época, em relação às condições da Praça, envolvendo os moradores do entorno que, identificados com o local, participavam ativamente em ações que pudessem trazer melhor condições de aproveitamento do lugar, não só em relação às condições físicas, mas também de segurança e convívio.

Para Werner Flach e Moreira Berdete (2016, p.201) existem relatos indicando que, a partir de 1917, o local começou a receber melhorias, com iluminação e jardins e, em 1924, foi instalado um *kind-garden*, uma espécie de jardim da infância, símbolo de cultura em países abastados, influência trazida da Europa pelas famílias tradicionais da cidade, cuja finalidade principal era a recreação das crianças.

No decorrer do século XX, as autoridades políticas e administrativas do município foram utilizando este espaço público como uma espécie de memorial, pois vários símbolos representativos foram agregados à Praça, homenageando figuras ilustres que historicamente se encontravam em posições opostas, como exemplo, o busto de Bento Gonçalves, General da Revolução Farroupilha que lutava contras as forças Imperiais, que se encontra lado a lado com o monumento de Almirante

Tamandaré, figura importante da Marinha do Brasil, histórico defensor do Imperialismo (MONQUELAT, 2016).

Segundo Zanela (2009), a inclusão dos principais símbolos teve um sequenciamento no decorrer do século XX, como segue:

[...] Ali está o Altar da Pátria, cuja pedra fundamental foi assentada no dia sete de setembro de 1952 por incentivo do então presidente da Liga da Defesa Nacional Apody Almeida de Oliveira. Antes os atos cívicos da Semana da Pátria eram realizados em palanque montado na praça Coronel Pedro Osório.[...] O busto do general gaúcho, erguido no centenário da revolução em 1985, convive lado a lado com símbolos contraditórios, entre esse marco patriótico nacionalista e o monumento que homenageia o Almirante Tamandaré, militar rio-grandino, patrono da Marinha do Brasil e historicamente defensor do Império.[...] Atrás do Almirante Tamandaré, próximo à esquina da rua Anchieta, se encontra um monumento em memória de Joaquim Rasgado (1863-1917) erguido em 1942. O médico teria ficado conhecido por esse nome por se dedicar ao próximo a tal ponto de andar vestido maltrapilho.[...] Mais ao fundo, de frente para a rua Doutor Amarante, fica a “Cruz da Vitória” inaugurada em 1945 em comemoração ao sucesso das Forças Aliadas. Em latim, a inscrição “Cristo vence, Cristo reina, Cristo impera” representa a supremacia das Forças Aliadas sobre os nazistas, em nome de Deus.[...] A poucos centímetros do chão, ao lado do busto de Joaquim Rasgado, há ainda um monumento quase imperceptível. O marco de número 1965 do IBGE é um dos 36 existentes em Pelotas que serve para a medição de dados como latitude, longitude e altitude do município. Também no parque, próximo à esquina da Bento com Andrade Neves, foi erguido em 1993 um monumento à Bíblia, pela Associação de Pastores Evangélicos de Pelotas. O marco, antes coberto de listas coloridas, foi reformado junto com as demais obras do parque, e agora é revestido de granito preto. [...].

O local desde a sua origem, sempre teve um forte objetivo de prestar à comunidade a possibilidade de recreação, educação e cultura, tanto que no seu interior, desde 1963, passou a sediar a Escolinha Municipal de Arte, que hoje ainda leva o nome de sua primeira diretora, Ruth Blank.

Outros acontecimentos ao longo da história acabam por confirmar a intenção original da criação da Praça, como a fixação no seu interior de entidades ligadas a estes capitais sociais. Como exemplo, destaca-se a antiga escola João Afonso, na esquina das ruas Andrade Neves e Amarante, que já serviu de abrigo para o Movimento Bandeirante e, que desde 2001, sedia a Academia Pelotense de Letras, por convênio com a Secretaria de Educação do município (MONQUELAT, 2016).

Quanto aos fatores relacionados com as interações sociais entre os usuários da Praça, cabe destacar a existência de um minizoológico, que contava com macacos, jacarés, pássaros, etc., isto até a década de noventa quando a Praça era denominada de Júlio de Castilhos. Enquanto as famílias tomavam chimarrão, as

crianças brincavam no parquinho e dividiam suas pipocas (porque havia pipoqueiros na praça) com os animais que viviam no parque, soltos ou resguardados nos viveiros (MONQUELAT, 2016).

Atualmente a denominação Parque Dom Antonio Zattera, homenageia o bispo de Pelotas, da mesma alcunha que viveu entre os anos de 1899-1987, por suas obras grandiosas, pela educação e filantropia, bem como pela fundação da Universidade Católica de Pelotas e do Instituto de Menores (Zanela, 2009).

1.3 A Praça como espaço público mediador das interações sociais na cidade de Pelotas

A Praça Dom Antonio Zattera, como espaço público urbano, aparece como um local de importância histórica para as interações sociais da cidade, dos movimentos culturais, dos movimentos políticos e da própria formação política dos habitantes da cidade. Trata-se de um espaço mediador de encontros que possibilita uma construção individual e coletiva, sempre viva em constante elaboração, possível e necessária de ser pesquisada a qualquer momento, principalmente em Pelotas pela sua gênese histórica.

Para se compreender o papel do espaço público urbano e as interações sociais acontecidas nestes lugares, é importante focalizar o próprio papel da cidade, enquanto local de socialização que, pela sua natureza constitutiva, caracteriza-se como uma obra nunca acabada e sempre passível de modificações (LEFEBVRE, 2001 p.21).

Nestes espaços públicos são identificados os frequentadores ou usuários cotidianos do lugar, o poder público como responsável pelo local e a vizinhança dos arredores que compõem seu entorno, bem como o próprio espaço em si, do ponto de vista da suas características físicas como elementos necessários para o estabelecimento de interações sociais.

Os espaços públicos da cidade de Pelotas, entre eles as praças públicas, no decorrer do tempo, a exemplo do que ocorreu em todo o mundo, com o advento do surgimento da sociedade e cidade industrial, por consequência, passaram por profundas mudanças de concepção, conceitos e principalmente de utilização, isto na virada do século XIX. Para Serpa (2014, p.19), com o advento do capitalismo a

principal mudança está relacionada à padronização dos espaços públicos, justamente a perda da arquitetura específica de cada local em detrimento da adaptação ao urbanismo visual e repetitivo das estruturas urbanas.

A partir deste momento histórico, segundo Serpa (2014, p.26-27) tem-se uma divisão bem marcada da importância do espaço público, doravante visto pela ótica da praça pública, antes e depois da era industrial, ou seja, os fundamentos da praça pública antecedente a industrialização e consequentes a ela.

Os espaços públicos, no caso a praça pública, são espaços, nas palavras de Serpa (2014 p. 20), nunca constituídos a partir de uma arbitrariedade ou decisão isolada de uma autoridade do estado, são criados a partir de uma representação que mantém vínculos com determinadas realidades do cotidiano e que acabam, por assim dizer, carregando em si uma identidade social.

No período pré-industrial, as praças públicas, carregavam consigo a representação de uma identidade social ligada ao modo das próprias cidades pré-capitalistas, que segundo Lefebvre (2001, p.21), a forma da utilização das cidades estava vinculada ao seu valor de uso e não de troca. Neste sentido, a história demonstra que esta transição não se deu de forma gradual como em outras fases da história, ou seja, a transição da fase pré-industrial para a cidade industrial aconteceu de maneira abrupta, tendo como consequência o que o autor chamou de, “a crise das cidades”.

Nesta fase pré-industrial, as praças eram construídas com funções próprias de espaço público urbano, livre de qualquer construção em seu interior, ou seja, um espaço totalmente livre para convivência recreação entre os seus usuários. Para Robba e Macedo (2002, p.17), as praças tinham uma amplitude muito maior de uso que a simples utilização para recreação e lazer, eram, a exemplo da ágora Grega, localizadas ou delimitadas por um mercado, locais em que aconteciam intensos debates sobre temas e ideias que dominavam aquela época, democracia, ciência e cultura.

Ainda segundo Robba e Macedo (2002, p.17), até o século XVIII, a localização das praças estava delimitada às zonas de comércio ou ao redor das Igrejas, quando não somente em áreas dos palácios, nem sempre inseridas no contexto urbano. Somente a partir do século XIX que os projetos arquitetônicos das

praças foram concebidos para fazer parte do contexto urbano, com funções específicas de espaço público urbano.

Após o processo de industrialização e o advento da internacionalização do capitalismo, as cidades, agora priorizadas pelo valor de troca, passaram a refletir em seus espaços urbanos características destes sistemas, qual seja a valorização imobiliária, a adaptação do meio urbano às prioridades da cidade industrial. A expansão do capitalismo começou a ditar o traçado das cidades e, com isto, os projetos dos espaços públicos e das praças públicas começam a se curvar diante desta imposição, fazendo com que uma única voz se ouça na formação destes lugares, o capital, muitas vezes não refletia a identidade social e cultural do meio em que são construídos.

Para Caldeira (2007, p. 3), a ideia de praça, trazida das ágoras Gregas, ou dos locais apropriados para as grandes discussões dos temas da atualidade, como nos fóruns romanos, na contemporaneidade deram espaço ao traçado geométrico, ao desenho arquitetônico protocolar, não guardando identidade com os potenciais usuários das respectivas praças, até mesmo em completa dissonância com o próprio entorno do local.

Sitte faz a seguinte afirmação sobre a praça como espaço público na contemporaneidade, tanto em relação a suas dimensões físicas como sua utilização e, conseqüentemente, uma influência direta na possibilidade das interações sociais e capitais sociais possíveis de ali serem adquiridos e ofertados.

Hoje raramente utilizadas para festas públicas, e cada vez menos para um uso cotidiano, elas servem, na maioria das vezes, a nenhum outro propósito além de garantir maior circulação de ar e luz, provocar certa interrupção na monotonia do oceano de moradias e, de qualquer maneira, garantir uma visão mais ampla sobre edifício monumental, realçando seu efeito arquitetônico. Que diferença da Antigüidade! Nas cidades antigas, as praças principais eram uma necessidade vital de primeira grandeza, na medida em que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública, que hoje ocupa espaços fechados, em vez das praças abertas. (SITTE 1992, p.16-17)

Depreende-se das palavras de Sitte (1992), que o desenho das praças públicas nos tempos atuais, considerando todos os seus fundamentos estruturais, de concepção e de aporte físico, não prioriza os aspectos interacionais e de sociabilidade entre as pessoas, muito embora devesse ser, por se tratar de espaço público, o lugar por excelência da reunião e do encontro, proporcionar, indistintamente, o convívio e aproximação entre todos.

Ao fazer uma relação das praças modernas, com as praças da antiguidade, o autor relaciona a falta da discussão dos grandes temas nestes locais que, de certa forma, eram fomentados pelos poderes constituídos do lugar, principalmente da Grécia antiga, em que o debate público trazia a tona toda forma de inquietude a cerca de política, ciência e sociedade de toda uma época.

Mesmo diante de todo esse contexto da modernidade, em que a praça pública é concebida sem ouvir ninguém a não ser o apelo do urbanismo da cidade capitalista, percebe-se que a praça resiste, ainda é e se constitui como o lugar próprio do convívio, que carrega consigo a história de cada cidade e de seu simbolismo, tem-se nela uma reunião do concreto e do imaginário, o local em que as interações sociais se estabelecem de uma forma ou de outra com suas dinâmicas apropriadas a cada local, promovendo muitos capitais sociais que ali são adquiridos e ofertados pelos seus usuários.

1.4 As interações sociais em praças públicas como área do conhecimento sociológico

As interações sociais nos espaços públicos, mais precisamente nas praças públicas e os respectivos capitais sociais envolvidos nestes locais, despertaram a curiosidade científica e são objetos de pesquisas nas ciências sociais, particularmente na sociologia, pela relevância do assunto.

Para a continuidade deste trabalho de dissertação, foi de suma importância à reflexão que se fez do tema da pesquisa a partir de um levantamento, utilizando a pesquisa documental que nos colocou, enquanto pesquisador, próximo da realidade do que está sendo estudado pela comunidade acadêmica, evitando, portanto, investigações improdutivas, fornecendo o amadurecimento e o direcionamento da pesquisa.

A revisão dos trabalhos já realizados abordando a área do conhecimento que se está investigando, possibilita o acesso a um cenário atualizado das produções acadêmicas e científicas em vários campos do saber, permitindo o aperfeiçoamento da pesquisa objeto desta dissertação.

De acordo com Morosini e Fernandes, o estado do conhecimento tem sua importância na fase exploratória, pois localiza e norteia os passos da investigação, portanto:

O Estado de Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. [...] a construção do Estado de Conhecimento, fornece um mapeamento das idéias já existentes, dando-nos segurança sobre fontes de estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos compreender silêncios significativos a respeito do tema de estudo (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p.158).

A partir das afirmações de Morosini e Fernandes percebeu-se que o objeto da presente pesquisa, relativo às interações sociais e os capitais sociais presentes na praça pública, tem relação com outras áreas das Ciências, além da Sociologia, como a Arquitetura e Urbanismo, a Geografia Física e Psicologia, entre outras, e que o contato com estes trabalhos contribui para a elaboração da dissertação.

Definido o foco da revisão bibliográfica com base nos autores, realizou-se um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com filtro de pesquisa para “interações sociais” e “capitais sociais em praças públicas”, com ênfase em trabalhos de dissertações e teses nos programas de Pós-Graduação de Sociologia, Arquitetura e Urbanismo e Geografia entre outras áreas correlatas que tratam do assunto. Para a seleção dos trabalhos foram utilizados como critérios, áreas que contemplassem a variedade de elementos que constitui esse tipo de pesquisa.

Na área da Sociologia, propriamente dito, foram selecionados dois trabalhos cujo objetivo era observar o tratamento científico e a forma de pesquisar desse tema. Na área da Psicologia foi selecionado um trabalho com a intenção de se verificar o estudo do comportamento dos indivíduos nos espaços públicos sob a ótica desta ciência. Nas Ciências Ambientais e na Geografia foram escolhidos dois trabalhos que contribuíram com os elementos relacionados ao espaço físico, tanto do ponto de vista estrutural como histórico e a relação com sustentabilidade ambiental, tratando assim da relação do indivíduo com o próprio espaço público.

Como primeira referência, analisou-se o trabalho desenvolvido por Ricardo Bruno Cunha Campos “Medo e violência na cidade: imagens, discursos e sociabilidade nas praças de João Pessoa-PB”, tese apresentada em 2014, no Programada de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O autor contextualiza a questão da sociabilidade a partir da cultura das cidades contemporâneas, tendo o medo da violência no cotidiano das praças públicas como um fator a ditar a dinâmica das interações sociais nestes lugares que, deveriam ser por excelência o lugar da integração, da igualdade da cidadania e da expressão política com toda a sua plenitude.

A segunda referência trata-se do trabalho de Marco Antônio Martins da Cruz, “Usos e apropriações sociais do espaço público nas praças de São Luís do Maranhão”, dissertação apresentada em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão.

Neste trabalho o autor investiga quais as práticas sociais utilizadas pelos indivíduos nos espaços sociais públicos da cidade contemporânea, bem como o transcurso no tempo dessas condições sociais de usos, de apropriações e de interações nas praças públicas de São Luís que, com vistas ao processo da construção da sociabilidade, demonstrando no estudo os conceitos de espaço e lugar, de indivíduos em ação e suas identidades com os locais.

O terceiro trabalho visto trata-se da dissertação de Camila Klein “Experiências afetivas urbanas: A relação dos habitantes com sua praça central”, apresentado em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa.

Neste trabalho a autora tem como objeto de pesquisa, o espaço público e as praças públicas, como locais cuja interação pode ser mediada a partir da afetividade existente entre os frequentadores do local, compreendendo emoções e sentimentos que, uma vez identificados, podem dizer sobre as relações que estas pessoas estabelecem com a praça, com a cidade e os demais espaços urbanos que fazem parte de seu cotidiano, dando uma dimensão, por assim dizer, do que são capazes de oferecer e absorver em relação a esses lugares.

O quarto trabalho analisado foi de Cleunice Gelsky Mesquita, “A praça como espaço público: um estudo de caso na cidade de Tubarão – SC”, dissertação em 2015, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

A temática desenvolvida pela autora prende-se a identificação dos comportamentos interacionais que são possíveis na praça pública, enquanto espaço público nas cidades que, segundo a psicologia ambiental, tem um papel definido e

às questões da facilitação da sociabilidade, utilizando para isso padrões estéticos e valores simbólicos para influenciar os frequentadores, na concretude das relações sociais.

Como meio para atingir seus objetivos, a autora fez um estudo de caso na Cidade de Tubarão, em Santa Catarina, medindo, a capacidade da praça pública em influenciar os indivíduos no processo de interação social e na capacidade dos usuários de se apropriarem desses locais como espaço próprio, para o encontro e troca de experiências.

O quinto e último trabalho da revisão trata-se da dissertação de Marina da Silva Teixeira “O processo de degradação e revitalização dos espaços públicos: usos e apropriações das praças públicas no centro histórico de João Pessoa – PB”, apresentado em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba.

Neste trabalho a autora buscou analisar a transformação das praças públicas no centro de João Pessoa, partindo dos usos destes espaços e da participação de seus principais atores: usuários entorno e poder público, no processo de degradação e revitalização, referenciando sempre a relação de dominação e apropriação que ocorre nestes espaços, quando os agentes estão em interação ou ausentes.

Por fim, a revisão dos trabalhos realizados com assuntos correlatos ao desta dissertação, foi contemplada com a escolha de cinco trabalhos que possibilitaram cada um com suas particularidades, contribuir para a localização no mundo acadêmico do que se pesquisa em termos de interações sociais e capitais sociais adquiridos ou ofertados em espaços públicos.

Desta forma, a temática da presente pesquisa, após a revisão bibliográfica obteve o ingresso das experiências dos trabalhos já realizados sobre o assunto em todos os seus aspectos, do ponto de vista histórico com a evolução da cidades e a contemporaneidade do espaço público, do envolvimento dos atores (usuários, entorno e poder público) e na capacidade de degradação e revitalização destes ambiente, bem como a possibilidade de se verificar os níveis de afetividade nas relações sociais existentes nestes lugares.

Capítulo II - As possibilidades de interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera a partir de suas características

O presente capítulo tem por objetivo proporcionar uma visão do espaço interno da praça relacionado as suas dimensões físicas e suas subdivisões em setores, bem como uma descrição dos atores envolvidos no seu ambiente, frequentadores, entorno e Poder Público. As vivências e o ambiente dos ajuntamentos numa dimensão histórica das interações sociais, questões relacionadas aos tipos possíveis de sociabilidade e de capitais sociais envolvidos.

2.1 As dimensões físicas da Praça Dom Antonio Zattera como espaço mediador das interações sociais

Localizada na Avenida Bento Gonçalves, com as Ruas Andrades Neves, Padre Anchieta e Dr. Amarante, hoje centro da cidade de Pelotas, à época de sua criação no ano de 1875, era tido como uma praça periférica, pois a concentração da cidade, o centro comercial ficava exatamente no outro extremo da cidade.

Atualmente, a Praça é identificada como sendo um espaço público que traz consigo representações históricas e culturais, monumentos e símbolos que dizem da sua trajetória no tempo bem como da própria cidade de Pelotas.

A Praça Dom Antonio Zattera, tem uma extensão de 38.000m² de área, possui em seu interior locais específicos que possibilitam a pratica de atividades diversificadas, proporcionando assim ambientes para diversas formas de interações sociais e que podem ser desta forma identificados:



Figura 4: Setor Cívico - Altar da Pátria quadra da Avenida Bento Gonçalves
Fonte: Foto do autor

O Altar da Pátria ou Centro Cívico, localizado na quadra da Avenida Bento Gonçalves é local de encontro nos fins de semana e possíveis interações nos dias de comemorações dos feriados cívicos nacionais, estaduais ou municipais. Esta parte é carregada por um grande simbolismo, com busto de Bento Gonçalves, herói da Revolução Farroupilha, monumento em homenagem à Marinha do Brasil na figura do Almirante Tamandaré entre outros.



Figura 5: Setor de práticas esportivas - pistas de skates
Fonte: Fotos do autor

O setor de práticas esportivas, conta com duas pistas de skates, localizadas no interior da Praça, também utilizada pelos ciclistas para a pratica de exercícios com bicicletas.



Figura 6: Academia de ginástica
Fonte: Foto do autor

A praça conta também, desde agosto de 2016, com uma academia ao ar livre. A academia fica na quadra da Rua Dr. Amarante, e integra parte do Programa “Academia da Saúde” do MS , implantado pelo Governo Federal no ano de 2011. O objetivo do programa surgiu inspirado em algumas iniciativas que vinham sendo desenvolvidas em Recife, Curitiba, Vitória, Aracaju e Belo Horizonte.

As experiências destas cidades tinham em comum a prática da atividade física e outras práticas corporais, a presença de profissionais orientadores, o uso e a potencialização de locais públicos como espaços de inclusão, de participação, de lazer, de promoção da cultura da paz, sendo custeadas e mantidas pelo poder público. A avaliação positiva dessas experiências reforçou a idéia do fortalecimento de iniciativas semelhantes em todo o país na forma de um programa nacional no âmbito do SUS.

Segundo o Diretor de desporto e lazer da SMED, à época da instalação, em agosto de 2016, Sergio Ferreira “as academias disponibilizadas ao cidadão favorecem não só práticas saudáveis, como o esporte, mas também o lazer”.



Figura 7: Setor de recreação infantil - Brinquedos
Fonte: Fotos do autor

Setor de recreação infantil possui variados brinquedos, balanços, gangorras e escorregador, aberto ao público para livre utilização em tempo integral. Continuamente ao setor de recreação infantil, existe um mini-parquinho que tem seu funcionamento limitado aos fins de semana ou feriados, porém não gratuito, com pequenos brinquedos motorizados.



Figura 8: Setor de práticas religiosas - Monumento de culto à Bíblia.
Fontes: Foto do autor

Na quadra da Rua Andrade de Neves, fica localizado um monumento de culto à bíblia, inaugurado em 12 de dezembro de 1993, por iniciativa da APEPEL. Neste local, acontecem as pregações de cunho religioso.



Figura 9: Setor de educação e cultura - Escola Ruth Blank e Academia Pelotense de Letras.
Fonte: Fotos do autor

No interior da Praça também estão localizadas duas instituições, quais sejam a Academia Pelotense de Letras e a Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank. A primeira, localizada na Praça desde 2001, na esquina das Ruas Andrade Neves com Dr. Amarante onde, anteriormente, funcionava a sede do Movimento Grupo de Escoteiros Bandeirante de Pelotas. A segunda está localizada na esquina da Rua Dr. Amarante esquina com a Rua Padre Anchieta e atende crianças em idade pré escolar até 6 anos.



Figura 10: Setor de circulação e áreas verdes - Passeios do interior da Praça
Fonte: Fotos do autor

A Praça possui entre os setores, extensa área verde e de circulação, com bancos e gramados, proporcionando aos usuários espaço para descanso e lazer.

São partes da Praça que, são utilizados para eventos de toda natureza: como shows, comícios, férias, etc.

A divisão da Praça em setores e a escolha destes lugares no seu interior, de acordo com os relatos históricos, sempre aconteceram por iniciativa do poder público, ou seja, os usuários não tiveram participação, ou foram ouvidos a respeito da estruturação do local, isto principalmente no começo do século XX.

A estruturação do local começou de maneira mais efetiva somente a partir do ano de 1917, quando o mesmo começou a receber melhorias significativas como iluminação e jardins, sendo que em 1924 foi instalado um *Kind-Garden*, como mencionado no tópico 2.2. De acordo com o Arquiteto Urbanista Fernando Caetano (2016), especialista em biosistemas urbanos, um dos aspectos físicos do local do qual se percebe e se comprova a falta de projetos para a composição física da Praça, diz respeito ao plantio das árvores que foram feitos, pois segundo este especialista não são espécies adequadas para praças públicas urbanas e sim para bosques e parques, que arquitetonicamente tem outra configuração de espaço, não próprios para áreas centrais das cidades.

A escolha destas espécies de árvores para a Praça Dom Antonio Zattera com o decorrer dos anos trouxe como consequência, a pouca luminosidade no seu interior. A falta do contato da luz solar o solo, pelo fechamento das copas destas, ocasiona uma densa umidade no local durante o inverno, dada a dificuldade da dispersão de água por ocasião das chuvas (CAETANO, 2016).

De outra forma, estas espécies são de difícil manejo, e pelo seu tamanho acabam não recebendo os cuidados necessários durante toda sua existência a não ser quando causam inconveniente, por ocasião dos vendavais ou pelo apodrecimento natural, momento em que são cortadas e removidas da Praça (CAETANO, 2016).

Esta configuração física da Praça acaba por ter uma relação direta com as interações sociais e os capitais sociais que os usuários da Praça possivelmente possam estabelecer no seu interior. A falta de visibilidade externa frente à vasta vegetação propicia o anonimato no interior da Praça, facilitando ações relacionadas a algum tipo de violência e dificulta o acesso ao local nos dias pós-chuvas.

Segundo Caetano (2016), a tendência de uma praça pública de centro urbano, quando tem a configuração de um parque ou quando inadequadamente foi

concebida como bosque, é a homogeneidade da vegetação, ou seja, em um bosque ou em um parque a vegetação cresce livre, pois ali há uma adequação dos indivíduos a natureza que, de forma abundante, cresce sem limites, contrário da praça que deve ter vegetação contida, capaz de ser manejada.

Torna-se um processo contínuo, a densa vegetação cresce indistintamente sem limites, dando ao local uma aparência de descuido diante da falta de manejo, o ambiente fica com seu aspecto visual prejudicado, fazendo com que os usuários evitem o local, ou quando presentes interajam com o lugar de forma ainda mais prejudicial, como exemplo, não cuidando do espaço, sob a falsa justificativa de que se o poder público não cuida estes também não o farão, jogando lixo ou depredando as dependências.

2.2 O entorno, os usuários e o Poder Público como atores das interações sociais na Praça

As características das interações sociais e dos capitais sociais presentes na Praça podem ser percebidas e estudadas a partir do conhecimento do entorno, dos usuários do espaço e do Poder Público Municipal, principais agentes envolvidos neste processo.

2.2.1 O entorno da Praça Dom Antonio Zattera

O entorno é composto, por instituições públicas, esportivas, educacionais, de assistência e religiosas, por estabelecimentos comerciais e por residências de particulares. A ocupação habitacional do entorno pode ser vista pelos dados dispostos na tabela abaixo:

Tabela 1: Características da ocupação do entorno da Praça Dom Antonio Zattera.

Tempo de Existência	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos à Praça em todas as ruas limítrofes			Total
	Instituições Assistenciais, Educacionais, Esportivas e Religiosas	Comércio Indústria e Prestação de Serviços	Residências	
0 – 10 anos	2	5	0	7 (41%)
10 – 20 anos	0	2	2	4 (23%)
20 – 50 anos	0	3	0	3 (18%)
50 -100 anos	0	0	0	0 (0%)
+ - 100 anos	3	0	0	3 (18%)
Total das unidades por padrão	5	10	2	17 (100%)
Total geral das unidades	17			

Fonte: Elaboração do autor

2.2.1.1 Instituições Assistenciais, Educacionais, Esportivas e Religiosas

Das instituições, cabe destaque ao Asilo de Mendigos, localizado na quadra da Rua Dr. Amarante, instituição centenária. Seu surgimento segundo relatos históricos aconteceu no ano de 1889 sob forte resistência da vizinhança em virtude de localizar-se em zona urbana e principalmente pela proximidade da Praça. Monquelat (2015, p.241, 242), traz em sua obra os seguintes registros do fato:

O redator do Jornal “A Pátria”, jornal de propriedade do Sr Ismaeel Simões Lopes, dia 3 de janeiro de 1889, em longo arrazoado se manifesta contra a instalação do Asilo de mendigos no entorno da Praça Conde d’Eu, arrazoado esse que, por longo, reproduzimos pequenos trechos, quais sejam: “Alem de sermos opositores á construção do palácio [Asilo de mendigos] pelas razoes simples e clarissimas de que, evaporados os dinheiros nas bambinelas[bambolinas,cortinas] de cimento e gesso, mármore etc. faltarão recursos para o custeio da instituição, condenamos também o local escolhido.[...]Recolher-se-ão à instituição toda a classe de pobres com seu cortejo de misérias e doenças, e hão de ser submetidos aos preceitos da higiene interna e externa. Perguntamos: Que cérebro esclarecido pode na atualidade aconselhar a edificação de uma instituição de tal ordem no centro de uma cidade? Temos certeza de que, se fora ouvido qualquer higienista, esse lembraria a distância respeitável de légua mais ou menos distante.

Percebe-se pelo relato que, a vizinhança da Praça, demonstrava naquela época interesse quanto às condições do local, mesmo de maneira excludente do

ponto de vista social, quando da não aceitação pela população do entorno da Praça da instalação do asilo de mendigos, fato que poderia ter levado os necessitados ainda a uma situação de maior dificuldade, caso tivesse acontecido.

2.2.1.2 O comércio, a indústria e a prestação de serviços

Em relação aos estabelecimentos comerciais, indústria e Prestação de serviços, existem ramos de toda ordem, como restaurantes, farmácias, lojistas, fábrica de uniformes, posto de combustível, gêneros alimentícios e clínicas médicas, demonstrando que, no entorno da Praça, se considerado o acesso ao comércio, tem-se a circulação de um público com diferentes interesses, que pela proximidade tem possibilidade de frequentar a Praça.

Uma característica importante a se ressaltar, diz respeito ao tempo de existência dos estabelecimentos comerciais do entorno. Das unidades pesquisadas, sessenta e quatro por cento (64%) tem menos de vinte anos de existência no local, e o restante, trinta e seis por cento (36%) entre vinte e cinquenta anos, dado importante a ser considerado na análise dos resultados em relação à possibilidade de interação da vizinhança com a Praça e a identificação com local, dada a rotatividade de proprietários destas unidades comerciais.

No entorno atualmente, aos sábados e domingos, na Avenida Bento Gonçalves, quadra em frente à Praça, funcionam respectivamente feira de hortifrutigranjeiros e feira de artesanatos, momento em que se percebe grande fluxo de pessoas atraídas pelo consumo no local e que acabam por acessar a praça. No entanto, trata-se de um público, segundo observações não participantes feitas no local, com variadas características, diferentemente dos frequentadores do restante do entorno comercial, pois estes guardam relação direta com a finalidade de cada estabelecimento.

2.2.1.3 As residências

As residências são compostas principalmente por edificações verticais, e em menor número em relação às demais instituições e estabelecimentos comerciais do entorno, guardam uma proporção, segundo a pesquisa de onze por cento (11%) das

unidades pesquisadas. São moradores que em média residem no local a menos de vinte anos, dado que demonstra também haver uma rotatividade dos moradores, fator que pode influenciar na identificação com o local, ou com o processo de interação com a Praça, dado a ser trabalhado também no quinto capítulo, na análise dos resultados da pesquisa.

2.2.2 Os usuários

Os usuários da Praça Dom Antonio Zattera são em sua maioria, de pessoas que não residem no mesmo bairro da Praça. Acessam a Praça de variadas formas conforme dados das tabelas abaixo:

Tabela 2: Identificação da origem dos usuários da Praça.

Localidade	Usuários pesquisados	%
Mesmo bairro da Praça	4	31%
Em outro bairro	9	69%
Em outro município	0	0%
Totais	13	100%

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 3: Forma de acesso à Praça.

Característica da frequência na Praça	Dados dos usuários	%
Frequente sozinho	3	20%
Com Familiares	6	40%
Com grupo de amigos	0	0%
Sozinho, mas sempre me relaciono com alguém na Praça	3	20%
Outras formas	3	20%
Totais	15	100%

Fonte: Elaboração do autor

Um dado importante quanto à forma de acesso a Praça pelos dos usuários, revelado pela pesquisa, é que os mesmos frequentam a Praça com um grupo previamente constituído, geralmente a própria família e, em menor número, de forma individual, com a intenção de estabelecer novos relacionamentos.

Os dados da pesquisa revelaram também que setenta por cento (70%) dos usuários, do ponto de vista físico, não vêm a Praça como um local adequado ou raramente adequado, para as interações sociais que se propõem quando acessam o

local, para adquirir os capitais sociais que são possíveis, lazer, recreação, cultura, educação, troca de informações ou formação política.

A Praça Dom Antonio Zattera, possui espaços setorizados que possibilitam em determinados momentos identificar usuários específicos, como por exemplo, o setor onde ficam localizadas as pistas de *skate*, frequentado por sua maioria de *skatistas*, bem como por ciclistas que utilizam as mesmas pistas para a prática de ciclismo de manobra.

Outro local no interior da Praça, cujos usuários também possuem características específicas, refere-se ao espaço do setor do monumento à Bíblia, onde acontece, principalmente aos domingos, pregações religiosas, ligadas aos cultos das igrejas evangélicas que, a partir de 1993 através da Associação de Pastores Evangélicos, instituíram o local como uma referência.

Um terceiro local que merece destaque, quanto ao tipo de frequentador, diz respeito à área de recreação infantil, setor de brinquedos (balanços, gangorra, escorregador etc.) que é também frequentado, principalmente aos domingos e feriados, por crianças entre 0 a 10 anos, acompanhados pelos pais, que paralelamente aos brinquedos de livre acesso, utilizam também os brinquedos motorizados de um mini parque, que funciona principalmente aos fins de semana, porém não gratuito.

Nos demais locais, como o centro cívico, a área verde e de circulação, os usuários que utilizam estes setores, são das mais variadas procedências, acessam com intenções mais diversificadas dos que aqueles que frequentam os locais específicos descritos no parágrafo anterior.

Através da utilização da técnica da Observação não participativa como instrumento de pesquisa, foi possível identificar muitos moradores de rua que utilizam a Praça em tempo integral, principalmente durante a semana, ausentando-se apenas aos domingos e feriados, quando o fluxo de pessoas é maior, “numa clara intenção” de não serem vistos pela população.

Os moradores de rua identificam a Praça como um local de referência, mesmo sendo um espaço público, guardam alguns pertences entres as árvores, também veem o ambiente da Praça como um alento para suas dificuldades diárias de alimentação, vestuário, uma possibilidade de não serem incomodados,

principalmente, durante a semana ,quando lá se encontram e a Praça é pouco frequentada.

Por todo o exposto, em relação aos usuários, os dados da pesquisa revelaram a ausência em maior número de um frequentador que deveria ser por excelência o ocupante da Praça, quais sejam as crianças, as observações demonstraram que são frequentadores esporádicos.

A ausência das crianças na Praça Dom Antonio Zattera, constatada na aplicação da técnica da observação, teve sua elucidação na entrevista com o Arquiteto Urbanista Fernando Caetano (2016). O entrevistado afirmou que hoje a Praça esta globalizada, trata-se de um vasto espaço com uma alternância muito alta da ocupação do entorno, sendo assim não há uma identificação dos vizinhos com o espaço, por isso algumas situações, principalmente, ligadas à violência e até mesmo as condições físicas da mesma não são percebidas, pela falta de identificação e pertencimento do local, contrariamente ao que acontece nas praças dos bairros. Por estes aspectos as famílias evitam levar as crianças até a Praça.

Diante das informações, o entrevistado relatou que não são dirigidas demandas preventivas aos órgãos públicos, pois uma vez globalizada, ninguém assumi como dever cuidar da Praça, seja no aspecto físico como de segurança e, somente em casos extremos de delitos já consumados há o envolvimento do entorno.

2.2.3 O Poder Público Municipal como agente responsável da Praça Dom Antonio Zattera

A Praça Dom Antonio Zattera, na atual estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Pelotas, está ligada à SGCMU antiga SMU, momento em que foi construído um Programa de Gestão da Praça (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2016).

O Programa foi criado no ano de 2006, tendo como objetivos a recuperação e a manutenção da Praça, não só no aspecto físico e estrutural, mas também com um enfoque sócio-ambiental. Previa a criação de conselhos que implantassem planos econômicos para a obtenção de rendas para serem utilizadas na Praça, planos sócios ambientais, com a criação de comissões interdisciplinar envolvendo os

agentes públicos, entorno e usuários que, através de uma gestão compartilhada viabilizasse ações que contemplasse as necessidades e anseios dos usuários (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2016).

Do programa total acima descrito, observou-se que apenas parte da estruturação física foi concluída no ano de 2009, sendo que o restante até então não foi posto em execução, ficando a Praça atualmente sem um planejamento integrado e a presença do Poder Público Municipal no local restringe-se a Secretaria de Serviços Urbanos que limpa o lugar em determinados dias da semana e a Secretaria de Qualidade Ambiental na poda das árvores, quando as mesmas são atingidas por ventos e tem seus galhos danificados.

Mesmo com a criação do Programa em 2006, a realidade atual, com base nas observações da pesquisa, é outra diferente do planejado, o Poder Público Municipal, se faz presente na Praça somente para a limpeza básica do espaço e no aspecto da segurança, a presença da Guarda Municipal ou da Brigada Militar acontece apenas em dias de festividades ou eventos, não tendo a Praça um serviço de proteção de maneira mais efetiva, ficando o local desprotegido, tanto no aspecto do patrimônio material como da segurança de seus usuários.

Segundo a Professora Rosa Maria Almeida (2016)⁷, ambientalista que desenvolve projetos em espaços públicos e que já desenvolveu atividades neste sentido na Praça Dom Antonio Zattera, em sua entrevista relatou que todas as atividades desenvolvidas na Praça tem que obrigatoriamente serem autorizadas pela Prefeitura Municipal de Pelotas, mais especificamente pela SGCMU, principalmente se envolver questões relacionadas à estrutura física da Praça. No entanto, segundo relato da Ambientalista, as atividades são realizadas de forma isolada, por projetos individualizados, sem que os órgãos da prefeitura enquadrem no programa pré-estabelecido em 2006.

No mesmo sentido o Arquiteto Urbanista Fernando Caetano (2016), apontou a falta de um órgão integrador do Poder Público Municipal para os assuntos relativos à Praça, não só nos aspectos físicos, mas também sociológicos, que estivesse presente no local verificando as interações sociais acontecidas, fomentando a participação de outras instituições, na elaboração de eventos que estimulasse cada

⁷ Rosa Maria Almeida, professora ambientalista que desenvolve projetos relacionados a educação ambiental nas dependências da Praça Dom Antonio Zattera. Entrevista realizada em: 12/09/2016.

vez mais a utilização desse espaço público ao fim que se destina, qual seja a de mediar relações sociais na busca por cultura, política, lazer e educação, capitais sociais vitais no processo de socialização.

2.3 O contexto histórico das interações sociais da Praça Dom Antonio Zattera

Os usuários, historicamente, até então, descreveram a Praça Dom Antonio Zattera como um lugar interessante de se visitar, situada na Avenida Bento Gonçalves, centro da cidade. Revitalizada recentemente pela Prefeitura Municipal de Pelotas, a Praça conta com espaço para lazer, vias de acesso para passeios com animais de estimação e amplo espaço com sombra para tomar chimarrão (SINDIMATE, 2016).

A Praça Dom Antonio Zattera, criada em 1875, ainda carrega consigo características das antigas praças do período pré-industrial, espaços públicos utilizados por excelência para convívio e interação social, com uma forte participação, nesta época, dos moradores do entorno, que opinavam fortemente junto ao poder público sobre suas condições.

Da pesquisa de Monquelat (2015), percebe-se que havia no final do século XIX, uma gestão efetiva dos moradores do entorno e dos usuários junto ao Poder Público para a manutenção da estrutura da Praça, além do que participavam ativamente nos eventos realizados no local:

[...] foi realizada, no dia 13 de dezembro de 1875, uma sessão extraordinária pela câmara municipal, presidida pelo Sr. João Theodosio Gonçalves e, depois de lido o expediente, no qual contavam algumas propostas, o presidente indicou que a câmara nomeasse uma comissão para promover uma subscrição entre os moradores da Luz (arrabalde da cidade) afim de que por aquele meio obterem da companhia Hidráulica Pelotense, o prosseguimento da respectiva canalização de água até a Praça General Câmara (atual Praça Dom Antonio Zattera, grifo nosso).[...] aos 8 dias do mês de agosto de 1881, o jornal a Discussão anunciava que, naquele mesmo dia, as 13 horas fora inaugurada o “ novo circo de Touros” mandado construir pelo artista tauromáquico Sr Gangrena. Durante o ato de inauguração, tocou uma banda e subiu ao ar grande quantidade de foguetes e ao local acudiu público regular (MONQUELAT, 2015, p.231, 233).

Monquelat (2015) em sua obra apresenta uma coletânea de notícias e publicações de jornais da época, do início de funcionamento da Praça, final século XIX demonstrando que o local, desde o seu surgimento, tem também um histórico de conflito e de violência de toda ordem.

Em Monquelat (2015, p. 232-233, 237-238), tem-se os seguintes registros sobre os conflitos na Praça Dom Antonio Zattera na época de seu surgimento:

[...] **Briga** O jornal “A Discussão” informava aos seus leitores que dia 7 de março de 1881, entre 20 e 21 horas, na Praça Conde d'Eu , em frente à Santa Cruz, reuniram-se mais de 20 pessoas, entre “pardos e pretos”, escravos e livres, e ali travaram renhidos combates a cacete e armas de fogo, pondo em pânico toda a vizinhança. Acudiram ao local alguns policiais da seção e conseguiram afugentar os combatentes. Entre eles, foram identificados os escravos Manoel Chula, e Francisco, escravo do Sr. Manoel Farinha; Thomaz e Afonso, escravos do Sr. Manoel J. de Oliveira; os quais foram no dia seguinte recolhidos à prisão para serem castigados. As autoridades deram andamento às diligências para a captura dos “desordeiros” que faltavam.[...] **Seria crime?** O jornal Rio-Grandense do dia 1º de agosto de 11 indagava aos leitores se seria crime o que ocorrera ao recém nascido encontrado à flor da terra pelos trabalhadores do Aníbal Antunes Maciel, quando faziam escavações terreno da Praça Conde d'Eu atual D. Antônio Zattera.[...] **Violência partidária na Praça** Dizia o jornal A Nação que, dia 17 de setembro de 1883, por volta das 19 horas, um grupo de indivíduos, capitaneados pelo subdelegado Maurel, dirigiu-se à casa do Sr. João Pereira de Souza, ferreiro, residente à Praça General Câmara e, no local, tentaram seduzi-lo, com promessas, a votar no candidato Gasparista partidários de Gaspar Silveira Martins). Como João Pereira recusasse todas as promessas, que lhe faziam, e declarou que não deixaria de votar no candidato de seu partido, o Dr. Fernando Osório, os agentes eleitorais invadiram-lhe a casa, quebraram a louça que encontraram em cima, e o arrastaram para a prisão, debaixo de espadas. – Grifo nosso

À época da criação da Praça, mesmo o conflito lá acontecido, poderia ser visto como uma oportunidade de interação entre os moradores do entorno, pois estes se uniam e denunciavam os fatos ao Poder Público e à imprensa. Havia uma preocupação com o local para a solução dessas ações delituosas, de forma que a Praça se perpetuasse com as características e com os fundamentos pelos quais foi criada, como um lugar da recreação, do encontro da interação social e do lazer.

Para Johnson (1997, p. 168), “o conflito desempenha uma função importante ao chamar a atenção para a conexão existente entre experiência e comportamento individual”, ou seja, as características culturais, de estrutura e do próprio sistema social do local ditam as normas gerais de conduta, que pode chocar-se com as individualidades ocasionando momentos de tensão.

Depreende-se da obra de Monquelat (2015) que havia em relação à Praça, no período de sua criação, um sentimento de pertencimento pela vizinhança do entorno, e isto se refletia nos cuidados dispensados ao lugar, não só da estrutura física, mas também com as interações sociais lá acontecidas e também com o destino do local, concebido pelo Poder Público Municipal, com uma perspectiva educacional e de recreação.

O sentimento até então tido pela Praça, era típico da relação da população com o espaço público do bairro, da periferia fora da área central, pois à época da sua criação a Praça era considerada zona periférica da cidade.

Segundo Serpa (2014, p.151), “Nos bairros populares das metrópoles capitalistas são os moradores os verdadeiros agentes transformadores do espaço. Eles se articulam em ‘rede’ não em uma única, mas em redes superpostas”, são por assim dizer, os ocupantes do entorno, juntamente com os frequentadores, que exigem do poder público as condições desejadas pelos usuários, quanto as modificações ou manutenções do espaço, o que pelos relatos históricos citados, era a situação acontecida do fim do século XIX no entorno da Praça.

Com o avançar do século XX e a expansão da cidade para a zona norte, o bairro onde está localizada a Praça, passa a integrar o núcleo central da cidade e a mesma incorpora características de uma praça globalizada, Caetano (2016) período em que se inicia uma rotatividade dos ocupantes do entorno, conforme descrito no início do respectivo capítulo, ocasionando, por assim dizer, um descolamento dos ocupantes do entorno com relação aos interesses da Praça, e um rompimento das interações dos moradores com a Praça.

Para Serpa (2014, p.156), o período de transição do bairro popular para o bairro incorporado à metrópole de produção capitalista se dá seguinte forma:

Mas a incorporação dos bairros populares da cidade ao processo de produção capitalista vai produzir mudanças evidentes, incluindo o desaparecimento gradual da experiência, privando os moradores de sua história e da capacidade de integrar-se numa tradição, já que a experiência é matéria de tradição, na qual memória individual e coletiva se fundem.

O pensamento de Serpa (2014), em relação ao período de transição dos bairros populares diante das consequências do modo de produção capitalista no final do século XIX, pode ser usado analogicamente para fazer uma leitura dos espaços públicos destes locais, principalmente sobre os mesmos fenômenos.

Para Serpa (2014), aconteceu o desaparecimento gradual da experiência dos moradores em relação aos locais. Em entrevista, no período de coleta de dados deste estudo, o Arquiteto e Urbanista Fernando Caetano (2016) declarou que: “os moradores dos bairros antes periféricos que, diante do crescimento passam a agregar o núcleo central das cidades, deixam de ter identificação com o local”, conseqüentemente as interações com as praças são fragilizadas pela globalização

destas. Passa a acontecer uma rotatividade dos moradores do entorno, dados comprovados pela pesquisa e pelas observações conforme descrito no começo deste capítulo quando tratamos das características do entorno.

Monquelat (2015) pesquisador das praças públicas da cidade de Pelotas, em entrevista declara que, os vários nomes atribuídos a Praça Dom Antonio Zattera conforme descrito no capítulo primeiro deste trabalho, não deixa de ser uma perda de referência para o local. Seguindo seu raciocínio, Monquelat traz a informação de que, na verdade a Praça, no decorrer do tempo sempre foi identificada pelos usuários como a “Praça dos Macacos”, pois ali havia um mini Zoológico.

No entanto, não há relatos na história da Praça Dom Antonio Zattera, que o Poder Público Municipal tenha cogitado em colocar esta denominação popular de “A Praça dos Macacos” a este espaço público. Em Serpa (2014, p. 69), com a afirmação, “todos os parques públicos representam alegorias do tempo e dos poderes que os conceberam,” tem-se uma fundamentação para o fenômeno da constante troca de nomes da Praça conferindo legalmente a alcunha da mesma a de nomes ilustres que representavam o Poder constituído de cada época, fatos estes que sempre excluíram a possibilidade de contemplar a opinião popular na denominação da Praça, como uma representação legítima de identificação dos moradores do entorno e dos usuários como o lugar.

2.4 A sociabilidade e os capitais sociais próprios identificados na Praça possíveis de serem adquiridos

2.4.1 A sociabilidade na Praça

Para Simmel (2006, p. 71) “a sociabilidade demanda o tipo mais puro, clássico e atraente de interação, aquela que se dá entre iguais, ela precisa criar seres humanos que desapareçam de seus conteúdos objetivos”, os indivíduos precisam despojar-se de suas intenções internas e externas para se equiparem na igualdade. Os indivíduos, segundo Simmel (2006), só podem incorporar os valores da sociabilidade se o mesmo acontecer com os pares, com os quais estes se relacionam num processo de interação social recíproca.

A Praça Dom Antonio Zattera, conforme dito no início deste capítulo é utilizada pelos frequentadores principalmente nos fins de semana, para interagirem. Estes momentos vividos pelos usuários estão relacionados a um conteúdo material em comum o chimarrão (SINDIMATE, 2016) e, sendo assim, o processo da sociabilidade pode ser facilitado. Em relação ao processo de sociação Simmel (2006 p.59), faz as seguintes considerações sobre conteúdo e matéria:

Defino assim, simultaneamente, como conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos - tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros.

Neste sentido, entendendo os escritos de Simmel (2006) a prática do chimarrão na Praça pode ser vista como um conteúdo material de natureza histórico cultural capaz de promover a sociabilidade, pois se trata de uma característica dos indivíduos o apreço à bebida, uma realidade concreta de uma cidade do Rio Grande do Sul.

Segundo o Arquiteto e Urbanista Fernando Caetano (2016), a prática do chimarrão, fora do ambiente das residências, na praça pública ou em outros espaços públicos na cidade de Pelotas, tem seu início em meados da década de oitenta por influência de estudantes que, vindos de outras regiões de clima quente do centro e norte do país, motivados pelo crescimento do intercâmbio entre as universidades, influenciaram os estudantes gaúchos a levar o costume para a rua, pois estes em Pelotas tinham os mesmos hábitos dos demais Pelotenses, qual seja, a de tomar chimarrão apenas em suas casas.

2.4.2 A educação e a recreação infantil

Em relação aos capitais sociais possíveis de serem identificados e adquiridos na Praça Dom Antonio Zattera, desde a sua gênese, o tema referente a educação é uma possibilidade presente, até os dias de hoje. Isto pode ser percebido pelas edificações no seu interior, uma escola infantil, a Academia Pelotense e ambiente propício, com vasta área para praticas relativas a educação ambiental.

Coleman (1990 p.304), também utilizou o termo capital social, no contexto social da educação “conjunto das relações sociais em que um indivíduo se encontra

inserido e que o ajudam a atingir objetivos que, sem tais relações seriam inalcançáveis ou somente alcançáveis a um custo muito alto”. Por Coleman (1990, p. 304), compreende-se que as relações sociais para a consecução da educação devem ser estabelecidas em determinados espaços que lhe são próprios.

A Praça Dom Antonio Zattera foi concebida segundo relatos históricos com objetivos educacionais. Sendo assim as relações sociais estabelecidas na Praça, voltadas para aquisição do capital social educação devem estar revestidas da solidariedade e da confiança, pois, segundo Coleman (1990, 304), se estas relações não forem estabelecidas desta maneira no momento específico para tal, dificilmente serão concretizadas em outros momentos, ou se assim for com grande dificuldades e com altos custos.

2.4.3 As práticas religiosas

Historicamente a Praça foi incorporando simbolismos e práticas que se mantiveram no decorrer dos anos. Cabe destaque a questão das práticas religiosas e dos cultos realizados no interior do local. No final do século XIX e no começo do século XX, segundo declaração do pesquisador Adão Monquelat (2016) a Praça era utilizada pelos adeptos das religiões Afro como local para as oferendas. Continuando seu relato disse o pesquisador que havia uma estátua, hoje não mais presente no local, em frente da qual eram depositados os “trabalhos ou macumbas”, assim descritos pelos usuários e moradores do entorno quando viam os objetos depositados na Praça.

Os cultos às religiões Afros e as oferendas na Praça, se mantiveram até a metade do século XX, momento em que, segundo Monquelat (2016), observou-se uma crescente ausência destas práticas e uma significativa ascensão das Religiões Evangélicas, culminado, como já descrito no início deste capítulo com a instalação de um monumento de culto a Bíblia, por iniciativa da Associação dos Pastores Evangélicos da cidade de Pelotas no ano de 1993, conforme figura 8.

2.4.4 Os eventos culturais e as praticas cívicas e políticas

Um setor específico da Praça em que relações sociais e interações de confiança e forte espírito cívico, como descreve Putman (1996, p.177), são possíveis de acontecer, trata-se do centro cívico ou altar da pátria, espaço físico localizado na quadra da Avenida Bento Gonçalves, onde são realizados desfiles em dia de comemoração de datas pátrias nacionais como sete de setembro, dia da independência do Brasil, ou vinte de setembro data comemorativa da Revolução Farroupilha, marco da história Rio-Grandense.

No mesmo local, já nas investigações exploratórias da pesquisa, o que foi comprovado com a utilização da observação não participante, acontece também outros eventos relacionados a manifestações políticas, fato que pode ser observado no primeiro semestre de 2016, por ocasião das manifestações pró e contra o impeachment da ex Presidenta Dilma Rouseff.

2.4.5 As práticas esportivas e o lazer

A Praça Dom Antonio Zattera, nos setores da pistas de skates, na mini quadra de futebol localizada junto ao setor de brinquedos infantis e na academia ao ar livre, possibilita a prática e a interação social através do esporte e do lazer, momento em que relações sociais de confiança e cumplicidade, segundo Putman (1996, p.177) podem ser criadas entre os usuários, características próprias dos capitais sociais adquiridos por pessoas com objetivos comuns em espaços públicos, conforme figura 5,6,7.

Para Maria Regina de Matos⁸ (2007), a Praça Dom Antonio Zattera sempre se destacou das demais praças da cidade pela sua estrutura interna, com muitas edificações, possibilitando a prática de várias atividades, principalmente ligada à educação, à recreação. Segundo Maria Regina Matos, ela desde o seu surgimento tem como objetivos principais a recreação infantil e a educação, contemplando uma faixa etária bem determinada, a criança.

⁸ Arquiteta paisagista e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre – RS.

Todas as possibilidades das interações sociais e dos capitais sociais que são possíveis de se adquirir na Praça, ou de ser ofertados pelos usuários, de acordo com a descrição de suas particularidades físicas e da sua estrutura material, conforme relato deste capítulo e que estejam acontecendo atualmente no local, serão tratados no capítulo quinto, quando analisaremos os dados da pesquisa que descreverá qual a dinâmica atual destes processos.

Capítulo III - Fundamentação conceitual e teórica

Este capítulo terceiro tem por objetivo apresentar os fundamentos teóricos e conceituais sobre praça pública, espaço público, interação social, dinâmica das interações sociais e capitais sociais, categorias que serão utilizadas no tema da pesquisa a partir de autores como Erving Goffman, Robert Putnam, Georg Simmel e Angelo Serpa.

O manejo de conceitos utilizados na pesquisa sobre a dinâmica das interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera e capitais sociais adquiridos ou presentes no local, a partir dos citados, possibilitará a construção da base teórica a ser utilizada no desenvolvimento dos estudos.

3.1 A concepção teórica de interação social por Erving Goffman

Para Goffman (2010, p.28), o estudo das interações sociais se conceitua como o encontro face a face, acontecimento diário nos lugares públicos, chamado pelo autor de “*ajuntamentos*” que, diferentes dos grupos, são caracterizados por ocasiões sociais em que duas ou mais pessoas estão mutuamente conscientes da presença uma das outras. São momentos pautados por dinâmicas características do próprio ambiente e dos indivíduos que compõem ou interagem nestes locais. Portanto, uma praça, um museu, um parque tem sua própria dinâmica de interação.

Goffman (2010, p.29) afirma que “cada ocasião social possui um ethos, uma estrutura emocional própria que é criada e reproduzida pelos indivíduos que as realizam”, ou seja, existe uma dinâmica de ação específica, não visível que pauta cada espaço.

O estudo da interação social nos espaços públicos e a possibilidade da descrição, da explicação da realidade, ou parte da realidade que se passa nestes locais, exigem do pesquisador a consideração de variáveis que se inter-relacionam de acordo com a especificidade do lugar estudado e, conseqüentemente, com as relações sociais possíveis de serem estabelecidas nestes espaços.

Há que se considerar em primeiro lugar a estrutura física dos espaços públicos, sejam eles ruas, praças ou parques e se as mesmas estariam adequadas a proporcionar o benefício desejado aos usuários, motivos pelos quais foram criados.

Para se ter uma noção da representatividade das interações sociais existentes em um determinado espaço público, há de se investigar os comportamentos, ações e intenções dos frequentadores, suas causas e consequências em relação aos próprios atores destas ações bem como o estudo do espaço público como elemento mediador, ou seja, todo o contexto onde acontecem as relações sociais.

As ações e os comportamentos dos frequentadores nos espaços públicos e o sentido que são dados por estes atores indicarão a possibilidade e a intensidade das interações sociais entre indivíduos que, possibilitarão ou não, um processo maior ou menor de sociabilidade entre eles. O seguinte exemplo trazido por Johnson (1997, p.131), esclarece o sentido de ação e comportamento durante o processo interacional:

Quando entramos em uma loja, por exemplo, grande parte do que fazemos baseia-se no reconhecimento de que estamos em uma situação de comércio e no conhecimento do que se espera dos vários atores que participam dessas situações. Quando apontamos para artigos que queremos comprar, perguntamos o preço, dizemos como vamos pagar etc., fundamentamos nossas ações no que pensamos que elas significarão para as outras pessoas que participam da situação. E é esse processo mental radicado em significado que distingue ação de comportamento e que ocupa lugar central na interação como processo social.

Tal afirmação nos remete ao mesmo processo, se ocorrido no espaço público urbano. Por exemplo, os comportamentos e as ações dos frequentadores de um parque, de uma praça ou nas ruas, podem indicar suas intenções e o sentido de suas presenças nestes locais, em relação a si mesmo e o que esperam representar para os outros em co presença.

Se em uma praça pública o frequentador colabora com informações, a pedir favores e a retribuir da mesma forma, pode ser um indicativo de que este indivíduo esteja mais propenso a interagir e a formar novos relacionamentos do que um outro indivíduo que pautar suas ações pelo insulamento em determinado local do espaço público em ações de cunho individual.

A interpretação das ações praticadas pelos atores presentes nos espaços públicos possibilita ao cientista social o conhecimento ou a identificação do processo interativo entre atores. Weber (2012, p.17) argumentava que não podemos entender o que uma pessoa ou um grupo de pessoas fazem, sem ter uma noção do que subjetivamente estas ações representam para o próprio praticante.

Compreendendo então o espaço público como o local dos acontecimentos, das ações, dos comportamentos e da presença dos atores, a interação social é o processo que se estabelece quando estas mesmas pessoas dirigem suas ações de forma a provocar uma reciprocidade dos demais que estão em suas presenças.

Goffman (2010, p.19) em sua obra *Comportamento em Lugares Públicos*, apresenta definições importantes para nortear este trabalho, dentre elas, a noção que o comportamento em um lugar público está sujeito a duas variáveis: a força de aprovação para seguir a regra e a consequência de não seguir a regra. O autor define lugar público como sendo qualquer região numa comunidade de livre acesso. Já os lugares privados são regiões onde apenas membros e convidados se reúnem e a preocupação com a ordem pública só começa quando tal ajuntamento importuna os vizinhos.

Para Goffman (2010, p.28), ajuntamento entende-se como a ocasião em que duas ou mais pessoas estão conscientes da presença uma das outras. Mesmo o convívio público poderá ser condicionado, pois existem regras de restrição para estar ou não presente em determinado local. Essas regras demonstram que o participante deve 'encaixar-se' em um determinado grupo ou local.

Segundo Goffman (2010, p.22), há variações entre diferentes agrupamentos sociais e esses agrupamentos exigem o encaixe comportamental de seus indivíduos:

Sem dúvida há variações entre diferentes agrupamentos sociais quanto o grau que seus membros pensam explicitamente em tais termos, assim como nas frases selecionadas para fazê-lo, mas todos os agrupamentos presumivelmente têm alguma preocupação quanto a esse encaixe. A noção de encaixe está relacionada a outro dado do senso comum: o que é apropriado em uma situação certamente pode não ser em outra. O sentimento geral subjacente que o indivíduo possui –quando existe– pode ter que abrir caminho para requerimentos da situação.

A interação social nos lugares públicos pode ocorrer de várias formas, pois cada emissor é um receptor, e assim, cada receptor é um emissor. Neste sentido, o trecho citado, aponta que a interação face a face é uma das variáveis mais comuns,

dada a mutualidade especial desse tipo de interação social; quando duas pessoas estão juntas parte de seu mundo está composto naquele fato, também porque a interação face a face traz consigo um grande fluxo de informação.

Simmel (2006, p.17-18), apresenta uma visão sociológica da interação quando afirma que a sociedade existe onde há indivíduos construindo suas interações. Em uma unidade empírica constituída da inter-relação de seus elementos, não é uma substância concreta, mas um processo contínuo de interações. O processo de interação social, seja no espaço público ou privado, é uma situação complexa, visto que, para construir a interação, não basta apenas interagir, é necessária disposição dos indivíduos uns com os outros. Para o autor a interação social é feita através da sociologia formal que se utiliza das associações, ou seja, interação é um conjunto de relações particulares.

A sociedade particularmente prioriza as interações sociais mais explícitas, mas há um número infinito de formas menos visíveis de relações. Segundo Simmel (2006, p.59-60) é no jogo dessas interações que se forma o substrato vivo do viés social. Desta forma, as sociedades são os próprios indivíduos em interação e, essas interações, são necessárias e suficientes, pois sem elas não há sociedade. O homem é um ser em constante interação com seus pares.

No que tange a interação social, complementa o autor, os indivíduos são moldados pela situação agindo frequentemente por impulso. Neste contexto, as interações não são racionalizadas. As relações sociais são remodeladas pelo indivíduo através do fato social, ou seja, a interação social não é uma ação estática e fixa, ela permeia a coesão e a dispersão.

3.2 As noções de praça como espaço público mediador de interações sociais

Preferencialmente, as interações não privadas ocorrem nos espaços públicos, já que esses oferecem ao indivíduo uma predisposição a vários tipos de interações. Dessa forma, o espaço público é um importante elemento mediador na construção das interações e, por consequência, das identidades sociais. Serpa (2014, p. 139) aponta dois fenômenos diretamente relacionados com o termo público que pode ser tudo aquilo que é visto ou ouvido com maior divulgação possível, ou um mundo comum a todos nós, cada um cumprindo seu papel dentro dele. Na mediação

realizada pelo espaço público cada indivíduo representa seu papel social, estando ao mesmo tempo integrado com o todo. Essa mediação desempenha uma função harmonizadora entre as interações.

Segundo Habermas (1984, p.16) “só a luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos. Na conversação dos cidadãos entre si é que as coisas se verbalizam e se configuram”. Sendo assim, o espaço público, no caso em estudo a Praça Dom Antonio Zattera, seria o lugar do agir comunicacional, o domínio historicamente constituído da controvérsia democrática e do uso livre e público da razão, ou seja, no espaço público as manifestações coletivas tendem a firmar espécies de condutas que se sucedem no tempo, transformando o próprio espaço e os indivíduos.

De acordo com Arendt (2007, p.62) “a esfera pública, enquanto mundo comum reúne-nos na companhia um dos outros e, contudo evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer”. Das palavras da autora depreende-se que o espaço público neste sentido, atua como mediador dessas relações que agora não mais privadas se estabelecem a luz de todos.

Ainda segundo Arendt (2007, p.62), nestes espaços da esfera pública comprova-se a pluralidade da existência humana e a capacidade de discernimento individual das pessoas para as ações, o que leva a terem dificuldades de manter-se juntas, no mesmo mundo.

O espaço público, nesta situação, o abrange e abriga as interações que marcam as comunidades locais, configurando ainda mais sua função mediadora. Serpa (2014, p.142) vê a cultura com um papel conflitante na produção de interação social, os benefícios que ela possibilita, bem como seu controle, são instrumentos de dominação e poder na sociedade contemporânea. Nesta ótica, existe uma cultura dominante e uma cultura alternativa, e torna-se comum que cada uma delas ocupe o espaço público que lhe diz respeito; seria necessária a desconstrução dessa hierarquia, visto que ela destrói os diálogos entre culturas.

Na desconstrução das diferenças, aparecem as noções de entre - lugar que são arenas ou palcos para apresentação da diversidade cultural produzidas na cidade, um território de múltiplas culturas, de associação de várias identidades. Para Serpa (2014, p.144), o espaço público é local conveniente à democratização:

Teatros, galerias de arte e museus, bibliotecas e salas de espetáculo devem servir, portanto, como estruturas necessárias para consolidação de processos de gestão e produções culturais mais democráticos e livres, sem hierarquias ou desigualdades. Afinal, o sentido político essencial da construção desses novos processos - que não hierarquizam as diferenças - é a liberdade.

O espaço público é visto como um importante elemento mediador de interações, mas alguns elementos determinantes das identidades sociais, como capital escolar e os modos de consumo, muitas vezes, são articuladores no processo de apropriação espacial, tornando a identidade social uma simples definição de classe. Esses fatores apontam para a segregação do diferente. Serpa (2014, p.20) nesta ordem, afirma que “visto assim, acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe”, um aspecto que condiciona a interação urbana ao contexto social do qual o indivíduo faz parte, voltando para o ciclo da hierarquia.

Para Serpa (2014, p.153) as relações existentes na sociedade articulam-se de um modo geral em redes que, se beneficiam e colaboram mutuamente. Essas redes mostram um tipo de interação social bastante limitada, por exemplo, grupos de jovens que interagem entre si, grupos de mães, idosos, pessoas solteiras. A identificação desses grupos é de fácil observação no espaço público; são redes informais de interação que formam as redes de relação cotidiana, que por sua vez, estão presentes nos espaços mais populares.

É no cotidiano real que o indivíduo se identifica com o espaço público urbano; através de seus valores é construída sua rede de interação social. Para Serpa (2014, p.20), é principalmente a história pessoal do indivíduo que determina sua relação com os espaços que compõem o cotidiano. Alguns percalços estão presentes na concepção de espaço público como elemento mediador. O primeiro dele seria a visão emblemática de poder atribuída ao espaço público, principalmente, ao tratarmos da praça pública, pois muitas delas são vitrines políticas da atualidade; sem primar pela mobilidade, presença ou acesso dos frequentadores.

Serpa (2014, p.16) vê a questão da acessibilidade de uma forma muito mais ampla do que simplesmente do aspecto físico “a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica, e a apropriação social dos espaços públicos urbanos tem implicações que ultrapassam o design físico de ruas, praças, largos”, o simbolismo para Serpa (2014), quanto a acessibilidade, diz respeito à generalização

do acesso e à identificação de todos com os locais que são por natureza públicos, no entanto, o autor afirma que muitos espaços públicos são ocupados de maneira seletiva e diferenciada, como o caso dos parques públicos que são criados nas cidades contemporânea para valorização imobiliária dos bairros de classes média.

Para se compreender o espaço público urbano em que as praças estão inseridas se faz necessário o conhecimento dos conceitos de cidade. Lefebvre (2001, p. 11) trouxe definições sobre a cidade como tecido urbano portador de urbanidade, centralidade e, sendo assim, não se pode conceituar cidade sem atrelá-la ao processo de industrialização, mesmo a cidade antecedendo a esse processo, ou seja, quando a industrialização chega, a cidade já possui uma realidade que a partir de então sofre modificações. O autor apresenta a cidade através dos termos indutor e induzido:

Se distinguirmos o indutor e o induzido, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas à cultura (LEFEBVRE, 2001 p.11).

O autor caracteriza a cidade como uma obra; como tal é um produto com valor de uso, com capacidade de acumular riquezas e produtos com valores de troca, que se apresenta de forma contrastada no decorrer do tempo, segue Lefebvre (2001, p.13) com a seguinte afirmação:

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome impropriamente, sem nenhuma outra vantagem, além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro).

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O espaço urbano tem valor na sua utilização e nos valores de produção. Lefebvre (2001, p.13) aponta que não se pode falar em espaço urbano sem analisar dois aspectos fundamentais: a industrialização e a urbanização, bem como o desenvolvimento, a produção econômica e a vida social. A industrialização ao chegar ao espaço urbano não traz consigo apenas empresas e seus funcionários, mas serviços e estabelecimentos mais diversos. Neste contexto, as populações crescem atingindo densidades alarmantes. Esse fenômeno modifica a paisagem urbana, pois há grande

deslocamento de pessoas para as periferias distantes e os apartamentos urbanos são substituídos por escritórios.

Ainda em Lefebvre (2001, p.21), apesar das pressões comerciais, os núcleos urbanos resistem e se remodelam, agregando ainda muita vida urbana. As qualidades estéticas desses locais são de suma importância para prevenção e manutenção. Esse núcleo urbano pode comportar festas, desfiles e inúmeras diversões tornando-se produto de consumo e, ao mesmo tempo, consumo do lugar, enquadrando-se na dinâmica da produção urbana. Lefebvre (2001, p.21) afirma que a cidade vive uma crise teórica e prática, pois o seu conceito urbano é constituído de fatos herdados da cidade antiga, porém em constante transformação. Para o autor, a democracia urbana foi destruída quando a elite expulsou o proletariado do espaço urbano criando uma urbanidade muito limitada.

Neste ponto surgem os grandes subúrbios, espaços urbanos destinados às periferias, uma estratégia para afastar do centro urbano os camponeses oriundos do êxodo rural. O espaço público dentro dos espaços urbanos dos quais as praças públicas são lugares de histórica importância são criados e conservados se, nesta nova lógica de cidade capitalista trouxerem valorização imobiliária aos locais. Caso contrário, segundo Lefebvre (2001, p.27) as praças públicas, principalmente nos grandes subúrbios, serão deixadas ao abandono, pois nestes locais a valorização imobiliária é limitada.

Esse período retrata outro fator importante: a construção de novos conjuntos habitacionais populares e, por consequência, a formação de novas cidades, remodelando novamente o espaço urbano. Lefebvre (2001, p. 27-28) apresenta uma análise crítica sobre a decadência das cidades em três períodos bem definidos: no primeiro a industrialização que destrói a realidade urbana já existente onde o potencial social urbano é substituído pelo potencial econômico industrial. Já em um segundo momento, a urbanização se amplia e generaliza o espaço urbano e por fim, a busca de uma reinvenção da realidade urbana chamada reflexão do urbanismo.

O urbanismo por Lefebvre (2001, p.30-33), pode apresentar três intenções diferentes: a filosofia dos arquitetos, ligado ao lado humano e nostálgico; o urbanismo dos administradores públicos, ligados à ciência, que geralmente negligencia o fator humano e o urbanismo de venda, claramente ligados às

tendências de mercado e ao lucro, no entanto, Lefebvre (2001, p. 20-33) defende que a cidade é um organismo social e coletivo.

Na atualidade, o urbanismo é visto como prática social que interessa ao conjunto da sociedade, mas é preciso um exame crítico das diversidades desse urbanismo e qual os seus benefícios de uso. Lefebvre (2001, p.32) aponta que o urbanismo tem por obrigação trabalhar com a realidade, com que é necessário e não com o que é apenas ideológico. A cidade é uma projeção da sociedade local, ratificando o conceito do conjunto de diferença entre as cidades e suas particularidades urbanas. A cidade moderna não é um lugar passivo, o meio urbano interfere diretamente na produção, portanto, a cidade intensifica e organiza a exploração de toda a sociedade.

Por analogia às palavras do autor entende-se que na cidade os espaços públicos, e aqui em questão as praças públicas, objeto da dissertação, são locais onde preponderantemente devem ou deveriam ser os lugares por excelência para que os indivíduos expressassem seus sentimentos e comportamentos na direção de construir a sua forma de urbano em contrapartida ao urbanismo imposto pelo modo de produção capitalista.

Serpa (2014, p.34-37) aponta núcleos de interação social no espaço urbano, dentre eles, destaca as praças e parques públicos como centros das atividades de consumo e lazer. Cada praça é pensada através do perfil de seus usuários em uma produção de consumo, que vai conseqüentemente, modificar a paisagem urbana.

O autor define como praça ou parque um lugar de fácil acesso, legitimado pela coletividade e, principalmente, disponível a todos. A praça pública se apresenta como um polo mediador da cultura, diversão e lazer, mas que reflete um meio de controle social e a busca de uma valorização do consumo e do espaço urbano, uma espécie de regulador dos comportamentos esperados na sociedade moderna. Além da interação social, as praças contemporâneas são instrumentos de valorização do cenário urbanizado, com alto valor patrimonial, não sendo considerado um bem coletivo, mas um território de barreiras simbólicas invisíveis.

Segundo Serpa (2014, p.34-37), praças e parques públicos são espaços formadores de identidade social, pois são neles, na maioria das vezes, que os grupos se articulam e se alternam simultaneamente, em um processo de

demarcação de cada território. É neste ambiente que vão ocorrer os engajamentos cívicos.

Esses conceitos estão em Simmel (2006, p.17-18) quando usa a sociologia como forma de associação, apesar de não usar propriamente o termo interação no espaço público, o autor avalia as formas de comportamento e associação humanas em uma determinação quantitativa de grupo. Vandenberghe (2005, p.114-116), em outras palavras, descreve as seguintes possibilidades de associação de grupo: a mônada constituída apenas por um membro, fechado em si mesmo, mas que no espaço público representa uma identidade. A díada, formada por dois indivíduos, forma elementar da interação entre as pessoas e dentre as interações sociais é forma mais comum e visível. A tríada, constituída de três pessoas, que tem papel mediador ou separador de uma díada já existente. E, por último, as tétrades e políadas com cinco ou mais integrantes, que já assumem perfil de grupo específico.

Essas associações defendidas pelo autor são percebidas nas interações nos espaços públicos. O indivíduo solitário que reflete, lê ou simplesmente relaxa sozinho em um banco de praça; o casal conversando; o trio de amigos que dialoga sobre um assunto específico, por exemplo, a universidade; a política local; a economia e os grupos maiores que interagem de várias formas, ora em totalidade, ora em díadas ou tríadas.

Para Johnson (1997, p.131) “interação é o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca em um contexto social” partindo do princípio de que o ser humano é um ser social e tem a necessidade de conviver com outras pessoas em um emaranhado de relações cotidianas.

Nesse contexto, os espaços públicos se apresentam como palcos importantes para as interações sociais cotidianas, como simples conversas informais, assuntos sobre trabalho, relacionamentos pessoais e de forma mais ampla, atos cívicos, apresentações artísticas e outra gama de atividades.

Ao abordar-se interações em lugares públicos, o espaço mais cotidiano para análise e observação da interação é a praça. Barros (2010, p.1) aponta que dentre o espaço público urbano, as configurações mais significativas de interação social estão nas praças, pois elas são locais naturais e predispostos à sociabilidade e trocas simbólicas. Sua referência é tão significativa que toda a cidade possui uma praça que destaca como símbolo; geralmente é esse local que comporta todas as

ações culturais da cidade, ou seja, é na praça que nasce a sociabilidade do espaço público. Para Barros (2010, p.2) as praças representam verdadeiros nós de confiança social e são espaços essenciais ao cotidiano das cidades.

Caldeira (2007) aponta que a maior transformação ocorrida na configuração da praça como espaço público e moderno, tem raízes na própria transformação da sociedade após a Revolução Industrial. As teorias urbanistas do século XX têm por base as necessidades dessa sociedade que, se industrializou rapidamente. As atribuições do cotidiano, aliadas às longas jornadas de trabalho, fizeram com que o cidadão buscasse um “escape” dentro do cenário urbano; dessa forma, promove-se o espaço urbano, mais precisamente, a praça pública como opção de lazer e descanso:

Diante dessas transformações, a estrutura formal da cidade modifica-se e, com ela, os espaços simbólicos e tradicionais perdem significado. É o caso da praça pública que, diante do crescimento territorial da cidade moderna e do surgimento de edificações, que passam a abrigar e acolher diversas atividades praticadas nos espaços tradicionais e depara-se com um movimento de declínio na condição de local de sociabilidade (CALDEIRA, 2007, p.196).

Para Caldeira (2007, p.196), o século XX trouxe duas abordagens específicas em relação à praça pública. Na primeira abordagem temos uma recomposição do espaço com certa dose de nostalgia; a praça é pensada como um lugar muito especial para interação social da cidade. Em uma segunda abordagem, esse espaço ganha um olhar técnico, agora a praça é parte da engrenagem urbana e deve estar interligada à circulação da cidade. Seu viés é mais estético e ela se torna um instrumento de ordenação das interações sociais urbanas.

Andrade (2009, p.133-134) apresenta a dinâmica do espaço público, pois é cenário de uma interação bastante específica: a de caráter público, que é aberta a todos e gera possibilidade de contato com indivíduos desconhecidos pelo mero prazer da interação desinteressada. A autora destaca que, apesar dos espaços públicos não sofrerem restrições de uso, sendo abertos a todos, a interação que ocorre neles está limitada a convenções sociais, de um modo geral, os espaços são frequentados por grupos determinados, gerando uma crise de interação no espaço público: o chamado conflito.

Andrade (2009, 133-134) ressalta a possibilidade de interação mais comum nos espaços públicos, a chamada 'atitude blasé'⁹ (SIMMEL, 1973, p. 35), ou seja, uma interação entre desconhecidos permeada pela incapacidade de reação, distante, não calorosa e baseada em assuntos do senso comum.

No cotidiano, para Vandenberghe (2005, p.119) "o conflito também passa a ser uma forma de interação e, portanto uma forma de sociação". O autor vai, com esta afirmação, ao encontro de Simmel, acreditando que o conflito passa a ter também um viés positivo, qual seja a de que a sociedade passa a se firmar na desarmonia como resultado de duas categorias que se contrapõem e que, por união à ideia aceita pela maioria, indicam os comportamentos dominantes e aceitos no espaço público.

Em relação às possibilidades de interação nos espaços públicos, Andrade (2009, p.134) aponta transformações significativas na forma de interagir nos espaços públicos da cidade; uma busca cada vez maior pela convivência entre iguais, uma espécie de segregação socioespacial, fruto da cidade refletida diretamente nesses espaços. Essa alteração na sociabilidade pode ser uma consequência da insegurança sentida pelos frequentadores. Segundo a autora, a interação no espaço urbano, na atualidade, e a apropriação desses espaços estão diretamente ligadas à presença de grupos sociais. As classes mais privilegiadas optam por espaços públicos próximos as suas residências e que oferecem maior vigilância. Os grupos menos favorecidos frequentam os espaços públicos tradicionais, no centro e nos bairros.

Ainda para Andrade (2009), espaço público vai além da rua, isto porque, só se torna público a partir das ações que dão sentido a determinados espaços e também são influenciados por ele. A interação nesse espaço está condicionada a situação social e exigem regras de boa convivência, como respeitar o direito do outro no uso do espaço. Nos espaços públicos, as diferenças sociais e as hierarquias são temporárias e relativamente simples, porque ali todos têm direitos iguais no que refere ao uso e apropriação do espaço. A autora apresenta um estudo,

⁹ A atitude Blasé segundo Simmel "é a incapacidade de reagir a novos estímulos com as energias adequadas [...] que associada à economia monetária, a essência da atitude blasé encontra-se na indiferença perante as distinções entre as coisas [...] não são percebidas como significantes" (1973, p. 35).

realizado em Belo Horizonte (MG), em relação às possibilidades de interações sociais em praças públicas e aponta fatos significativos:

Não se trata apenas de um conjunto homogêneo de lugares e sociabilidades. Há as praças de bairros, com uma sociabilidade bastante local. Há a dos espaços centrais, lugares de passagem para um grande número de pessoas, mas também de sobrevivência para outros. Suas rotinas alteram-se segundo as horas do dia e os dias da semana são, na maioria delas, bastante distintos a dos usos nos dias da semana, assim como o público (ANDRADE, 2009, p.134).

A pesquisa de Andrade (2009, p.134) aborda as interações em quatro praças de Belo Horizonte, sendo duas em bairros de classe média, uma central e outra em um bairro de periferia. De um modo geral, as duas praças dos bairros de classe média, mostram um público bem específico, com interações específicas: crianças acompanhadas de babás ou parentes mais velhos, que brincam nos balanços, andam de bicicleta ou patins. O fluxo maior é no final de tarde (durante a semana) e após o almoço (aos domingos). A maioria das crianças leva seus brinquedos de casa e alguns de seus acompanhantes conversam entre si; as crianças também interagem umas com as outras.

Na praça do bairro de classe baixa, em geral, as crianças estão desacompanhadas, os garotos jogam bola no pequeno campo de futebol, as garotas preferem as barras de ginástica e os velhos bancos para conversar. Alguns adultos também são frequentadores, em sua maioria usam a extensão da praça para caminhar. Um ponto de destaque na pesquisa é a informação que a maioria dos frequentadores dessa praça são conhecidos, fato que cria uma sensação de segurança. Andrade (2009, p.134)

A praça localizada na área central é de um público mais heterogêneo, situada entre blocos comerciais da cidade, recebe visitantes e frequentadores durante todo o horário comercial, pessoas que sentam para alimentar-se na hora do almoço, pais com crianças que estão indo ou vindo da escola, universitários conversando e idosos jogando damas em tabuleiros disponíveis em mesas. No entorno da praça há uma pista de caminhada onde muitas pessoas se exercitam e a maioria caminha ou corre acompanhada, dialogando enquanto realiza a atividade, apresentando uma forma de sociabilidade e interação que ocorre frequentemente no espaço público. As manifestações artísticas também são destaque, pois há um espaço destinado a apresentações que frequentemente comportam peças de teatro, leituras, etc. A

presença do comércio dentro da praça é bastante significativo. Andrade (2009, p.134)

Nesse contexto observar-se que o espaço público, especialmente a praça pública, adquire, na sociedade moderna, outro valor e significado. A pesquisa de Andrade (2009) ratifica a interação informal, impessoal e distante apresentada por Simmel (2006, p.79-80). Apesar das praças preservarem muitos frequentadores, há uma diferenciação social de espaços:

As praças são hoje muito mais utilizadas para exercícios físicos, ainda que certos valores e estilos de vida sejam explicitados por meio desses usos. Outro aspecto dessas recentes transformações é o cuidado com a segurança, presente no comportamento dos usuários, nas ações das associações de bairro, do poder público, das empresas privadas e dos grupos de usuários. Nota-se também um comportamento segregacionista. As praças são bastante frequentadas, mas busca-se cada vez mais a convivência entre iguais e a segregação socioespacial que se observa na cidade é reproduzida nos seus espaços públicos. Ou seja, não há uma recusa à praça, mas uma recusa em interagir com as diferenças. Dessa forma, uma das qualidades dos espaços públicos, a possibilidade do encontro com o diferente, vem sendo evitada (ANDRADE, 2009, p.149).

Depreende-se das palavras da autora que há uma tendência dos frequentadores das praças preferirem a dispersão dentro do local, do que a concentração, os usuários preferem ficar dispersos em atividades isoladas, caminhando, fazendo exercícios físicos ou acessando mídias eletrônicas via aparelhos como celulares e outros, preterindo a interação com receio de ter que lidar com a diferença.

3.3 As concepções de capital social de Robert Putnam e a praça como espaço público para sua aquisição

Robert Putnam (1996) aparece como um dos autores de referência na divulgação do termo capital social e da sua utilização para a análise de suas possibilidades no espaço público, descrevendo suas vantagens e desvantagens quando da ocorrência ou ausência destes capitais, para proporcionar a união ou dispersão entre os indivíduos de determinados grupos sociais.

Putnam (1996, p.177) vê capital social como “laços informais de confiança, de cooperação visando objetivos públicos e econômicos de uma maneira mais ampla”, porém se restringirmos ao espaço social da praça pública, esses valores também

são viáveis de serem adquiridos a depender da dinâmica das interações sociais que são estabelecidas entre os ocupantes dos espaços. Segundo o autor são muitas as formas de mobilização e produção de capital social, pois ele é algo diverso e ligado à disposição de forças em ação.

Putnam (2000, p.19) aponta que a definição de capital social sofreu remodelações no século XX. Segundo o autor, uma importante utilização do conceito de capital social foi feita por volta de 1910, por L.J. Hanifan¹⁰ (SCG, 2016), quando utilizou o termo para despertar nas comunidades americanas a importância de sua participação no sucesso escolar de uma comunidade. Também segundo Putnam, nos anos 60, Jacobs¹¹ (SCG, 2016), usa o termo capital social para explicar o caráter associativo entre vizinhanças, também nos Estados Unidos.

Coleman (1990, p.300) destaca as ideias de Loury (1977) como importantes na compreensão do viés social deste termo, já que o segundo define capital social como laços de confiança que possibilitam uma melhor utilização de recursos individuais, principalmente do capital humano. Coleman é um dos estudiosos das ciências sociais que trabalha esse conceito e aponta que, capital social não é uma entidade simples, mas um conjunto de diversas entidades de natureza comum, seu objetivo é facilitar as ações dos indivíduos envolvidos na estrutura, assim, sua função é produtiva. O autor também apresenta a importância dos recursos instrucionais, quais sejam, capital humano e recursos materiais. A interação entre esses capitais aliada aos laços de confiança e reciprocidade, despertam nos indivíduos envolvidos as ações coletivas. A existência ou não de capital social nas comunidades é o fator que determina o desempenho de seus membros.

Dentre diversas teorias de interação social alguns valores e moralidades são preservados, alguns conceitos são de suma importância na compreensão do viés

¹⁰ L. J. Hanifan nasceu 12 de fevereiro de 1879, no campo de madeira de Cubana, West Virginia e passou para o ensino superior na West Virginia Wesleyan College. Graduou-se da Universidade de West Virginia com um grau de Bacharel em artes em 21 de outubro de 1907, com nenhum major alistado. Nos anos seguintes, ele frequentou a Universidade de Chicago e recebeu um mestrado em Harvard University em 1909. Ele voltou para a Virgínia Ocidental, onde serviu sistemas escolares em Elkins, Belington, Charleston e Welch, e por quase 10 anos foi Supervisor estadual de escolas rurais. Hanifan escreveu dois livros e vários folhetos sobre educação rural. Disponível em: <<http://migre.me/vOeLQ>>. Acesso em: 02/01/17.

¹¹ Jane Butzner Jacobs foi uma escritora e ativista política do Canadá. Sua obra mais conhecida é 'Morte e Vida de Grandes Cidades', na qual critica duramente as práticas de renovação do espaço público da década de 1950, nos Estados Unidos. Nasceu em 4 de maio de 1916, em Scranton, Pensilvânia, EUA. Faleceu em 25 de abril de 2006 em Toronto, Canadá. Disponível em: <<http://migre.me/vOeKN>>. Acesso em: 02/01/17.

social desta pesquisa. O termo capital social é muito difundido na dinâmica das ciências sociais. Putnam (1993, p.1) traz em seu conceito de capital social outro aspecto além da confiança e cooperação, a questão da rede de relacionamento social “aspectos da organização social, tais como redes, normas e confiança que facilita coordenação e cooperação para benefícios mútuos. Capital social aumenta os benefícios de investimento em capital físico e capital humano”.

Apesar de ser um contexto bastante amplo, a noção de capital social pode ser aplicada a vários tipos de relações de solidariedade e confiança mútua. Seu conceito abrange desde associações altamente organizadas até as interações de base informal, por exemplo, interações sociais. O autor resume o conceito de capital social como um conjunto de laços, normas de confiança e reciprocidade existentes em uma comunidade ou grupo, com objetivo de facilitar a produção de capital, tanto humano, quanto físico. Em comunhão com essa definição estão os valores cívicos e noções democráticas; em destaque a autonomia do poder local (cidade), respeito e igualdade de direitos, dentre outras.

Os fundamentos do capital social são importantes no entendimento das interações sociais, visto que essas têm por base, muitas vezes, relações de confiança, de colaboração, trocas e ajuda mútuas, podendo ser instrumentos na construção de políticas públicas.

Putnam (1996, p.106-113), apresenta o “Caso Italiano”, um estudo de mais de vinte anos (1976-1989) sobre as relações sociais e institucionais na Itália, tendo como parâmetro os capitais sociais envolvidos, o autor pesquisou a descentralização das atividades do governo italiano para as instituições locais regionais, que se iniciou nos anos 70.

Como resultado de suas pesquisas o autor comprovou que as regiões onde as relações e interações sociais eram carregadas de fortes noções cívicas, constatadas no povo italiano, com uma base social organizada e de forte cooperação entre os membros, tendo por base a igualdade política, confiança, solidariedade, tolerância, práticas coletivas e a presença de uma sociedade cívica alicerçada na justiça para todos, o desempenho das instituições e das atividades descentralizadas eram superiores, de maneira significativa, em relação a outras regiões em que as comunidades não se relacionavam de forma cooperativa (PUTNAM, 1996, p. 106-113).

Neste contexto, o espaço público e a praça pública, por sua natureza de ser o lugar do encontro, são locais que favorecem o estabelecimento de relações e interações sociais de forma a fortalecerem os laços de confiança e cooperação na formação de capitais sociais.

Segundo Caldeira (2007), a praça é dentre os espaços públicos urbanos o lugar de maior sociabilidade, podendo adquirir viés político, social, econômico ou meramente informal, possibilitando interação de vários tipos:

Como elemento urbano, as praças representam espaços de sociabilidade propícios ao encontro e ao convívio. Na cultura ocidental esses espaços tem desenvolvido um papel essencial. Toda a cidade possui uma praça que destaca como símbolo urbano, palco de eventos históricos, espaço agregador, ou local de confluência. As praças são espaços permanentes no desenvolvimento das cidades (CALDEIRA, 2007, p.14).

Para Barros (2010, p. 6) a praça tem capacidade especial de conectar as pessoas, sendo um ponto propício à inter-relação. Geralmente as pessoas vão ao espaço público em busca de relaxamento, para uma fuga das tensões cotidianas, estando mais 'abertas' ao outro, ao desconhecido, a uma conversa informal sobre um assunto corriqueiro, por exemplo, o clima, a violência urbana, as crianças que correm ou comentar sobre novelas.

Do pensamento de Barros (2010, p.6) entende-se que, a praça também abarca afinidades, as mães com seus filhos pequenos que conversam entre si enquanto esses brincam, pessoas que praticam alguma atividade física, transeuntes que descansam por alguns minutos. Existe assim, entre eles, uma troca de experiências, de informações sobre o mundo ao seu redor. Nesse contexto de afinidades, a praça pode ser cenário de relacionamentos afetivos, principalmente, nas cidades pequenas onde é o ponto de encontro e interação dos jovens.

O capital político ganha destaque nesse ambiente. Existem praças públicas que são foco de encontros para estudantes universitários, militantes políticos, profissionais liberais, aposentados que discutem valores atrelados as suas ideologias. De uma maneira geral, os atos em busca de democracia têm na praça uma espécie de nicho, de quartel general, ponto de partida para muitas manifestações civis.

O contexto da praça é um campo eficiente para atos de civismo, sua característica pública é a acessibilidade e desperta o interesse da população na realização de atos cívicos dos mais diversos. A Semana da Pátria, por exemplo, o

aniversário da cidade, desfiles e paradas tem seu marco inicial e sua referência nos espaços públicos locais. Solenidades com a presença de autoridades também são realizadas, reunindo grupos de pessoas que naquele momento fazem interações das mais variadas.

Atos cívicos pela reivindicação de direitos coletivos são frequentemente observados nas praças públicas do país inteiro. Professores que se concentram nesses locais para mobilizar a categoria, movimentos dos sem terra, dos desempregados e até mesmo grupos que defendem assuntos polêmicos, como por exemplo, a legalização do aborto ou a diversidade sexual.

Em Pelotas, a Praça Dom Antonio Zattera, campo desta pesquisa, possui um local chamado “Altar da Pátria” onde se fazem as concentrações para comícios e manifestações cívicas; a mesma praça no verão recebe atrações artísticas como dança, música e teatro.

Esse período de parceria entre a praça pública e a cultura local tende a ser enriquecedor, pois o lugar possibilita variadas interações sociais e pode servir de instrumento na aquisição de um significativo capital social, recebendo visitantes de vários lugares com oportunidade para troca de experiências. Nesses eventos, a colaboração e cooperação são possíveis entre os participantes, podendo criar laços e vínculos associativos. A praça nesse contexto adquire um status de território livre, aberto a todas as culturas, classes, etnias, tendências políticas e religiosas.

3.4 Os pressupostos teóricos para interpretação da dinâmica das Interações sociais em lugares públicos

Na análise dos resultados sobre a dinâmica das interações sociais e dos capitais sociais na Praça pública Dom Antonio Zattera, a abordagem de Goffman (2010, p.19) sobre ajuntamentos, servirá de base para a formação da teoria proposta na interpretação dos dados.

Para Goffman (2010, p.28) por ajuntamento entende-se “qualquer conjunto de dois ou mais indivíduos cujos membros incluem todos e apenas aqueles que estão na presença imediata uns dos outros num dado momento”. Também é importante destacar a situação e a ocasião social: situação é uma ambiente espacial completo em que se adentrar uma pessoa, esta se torna membro do ajuntamento que está

presente ou que então se constitui. Na ocasião social temos pessoas que entram na presença imediata uma da outra, esse contexto é percebido em festas sociais, teatro, piqueniques ou até mesmo no dia a dia de um escritório.

Nas dinâmicas das interações sociais um ou mais indivíduos são responsáveis por manter um tipo de ordem nas participações, os chamados contornos de envolvimento, uma tênue linha que se traça a ascensão e a queda da absorção geral na atividade da negociação. Desta forma, o ajuntamento para o sociólogo, é um aliado à ocasião social já que os participantes assumem diferentes papéis na mesma ocasião social, da mesma forma que um único espaço físico pode ser utilizado como ambiente para mais de uma ocasião social, um local para um conjunto de expectativas. É neste cenário que se destaca a função da praça pública.

Goffman (2010, p.31-33) também aborda elementos importantes na interação, como o aspecto situacional, copresença e as propriedades situacionais. O aspecto situacional é componente das interações que depende das condições que predominam na atividade situada.

A copresença é a força que deixa as pessoas mais acessíveis, disponíveis e sujeitas umas as outras. Essa acessibilidade disponível é regulamentada pela ordem pública, pelo menos, no que diz respeito ao espaço público. O dano produzido pela interferência física em todas as formas é causado, em parte, pela humilhação social de sentir-se indefeso, quando os indivíduos são conscientes da presença do outro, eles podem agir como elemento comunicativo; essa possibilidade é decisiva para todos os envolvidos. As propriedades situacionais são regras para conduta dos participantes durante as interações, normatizando os comportamentos e organizando o tráfego comunicativo.

Nas formas de interações sociais mais comuns a praça pública é um campo fértil para constatação destas. Para o autor a interação pode ser focada ou desfocada. A interação desfocada é um tipo de comunicação que ocorre quando o indivíduo recorre a informações sobre outra pessoa, ao olhar de relance para ela. É um gerenciamento da copresença. Já na interação focada os indivíduos se juntam promovendo cooperação, visando manter um único foco de atenção, com revezamento entre os falantes.

Para Goffman (2010, p.116-117) a incapacidade de exibir a presença é uma expressão compreensível da hostilidade ao próprio ajuntamento. Um dos meios mais

evidentes que o indivíduo usa para demonstrar que está situacionalmente presente é sua postura pessoal em comum acordo com o tipo de ajuntamento. A ordenação disciplinada da frente facial é uma forma de manifestar-se favorável ou não ao meio e àqueles que estão ao seu redor.

Se a pessoa quiser estar na interação totalmente capacitado socialmente, será preciso que mantenha certo nível de prontidão, mostrando a evidência de sua disponibilidade para possíveis estímulos, disciplina e organização de sua aparência pessoal comprovando que está alerta ao ajuntamento do qual no momento faz parte.

O ato comunicativo é regularizado em dois passos, sendo o primeiro a interação desfocada, uma primeira impressão onde se busca as primeiras informações sobre o outro indivíduo. O segundo passo é a interação focada, nesse ponto, há cooperação mútua.

A simples presença dos indivíduos uns com os outros já promove comunicação que necessariamente não precisa ser verbal. Neste contexto, a praça pública gera inúmeras possibilidades pelo simples fato de integrar o mesmo espaço de interação do outro. O vestuário, os gestos e a expressão facial são demonstrativos do tipo de interação possível de ocorrer.

Goffman (2010, p.43) vê da seguinte maneira estas possibilidades:

Em toda a sociedade estas possibilidades de comunicação são institucionalizadas. Apesar de muitos eventos utilizáveis desta forma poder ser negligenciados, pelo menos alguns deles provavelmente são regularizados e recebem um significado comum. O indivíduo semiconsciente de que certo aspecto de sua atividade pode ser permitido por todos aqueles presentes, tende a modificar esta atividade, empregando-a em seu caráter público em mente. Às vezes, na verdade, ele pode empregar esses sinais somente porque eles podem ser testemunhados.

No campo da interação desfocada nenhum dos envolvidos detém a palavra, a atenção também não é centralizada. Já a atividade ocasionada pode ser compreendida como uma interação que traz consigo um objetivo. O autor exemplifica essa situação no espaço público com um comício político, onde a atividade ocasionada é o discurso político - uma interação apropriada para a situação social exigida. Aqui voltamos ao conceito de encaixe, ou seja, um senso comum condizente com determinada situação e não condizente em outra.

Outro ponto da dinâmica na interação social é o envolvimento, ou mais precisamente, o nível de envolvimento em determinada interação. O envolvimento não é identificado de forma explícita, porém, apresenta sinais convencionais; em

algumas situações o envolvimento é parcial ou superficial, o indivíduo está na situação social, mas não é parte dela.

Goffman (2010, p.52) define esse comportamento como 'escudo de envolvimento' um recurso que o indivíduo usa para parecer envolvido de acordo com sua necessidade: "normalmente, pensamos em escudos de envolvimento como um meio pelo qual o indivíduo pode manter a impressão de envolvimento, quando ele na verdade está infringindo suas obrigações situacionais"

O envolvimento principal da interação gira em torno de um propósito, mesmo nas interações superficiais, como por exemplo, relações breves e informais estabelecidas nas praças públicas, muitas vezes o indivíduo apenas finge o envolvimento.

Na praça pública, algumas condutas são impróprias, comportamentos que incomodam os outros ou simplesmente a não disposição a uma simples conversa informal em um lugar predisposto a isso.

Goffman (2010, p.68) aponta a indolência e a vadiagem como principais condutas inaceitáveis para a convivência pública.

Além de dar a impressão de terem sido desviados do que deveria ser o assunto central, indivíduos podem dar a impressão de não ter assuntos nenhum a tratar. Estar presente num lugar público sem nenhuma orientação para objetivos aparentes fora da situação é às vezes, chamada de indolência, quando a posição é fixa, e vadiagem quando algum movimento está envolvido.

Outro comportamento que pode ser observado no ambiente da praça pública é a desatenção civil, ou seja, segundo Goffman (2010, p.95-96) o indivíduo está presente, mas não envolvido na interação. Quanto mais próximos os participantes estão na interação, mais fácil detectá-la. Neste patamar também estão presentes os engajamentos de face a face que agregam todas as instâncias de ou mais participantes em uma situação, todos primam por um foco comum que sustenta a interação.

Para Goffman (2010, p.101) quando as pessoas estão participando efetivamente de uma situação é mais fácil desenvolver uma conversa, visto que os engajamentos face a face são bastante comuns no cotidiano e, muitas vezes, são realizados sem palavras, um simples olhar reprovativo a outro indivíduo no espaço público mostra se seu comportamento não são bem aceitos.

Os conceitos de engajamento nos espaços públicos desenvolvidos pelo autor podem ser perfeitamente identificados nas praças públicas como locais das interações, considerando determinadas regras: o gênero dos participantes, os dias da semana ou as horas do dia em que elas acontecem, podendo o indivíduo sentir-se mais ou menos deslocado.

Na praça pública, por exemplo, pessoas desacompanhadas, principalmente à noite, não são bem vistas. Dessa forma, o terno reconhecimento, uma ação cognitiva através da qual se identifica o outro, impondo-lhe uma classificação positiva ou negativa que será o determinante na interação. Obviamente os engajamentos de face são mais promissores quando os participantes já se conhecem (GOFFMAN 2010, p.101).

A praça pública, por ser um local de acessibilidade mútua, pode ser considerada uma região 'aberta', um lugar onde os engajamentos de face a face não estão sujeitos ao monitoramento social.

A partir de Goffman (2010, p.146), podemos enxergar as praças públicas como regiões abertas estabelecidas com propósitos interacionais:

Outra base importante de acessibilidade mútua surge do que podemos chamar de "regiões abertas" – lugares demarcados fisicamente onde quaisquer pessoas, quer se conheçam ou não, tem o direito de iniciar engajamentos de face uma com a outra com o propósito de cumprimentos. Regiões abertas diferem quanto ao grau em que o direito também é sentido como obrigação, quanto ao caráter de engajamento de face permitido.

Nestes espaços abertos, segundo Goffman (2010, p.146), o indivíduo em qualquer situação formal embasa seu comportamento nos valores de seus envolvimento, mantendo um padrão e geralmente sabendo respeitar os limites da situação social na qual se encontra, muitas vezes limitando a acessibilidade do outro a si próprio ou ao ajuntamento do qual faz parte.

A firmeza e a frouxidão aparecem como formas reguladoras da interação social no espaço público, alguns indivíduos não conseguem encaixar-se nos ajuntamentos por uma participação frouxa ou demasiada firme.

Para Goffman (2010, p.127-128) o indivíduo cria identidades de interação quando modifica seu comportamento para cada situação social que se insere. Quando está na presença do outro seu comportamento é orientado por regras de

conduta já internalizadas e isso é usado em todos os tipos de interação, nos ajuntamentos, nas praças públicas, formando assim sua identidade social.

Capítulo IV - Fundamentos metodológicos aplicados

O capítulo quarto tem por objetivo demonstrar as especificidades do objeto da pesquisa, o caminho metodológico utilizado na investigação, bem como a descrição das técnicas utilizadas na coleta de dados para obtenção das respostas aos questionamentos propostos neste trabalho, como problema a ser pesquisado.

4.1 Especificidades do objeto de pesquisa

O tema da pesquisa refere-se ao estudo da dinâmica das interações sociais e dos capitais sociais nos espaços públicos. Tem como objeto as interações sociais e os capitais sociais presentes na Praça Dom Antonio Zattera na cidade de Pelotas, locais descritos pormenorizadamente no capítulo I desta dissertação.

Para Deslauriers, (2010, p.132-135) focalizar um objeto de pesquisa pode não ser uma situação tão estática quanto imaginamos. Sendo assim, segundo o autor, uma revisão bibliográfica deve estar presente no planejamento de trabalho como meio de orientar os estudos.

Diante das afirmações de Deslauriers (2010), o acesso ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a trabalhos já realizados contribuiu para aprofundar o conhecimento do objeto da pesquisa, uma vez que, o tema referente a interações em espaços públicos, particularmente em praças públicas é de interesse da comunidade científica das Ciências Sociais. A contribuição das teses, dissertações e artigos analisados, referente ao objeto da presente pesquisa pode ser melhor visto em seção própria no primeiro capítulo deste estudo.

A dimensão histórica do campo de pesquisa, objeto da investigação guarda relação com os resultados da investigação descritos no quinto capítulo, pois a Praça Dom Antonio Zattera, criada no século XIX, por volta do ano de 1875, possui características ainda mantidas no local, como por exemplo, um lugar destinado a educação e a recreação infantil.

Já no campo de pesquisa a identificação da estrutura física da Praça Dom Antonio Zattera foi importante para um melhor dimensionamento do objeto da pesquisa, visto que se trata da maior Praça do centro da cidade, com setores específicos de atividades, recreação, práticas esportivas entre outras, aspectos que direcionam para diversos tipos possíveis de interações sociais e capitais sociais possíveis de serem vistos.

Como ponto de partida para melhor identificação das interações sociais e dos capitais sociais, objeto da investigação, foi realizada na Praça, breve pesquisa exploratória utilizando-se como técnica para coleta de dados a observação não participante e a entrevista, momento em que foi possível construir determinadas hipóteses, ainda que preliminares como respostas às dinâmicas das interações sociais acontecidas neste local.

Inicialmente, constatou-se que as dinâmicas das interações sociais nestes espaços estariam relacionadas aos fins pelos quais os frequentadores ocupam as praças, ou seja, apenas como espaço de circulação ou atraídos por eventos relacionados ao consumo. Sendo assim, estes lugares próprios para a mediação e socialização não estariam sendo frequentados pelos indivíduos ou grupos de indivíduos com a intenção de relacionamento e da interação social, particularidades do objeto da pesquisa que serão tratados, confirmados ou não no capítulo V parte específica da dissertação que tratará dos resultados da pesquisa. .

Diante desta gênese histórica, a Praça, guarda relação específica com as pessoas que a frequentam, com a ocupação de seu entorno, com instituições centenárias que ocupam os arredores, características que influenciam nas formas das interações e dos capitais sociais presentes no local, objeto desta pesquisa e até mesmo a forma como o poder público mantém o lugar.

Desta forma, a análise dos dados coletados na pesquisa teve como objetivo identificar a dinâmica das interações sociais e a existência de capitais sociais na Praça, como confiança, normas e sistemas que permitem uma organização social consistente, bem como verificar a capacidade de agência no sentido da auto-organização civil, frequentadores, entorno e poder público, na realização de eventos que promovam a própria interação social, a solidificação e a incorporação de novos capitais ao espaço; como cultura, esporte, política, etc.

4.2 Tipo da pesquisa

O tema do estudo, a dinâmica das interações sociais e dos capitais sociais na Praça Dom Antonio Zattera, espaço públicos da cidade de Pelotas, se adapta a pesquisa social do tipo qualitativa. Dada a especificidade do tema e a amplitude que o mesmo pode tomar no campo durante a coleta de dados, uma pesquisa social do tipo qualitativa, no seu aporte metodológico, deve precaver-se frente à possibilidade da excessiva generalização da abordagem e dos objetivos a serem alcançados, sob pena de não concluir o estudo sem o aprofundamento necessário próprio e exigido para que se considere o trabalho de cunho científico. Segundo Bauer (2014, p.18) deve-se observar:

Uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muitos métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica. A investigação da ação empírica exige: a) observação sistemática dos acontecimentos; inferir os sentidos desses acontecimentos das (auto-) observações dos atores e dos espectadores exige b) técnica de entrevista; e a interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores e espectadores exige c) uma análise sistemática.

Percebe-se pela citação acima que a pesquisa qualitativa deve ter seu conteúdo sistematizado, embora a construção do método tenha relação direta ao tipo de campo e assunto que se quer investigar na sociedade e, sendo assim, a cada pesquisa e seu respectivo projeto um método próprio ou a combinação de métodos terão de ser considerados.

Estes procedimentos foram utilizados no presente trabalho, para comprovar a consistência dos dados obtidos no campo de pesquisa, quando se utilizou o confronto das informações colhidas com as entrevistas cotejadas com dados dos questionários. Neste sentido Gobo (2005, p.97) chama atenção para alguns princípios básicos nas fases de uma pesquisa:

Uma investigação é composta, pelo menos, de sete fases que às vezes podem ser distintas, às vezes entrelaçarem-se; em cada caso não são sempre momentos de uma seqüência progressiva linear, por isso, no elenco que segue são apresentadas intencionalmente sem alguma ordem, como níveis de reflexão (por uma eventual formalização), em vez de seqüência ordenada de fases, a serem ativadas, a fim de conduzir corretamente uma pesquisa: 1) Identificação do problema (ainda em nível genérico) e das finalidades da pesquisa; 2) redação de um texto e comunicação do êxito da pesquisa; 3) projeto da pesquisa (conceituação do fenômeno a ser investigado, definição operativa, tipo de amostra); 4) Organização dos dados; 5) campo (amostra, o teste dos instrumentos, a coleta das

informações); 6) análise dos dados; 7) escolha do método de investigação e dos instrumentos de coleta de informações para construir os dados.

A partir deste momento, firmou-se um entendimento mais sólido a respeito da metodologia a ser utilizada na pesquisa, e das técnicas possíveis, tanto na coleta como na interpretação dos dados. Entre os entendimentos colhidos dos autores, cita-se como importante a pluralidade de métodos referenciados por Bauer, além do que sua utilização se justificou pela própria natureza do objeto a ser estudado, qual seja, a interação social na Praça Dom Antonio Zattera e os capitais sociais presentes no local, ações marcadas pelo dinamismo de comportamento dos atores sociais envolvidos.

Encontramos também em Gobo (2005, p. 97), o reconhecimento desta flexibilidade quando o autor diz que “em cada caso as fases de uma pesquisa podem entrelaçar-se ou serem distintas”. Não existe uma sequência linear e progressiva. O autor ressalta a importância da conceituação e sistematização das fases e dos critérios das observações, sob pena do descrédito da pesquisa e das críticas da falta de efetividade.

4.3 Da coleta de dados

Quando se fala em dados, mesmo que num primeiro momento não se tenha essa visão, logo se constata a possibilidade de saber, através de uma análise própria, a cada situação, qual a ideia específica ou geral a que estas informações estão relacionadas. Para Gibbs (2009, p.16), os dados após a coleta, devem ser selecionados para posteriormente serem interpretados:

A ideia de análise sugere algum tipo de transformação. Você começa com alguma coleta de dados qualitativos (muitas vezes, volumosa) e depois os processa por meio de procedimentos analíticos, até que se transformem em uma análise clara, compreensível, criteriosa, confiável, e até original. Há controvérsias inclusive sobre essa transformação. Alguns pesquisadores se concentram nos processos “formais” nos quais estão envolvidos – a classificação, recuperação, indexação e o manejo dos dados qualitativos, geralmente com alguma discussão sobre como esses processos podem ser usados para gerar ideias analíticas (Miles e Huberman, 1994; Maykut e Morehouse, 2001; Ritchie e Lewis, 2003). [...] Outros pesquisadores enfatizam a ideia de que a análise envolve interpretação e recontagem, e que isso é imaginativo e especulativo (Mishler, 1986; Riessman, 1993; Dezin, 1997; Giorgi e Giorgi, 2003). Há várias abordagens envolvidas aqui, incluindo a análise de discurso e conversação, algumas formas de fenomenologia, abordagens biográficas e narrativas, além de métodos etnográficos recentes. [...] A maioria dos autores que escrevem sobre dados

qualitativos reconhece que isso envolve ambos os aspectos da análise – manipulação e interpretação de dados (COFFEY; ATKINSON, 2002; FLICK, 2006).

De acordo com o autor a análise de dados na pesquisa social qualitativa acontece de maneira sequenciada. No primeiro momento, ressalta a idéia de transformação em relação ao volume de dados coletados que pode ser grande; sua afirmação traz um sentido de seleção, ou seja, os dados mais claramente identificados com os objetivos do tema da investigação social devem ser aproveitados para a formação de um resultado de análise claro, preciso e específico, assim, os procedimentos analíticos se dariam em relação aos dados colhidos em sua forma original.

Em um segundo momento, fala da necessidade dos dados receberem um olhar interpretativo, as informações merecem serem revistas, tantas vezes necessárias a se ter uma correta interpretação do sentido que os atores sociais envolvidos gostariam de ter revelado ou não quando do momento da coleta, uma vez que, numa pesquisa social onde a dinâmica da comunicação entre os indivíduos é permanente, apenas um grande volume de dados pode não ser suficiente, neste caso, o processo de análise deve contemplar os momentos analíticos e interpretativos. Outro aspecto importante na questão da análise de dados diz respeito ao momento da sua realização durante a pesquisa social qualitativa.

Segundo Gibbs (2009, p.18) poder existir um momento de união entre coleta e análise:

Em alguns tipos de pesquisa social, estimula-se a coleta de dados antes do início de qualquer tipo de análise. A pesquisa qualitativa se diferencia nesse sentido porque não há separação entre conjunto de dados e análise de dados. A análise pode e deve começar no campo. À medida que coleta seus dados por meio de entrevistas, notas de campo, aquisição de documentos e assim por diante, é possível iniciar sua análise.

A observação feita pelo autor indica que, a análise de dados, quando realizada no campo de pesquisa, é procedimento de suma importância, pois dependendo da natureza das verificações, e o respectivo resultado desta, a pesquisa poderá tomar novos rumo em relação ao previamente projetado, tanto em relação às questões técnicas metodológicas, como aos próprios objetivos em si, podendo levar a investigação a uma nova amplitude.

Diante desta visão metodológica percebe-se que uma fase inicial de análise terá de ser feita antes da tabulação final para elaboração dos relatórios conclusivos, qual seja aquela ainda no campo de pesquisa, durante o recolhimento dos dados, muito embora não se exclua a fase do armazenamento de dados para uma posterior seleção e interpretação.

Além da verificação da base de dados para a seleção das informações que foram utilizadas na construção dos resultados, conforme explica Gibbs (2009, p.18), durante a coleta também se fez necessária a análise no próprio campo de pesquisa dos dados vistos, principalmente quando foi aplicado a técnica da observação não participante, momento em que eventos ou acontecimentos na Praça não tinham relação com o tema do estudo e que se incluídos fosse à pesquisa, caminharía para uma generalização de resultados.

Outro importante aspecto que se verificou no campo de pesquisa objeto deste trabalho quanto à utilização do sequenciamento da análise dos dados ainda no campo de pesquisa e da respectiva seleção dos dados como descreve Gibbs (2009, p.18), diz respeito à pluralidade de agentes envolvidos no processo interacional da Praça, são eles: usuários frequentadores, o entorno, o poder público como agente gestor do espaço físico.

Contudo por se tratar de um estudo dos fenômenos sociais de cunho científico teve-se o cuidado a evitar juízo de valores, tanto em relação aos acontecimentos próprios das interações sociais e dos capitais sociais envolvidos, bem como dos espaços públicos, como lugares mediadores das interações. O trabalho encontra-se apoiado no próprio objeto da Sociologia como Ciência, ou seja, descrição do fenômeno social sem o apontamento de soluções ou saídas para as questões que se encontrarão postas no campo de pesquisa. Dessa forma, foi construída uma visão interpretativa e descritiva dos acontecimentos.

4.4 Das técnicas metodológicas para a coleta dos dados

As técnicas foram utilizadas conjuntamente na investigação; a comparação de variáveis, com o objetivo de comprovação de determinados dados e suas respectivas análises, são instrumentos empregados em uma pesquisa social qualitativa. Para Duarte (2009, p.11,12), “esta concepção foi utilizada em 1970 por

Denzin ao argumentar que uma hipótese testada com o recurso a diferentes métodos podia ser considerada mais válida do que uma hipótese testada unicamente com o uso de um único método”. O autor vai ao encontro das afirmações de Bauer (2014, p.18), descritas na seção anterior deste capítulo ao afirmar que a importância da utilização de variadas técnicas de coletas e interpretação de dados na pesquisa qualitativa.

Identificados as especificidades da Praça Dom Antonio Zattera, como campo de pesquisa, cujo objeto é a interação social e os capitais sociais do local, bem como os agentes envolvidos no processo interacional, isto a partir das investigações exploratórias, as técnicas utilizadas na coleta de dados foram respectivamente a análise documental, observação não participante, a entrevista e o questionário, que serão descritas individualmente nas seções seguintes deste capítulo.

4.4.1 Análise documental

A análise documental como instrumental de coleta de dados neste trabalho, foi de suma importância, principalmente para a contextualização histórica da Praça Dom Antonio Zattera, campo da pesquisa sobre as interações sociais e os capitais sociais objeto da investigação. Para Valles (1997, p.109) a análise documental, tem significativa importância na pesquisa social:

El uso de información disponible (cualquiera sea su carácter documental: numérico, elaborado o em bruto) constituye un paso obligado en la investigación social en general. La revisión de la literatura (que supone estar al día de lo publicado sobre el tema que se pretende investigar) y la utilización de las estadísticas existentes (las publicadas por El INE, por ejemplo), son tareas siempre presentes en la realización de estudios cuantitativos y cualitativos. Sin embargo, no se agotan ahí las posibilidades de la investigación documental. De hecho, la expresión más característica de esta opción metodológica se encuentra en los trabajos basados en documentos recogidos en archivos (aficiales o privados); documentos de todo tipo, cuya elaboración y supervivencia (deposito) no há estado presidida, necesariamente, por objetivos de investigación social.¹²

¹² O uso de informações disponíveis, (qualquer que seja seu caráter documental: numérico, elaborado ou sem análise nenhuma), constitui um passo obrigatório na investigação social em geral. A revisão da literatura (que se supõe abordar o tema que se esta investigando no momento presente do trabalho) e a utilização de estatísticas existentes são tarefas sempre presentes na realização de estudos quantitativos e qualitativos. Porém, não se esgota aqui as possibilidades de uma investigação documental. De fato a expressão mais característica desta opção metodológica se encontra nos trabalhos baseados em documentos coletados em arquivos (oficiais públicos ou

Na perspectiva da utilização da análise documental descrita por Valles (1997), foi utilizada na pesquisa, a investigação documental na obra de Adão Monquelat (2015, p. 284), pesquisador pelotense, estudioso das Praças Públicas da cidade de Pelotas, cujo conteúdo apresenta uma coletânea de notícias de jornais da cidade, durante o século XIX, sobre as praças, dispostos em uma cronologia histórica que traz à tona a história da concepção da Praça Dom Antonio Zattera, conforme descrito no capítulo primeiro deste estudo.

No entanto, a análise documental do presente trabalho, não teve como foco apenas a literatura e a revisão bibliográfica sobre o tema e o objeto da pesquisa, e outras fontes de documentos foram vistas, o que para Valles, (1997, p.109) pode ir muito além, não se esgotando apenas em documentos escritos.

Podemos relacionar aqui os monumentos históricos que foram investigados no interior da Praça Dom Antonio Zattera:



Figura 11: Busto em homenagem a Bento Gonçalves, General da Guerra dos Farrapos.
Fonte: Foto do autor.¹³

privados); documentos de todo os tipos, cuja produção, depósito e guarda não foram necessariamente para atender objetivos de investigações sociais. (Tradução livre do autor).

¹³ SUA PESQUISA.COM, 2016. Também conhecida como Revolução Farroupilha, a Guerra dos Farrapos foi um conflito regional contrário ao governo imperial brasileiro e com caráter republicano. Ocorreu na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, entre 20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845. Causas: Descontentamento político com o governo imperial brasileiro; Busca por parte dos liberais por maior autonomia para as províncias; Revolta com os altos impostos cobrados no comércio de couro e charque, importantes produtos da economia do Rio Grande do Sul naquela época; Os farroupilhas eram contrários a entrada (concorrência) do charque e couro de outros países, com preços baratos, que dificultada o comércio destes produtos por parte dos comerciantes sulistas. Disponível em:



Figura 12: Busto em homenagem ao Almirante Tamandaré, líder da Marinha Imperialista.
Fonte: Foto do autor.



Figura 13: Monumento em homenagem aos Expedicionários Brasileiros da Segunda Guerra Mundial.
Fonte: Foto do autor



Figura 14: Mina deixada pelos alemães na costa brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

Fonte: Foto do autor.

A análise documental utilizando como fonte os monumentos, tornou possível somar ao trabalho proposto nesta dissertação todo um contexto existencial cronológico do campo de pesquisa, fatos observados a partir da observação das figuras históricas que, com o decorrer do tempo foram sendo acopladas a Praça Dom Antonio Zattera, com a intenção de deixar viva a história para os frequentadores da Praça. A narrativa do contexto histórico destes documentos está descrita no primeiro capítulo desta dissertação.

4.4.2 Questionários

O questionário caracteriza-se basicamente por ser uma técnica de coleta de dados que tem a capacidade de traduzir em questões específicas os objetivos da pesquisa, segundo Gil (2009, p.121):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças-sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados. Quando, porém, as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador, podem ser designados como questionários aplicados com entrevista ou formulários. Construir um questionário consiste

basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população-pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa.

Após a identificação dos atores envolvidos no processo das interações sociais e dos capitais sociais na Praça Dom Antonio Zattera, objeto da pesquisa, quais sejam, frequentadores, vizinhança do entorno, poder público, isto feito através das investigações exploratórias, com base nas afirmações de Gil (2009), a opção do questionário como técnica para a obtenção de dados durante a pesquisa, garantiu a aquisição de informações necessárias para a análise de resultados quanto à dinâmica das interações sociais existentes na Praça.

Foram aplicados dois questionários distintos, um para os ocupantes do entorno da Praça, e um para os frequentadores. Para o Poder Público, as informações foram obtidas por meio de entrevista, instrumental que melhor se adequou.

No questionário aplicado com o entorno, respondido diretamente pelo respondente ao pesquisador, foram elaborados grupos de questões que trouxeram dados relacionados tanto do aspecto físico da vizinhança, como do seu relacionamento com a Praça Dom Antonio Zattera, e a forma como estes ocupantes, por estarem constantemente em contato com a Praça enxergam a dinâmica das interações entre os dos frequentadores, quando presentes na Praça. O questionário pode ser visualizado no apêndice A desta dissertação.

No questionário aplicado com os frequentadores, também respondido diretamente ao pesquisador, foram elaborados grupos de questões que possibilitaram a coleta de dados a identificar a frequência com que os usuários da Praça acessam o local, a forma como o fazem, suas intenções quando presentes em suas dependências, a relação destes frequentadores com a Praça. O questionário aplicado pode ser visualizado no Apêndice B desta dissertação.

4.4.3 Observações

Entende-se a observação como sendo o início de qualquer processo científico. A escolha de um tema, principalmente em trabalhos de pesquisas sociais qualitativas, seja para produção de artigos, apresentação de trabalhos, dissertações

ou teses, tem como ponto de partida observações a determinados objetos, mesmo que superficiais, e a partir de então, o pesquisador passa a construir um processo mental, das possibilidades de viabilizar um projeto com real expectativa de execução.

Para aprofundar o conhecimento da observação como técnica científica na pesquisa social, o contato com o texto de Angrosino (2009, p.74) trouxe a seguinte contribuição:

O papel-chave da observação na pesquisa social foi reconhecido há muito tempo. De fato, nossa capacidade humana de observar o mundo à nossa volta constitui a base da nossa capacidade de tecer bons raciocínios sobre as coisas em geral. Muito do que sabemos sobre o nosso entorno vem de uma vida inteira de observações. Contudo, a observação no âmbito da pesquisa é um processo consideravelmente mais sistemático e formal do que a observação que caracteriza a vida diária. A pesquisa etnográfica é fundamentada na observação regular e repetida de pessoas e situações, muitas vezes com a intenção de responder a alguma questão teórica sobre a natureza do comportamento ou da organização social. [...] a observação etnográfica (ao contrário do tipo de observação que pode ser conduzida em uma situação clínica) é feita em campo, em cenários de vida real, o observador tem assim, em maior ou menor grau, um envolvimento com aquilo que está observando. A tipologia clássica dos papéis do pesquisador é a de Gold (1958), que distinguiu quatro categorias: * No papel de observador invisível, o etnógrafo fica tão separado quanto possível do cenário em estudo os observadores não são vistos nem notados. * No papel de observador -como- participante, o pesquisador faz observações durante breves períodos, possivelmente visando estabelecer o contexto para entrevistas ou outro tipo de pesquisa. * O pesquisador que é um participante- como- observador esta mais completamente integrado à vida do grupo e mais envolvido com as pessoas. Ele é igualmente um amigo e um pesquisador. * Quando o pesquisador é um participante totalmente envolvido, todavia, ele ou ela desaparece completamente no cenário, até mesmo ao ponto de nunca reconhecer sua agenda de pesquisa.

Após o entendimento da técnica da observação através do texto de Angrosino (2009), foi utilizada a observação não participativa, instrumental que melhor se adequava segundo ao autor ao tipo de pesquisa que se desenvolveu na Praça Dom Antonio Zattera.

O entendimento quanto a não utilização da observação integrada nesta pesquisa na coleta dos dados, também está de acordo com Becker (1999, p.48). Para o autor, a observação integrada participante é utilizada quando: “Normalmente, os sociólogos usam este método quando estão especialmente interessados em compreender uma organização específica ou um problema substantivo, em vez de demonstrar variáveis”.

A pesquisa proposta nesta dissertação, tratando da temática da dinâmica das interações sociais e dos capitais sociais na Praça Dom Antonio Zattera, não teve como objetivo um estudo específico de uma situação em separado, como ressaltava Becker (1999, p.48), mas sim o estudo das dinâmicas interacionais, de uma forma geral, dos acontecimentos deste espaço público que é a Praça.

As observações foram realizadas na Praça, durante os meses de agosto e setembro de 2016, dois meses em que se pode observar os eventos de um mês típico qual seja agosto e setembro um mês atípico, pois neste são realizados eventos nas dependências da Praça, relacionados a semana da Pátria e a comemoração do vinte de setembro, data comemorativa da Revolução Farroupilha (SUA PESQUISA.COM, 2016).

O calendário das semanas, dias e horas das observações foi montado de acordo com as características particulares do espaço. Primeira semana e última do mês com a possibilidade de que os frequentadores no início de mês possam acessar em maior número o local, pois é período em que se auferem rendas ou salários, terça-feira um dia após o fim de semana, e domingo, com a intenção de se verificar as características da ocupação da Praça no meio e fim de semana. Também no meio da manhã e no meio da tarde, momento em que o acesso por transporte coletivo tem maior fluxo no local. As informações sobre as observações não participativas e o seu planejamento podem ser visualizadas no Apêndice C, desta dissertação.

4.4.4 Entrevistas

Pela natureza da temática, a dinâmica da interação social e a identificação dos capitais sociais na Praça Dom Antonio Zattera, a entrevista como instrumental técnico para a coleta de dados se constituiu como ferramenta essencial para a consecução dos objetivos da pesquisa. Isto porque, além de outros aspectos importantes, a facilidade de interlocução possibilitou revelar as epistemologias de determinadas épocas que formaram a cultura dos locais. Segundo Poupart (2010, p.216), justifica-se o uso desta técnica na pesquisa social qualitativa pelos seguintes fundamentos:

Do exame das justificativas habitualmente alegadas pelos pesquisadores para recorrer à entrevista de tipo qualitativo, três tipos de argumentos se

destacam. O primeiro é de ordem epistemológica: a entrevista de tipo qualitativo seria necessária, uma vez que uma exploração em profundidade da perspectiva dos atores sociais é considerada indispensável para uma exata apreensão e compreensão das condutas sociais. O segundo tipo de argumento é de ordem ética e política: a entrevista de tipo qualitativo parece necessária, porque ela abriria a possibilidade de compreender e conhecer internamente os dilemas e questões enfrentadas pelos atores sociais. Destacam-se por fim, os argumentos metodológicos: a entrevista de tipo qualitativo se imporia entre as “ferramentas de informação” capazes de elucidar as realidades sociais, mas, principalmente, como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores. Deve-se certamente observar que esses três tipos de argumentos se aplicam igualmente ao conjunto dos métodos qualitativos, e abordá-los aqui me parece indispensável para compreender os múltiplos usos que se pretende fazer das entrevistas.

O autor destaca três elementos básicos que uma entrevista pode revelar. No primeiro item de importância atribuído para a utilização da entrevista, fala da conduta dos atores envolvidos no campo de pesquisa; os dados obtidos através desta técnica revelam como os indivíduos se deslocam dentro de determinado espaço social, suas ações no grupo, e o reflexo do comportamento do grupo em suas ações.

Em segundo lugar: a importância do ponto de vista político e ético; a entrevista poderá revelar os dilemas que os atores vivem no espaço pesquisado, possivelmente, relacionados a ações voluntárias próprias ou de submissão ao comportamento do próprio grupo ou a políticas externas, de estado, por exemplo.

Finalmente destaca-se que uma pesquisa qualitativa através da entrevista pode, de maneira mais abrangente, chegar até as experiências dos atores, de forma que a individualidade destas vivências e ações revele o modo comportamental dos ambientes como um todo.

Outro ponto de vista sobre a pesquisa qualitativa abordado por Poupart (2010, p.222-224), refere-se aos tipos de entrevistas possíveis de serem feitos e sua importância no contexto dos campos pesquisados e dos atores sociais envolvidos:

Além das justificativas de ordem epistemológica e ético - política, dois argumentos de ordem metodológica são, geralmente, alegados para legitimar a entrevista de tipo qualitativo, podendo ser invocados, simultaneamente, em uma mesma pesquisa. O primeiro, válido igualmente para a entrevista estruturada, é o de que a entrevista de tipo qualitativo constituiria um meio eficaz para, apesar de toda ambigüidade da expressão “coletar informações” sobre as estruturas e o funcionamento de um grupo, uma instituição, ou, mais globalmente, uma formação social determinada. O segundo argumento de ordem metodológica, invocado, mais frequentemente, para justificar o recurso à entrevista de tipo qualitativo, concerne à eficácia deste método, quando se trata de dar conta do ponto de vista dos atores. [...] Eu me contentarei, aqui, em sintetizá-los tomando como ponto de partida de referência a entrevista não dirigida, essa forma de entrevista na qual o entrevistador, depois de ter dado uma instrução inicial,

visando nortear o entrevistado sobre o tema da pesquisa, confere-lhe o máximo de liberdade no que diz respeito à maneira de tratar o assunto, e tenta orientar seus relances sobre as dimensões abordadas pelo interlocutor (MICHELAT, 1975; GHIGLIONE, 1978). Mesmo não sendo a mais utilizada, a entrevista não-dirigida me parece a que melhor ilustra os princípios subjacentes às entrevistas de tipo qualitativo.

Do texto, quanto aos tipos possíveis de entrevista qualitativas, dirigidas ou não-dirigidas, dois entendimentos parecem evidentes de serem traduzidos. No primeiro caso, uma entrevista do tipo dirigida traz conhecimento do indivíduo e a estrutura em que o mesmo está inserido, ou seja, dados do grupo social; seriam informações de condutas, de ações que podem ser respondidas de forma direta por um questionário ou feitas pelo pesquisador mesmo sem questionário, mas sempre dirigindo a abordagem em torno de um determinado tema ou assunto, reduzindo o espaço para o entrevistado desviar do contexto proposto pelo investigador.

No segundo caso, na entrevista não-dirigida, a forma de abordagem ao entrevistado deixa espaço para a subjetividade, para os valores e pontos de vista do pesquisado. Nesse tipo de busca por informações no campo social, o pesquisador terá contato com o pensamento do dever-ser do entrevistado, o que ele pensa sobre o tema ou temas investigados, sobre os assuntos objetos da investigação. Tão importante como a primeira forma de entrevista, esta modalidade pela liberdade de manifestação permitida pelo pesquisador possibilita o conhecimento de novas informações não imaginadas pelo entrevistador se a mesma fosse totalmente dirigida.

As entrevistas utilizadas na presente dissertação foram as do tipo não estruturadas, uma vez que o tema aborda uma generalidade de possibilidades quanto às dinâmicas das interações sociais e dos capitais sociais da Praça Dom Antonio Zattera.

Sendo assim, o condicionamento das perguntas poderia dirigir a determinadas dinâmicas apenas, tolhendo o entrevistado de contribuir com informações que poderia abranger a generalidade das interações do campo investigado.

A seleção dos entrevistados se deu em função das especificidades técnicas, profissionais e das experiências e vivências que os mesmos possuem em relação à Praça.

O primeiro entrevistado em 11 de agosto de 2016, se trata do pesquisador Pelotense Adão Monquelat, selecionado para a entrevista por desenvolver estudos e pesquisas sobre os espaços públicos da cidade de Pelotas, mas precisamente sobre as praças públicas da cidade. Os dados coletados acrescentaram ao trabalho informações, tanto do aspecto físico da Praça Dom Antonio Zattera, como das interações sociais e dos capitais sociais, mas precisamente em relação ao contexto histórico do campo de pesquisa. As informações podem ser vistas na íntegra no Apêndice D desta dissertação.

A segunda entrevista foi realizada em 08 de setembro de 2016, com o Arquiteto Urbanista Fernando Antonio Caetano, funcionário de carreira do Poder Público Municipal, especialista e projetista de espaços públicos urbanos, selecionado para a entrevista pela sua expertise em projetos para implantações de praças públicas urbanas.

Diante da experiência do entrevistado, cuja atuação conta de mais de 30 anos, foi possível coletar dados relacionados a todas as dimensões que envolvem a criação de uma praça, a engenharia física ambiental do local, a adequação ao tipo de público a que se destina a praça, processo de manutenção e de cuidado que o poder público deve ter com o local. São dados que compõe o resultado da pesquisa no capítulo quinto deste trabalho. A entrevista pode ser vista na íntegra no Apêndice E desta dissertação.

A terceira entrevista foi realizada em 12 de setembro de 2016, com a ambientalista e professora aposentada Rosa Maria Almeida, também frequentadora da Praça Dom Antonio Zattera. A entrevistada em seu relato declarou que desenvolve projetos sobre educação ambiental, junto aos usuários da Praça, na tentativa da conscientização dos mesmos para o uso sustentável do local. A professora afirmou que se faz necessário que o frequentador se identifique com a Praça e crie vínculos com ela, só assim fará uso edificante do local, para si e para o ambiente como um todo. A íntegra da entrevista pode ser vista no Apêndice F desta dissertação.

A quarta e última entrevista foi realizada com a Professora Marge Peixoto, no dia 14 de setembro de 2016, Coordenadora Pedagógica da Escola Ruht Blank, que funciona nas dependências da Praça Dom Antonio Zattera. A seleção desta entrevistada aconteceu e teve a intenção, pela sua função de educadora, de

contribuir com dados relativos ao processo educacional, acontecido atualmente na Praça, uma vez que, conforme descrito no primeiro capítulo, este local foi criado, no século XIX, com o objetivo de ser um espaço público em especial para a educação e a recreação. Os dados coletados fazem parte do capítulo V, quando trataremos do resultado da pesquisa. A íntegra da entrevista pode ser vista no Apêndice G desta dissertação.

4.4.5 Fotografia

O uso de vídeo, filme e fotografia foi utilizado na presente pesquisa como técnica para coleta de dados a partir do estudo da obra de Loizos (2014, p.137-138):

[...]a imagem, com ou sem acompanhamento de som oferece um registro, mais poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais- concretos, materiais. Isto é verdade tanto sendo uma fotografia produzida quimicamente ou eletronicamente, uma fotografia única, ou imagens em movimento. A segunda razão é que embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser em forma de palavras escritas, nem em forma de números: análise do impacto do tráfego no planejamento urbano, tipos de parques de diversão perigosos ou campanhas eleitorais, podem todos eles beneficiar-se do uso de dados visuais. A terceira razão é que o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Conseqüentemente, “o visual” e a “mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Eles se tornaram “fatos sociais”, no sentido de Durkheim. Eles não podem se ignorados [...].

Em relação a vídeo, filme e fotografia, o autor enumera razões consistentes para a utilização desses instrumentais audiovisuais em uma pesquisa social qualitativa, principalmente, quando fala sobre os meios de comunicação como fonte para coleta de dados, ambiente onde as informações são essencialmente audiovisuais.

Para a utilização de materiais audiovisuais nas pesquisas, alguns cuidados devem ser observados em relação a suas vantagens e desvantagens, segundo Loizos (2014, p.139).

Antes de nos achegarmos aos usos específicos, é importante discutir algumas falácias sobre registros visuais. Uma falácia está implícita na frase “a câmera não pode mentir”. Os seres humanos, os agentes que manejam a câmera, podem e, de fato, mentem: eles falsificam quadros e forjam testamentos e cédulas, podendo distorcer a capacidade comprobatória do

registro de dados visuais tão facilmente quanto às palavras escritas, mas de maneiras particulares.

O autor chama a atenção para os cuidados que se deve ter no uso da câmera, principalmente na fotografia, uma vez que os dados coletados ou utilizados como fonte de pesquisa através desta técnica podem não refletir a realidade do campo pesquisado, pois assim como qualquer instrumental de pesquisa, os recursos visuais podem ser manipulados como a entrevista e a pesquisa documental, atendendo a interesse outro que não seja a pureza científica comprovando falsas teorias e hipóteses.

Nesta dissertação a fotografia foi utilizada como fonte de coleta de dados para a visualização do espaço físico da Praça Dom Antonio Zattera, campo da pesquisa, bem como da ocupação imobiliária do entorno da Praça, dos eventos acontecidos no local durante realização da pesquisa de campo e também na catalogação dos monumentos históricos que estão presentes no interior da Praça, conforme figuras fotográficas constantes na parte inicial deste capítulo, quando tratamos da técnica de análise documental.

Vídeos e áudios foram utilizados durante a aplicação da técnica de observação não participativa. Durante as inserções no campo de pesquisa, os acontecimentos eram gravados em áudio ou vídeo, para em momento futuro os dados serem degravados e catalogados. As gravações eram feitas em dias meses e horas previamente estipulados dentro da agenda de pesquisa, conforme Apêndice C, deste trabalho, dentro de um sequenciamento pré-estabelecido para a realização da investigação de campo. Os dados degravados, que compõem a análise de resultados no quinto capítulo deste estudo, podem ser visualizados no Apêndice H desta dissertação.

Capítulo V - Análise dos dados e apresentação dos resultados

Este capítulo tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa cujo objeto investigado se trata das interações sociais e os capitais sociais da Praça Dom Antonio Zattera como campo de pesquisa, descrevendo as dinâmicas das interações sociais e dos capitais sociais como temática principal.

A distribuição da análise dos resultados foi feita em quatro seções: Primeiramente abordando a perspectiva da funcionalidade da Praça na Visão do Poder Público Municipal; a segunda seção apresenta a visão dos ocupantes do entorno, da Praça, como espaço da interação social e da aquisição de capitais sociais. A terceira seção do capítulo aborda a Praça Dom Antonio Zattera na visão dos frequentadores, como espaço da interação social e da aquisição de capitais sociais. A quarta e última seção do capítulo, a partir dos dados coletados, relata a dinâmica das interações sociais e os capitais sociais presentes na atualidade na Praça.

Os dados coletados no campo da pesquisa através da análise documental, dos questionários, das observações não participativas e das entrevistas, foram distribuídos dentro das seções dos capítulos, compondo assim a parte empírica do trabalho, maneira esta que possibilitou um cotejamento com a parte teórica do trabalho e com os conceitos utilizados a partir de autores como Erving Goffamn, Robert Putnam, Georg Simmel e Angelo Serpa.

Desta forma, a análise dos dados e a demonstração dos resultados foram feitos a partir de uma inter-relação dos componentes empíricos, teóricos e históricos, aspecto do trabalho realizado neste capítulo que tornou possível, contextualizar o tema e o objeto da pesquisa para atingir os objetivos a que se propôs esta dissertação.

5.1 A funcionalidade da Praça na perspectiva do Poder Público Municipal

A Praça Dom Antonio Zattera foi criada pelo Poder Público Municipal, no século XIX, por volta do ano de 1875 e diferencia-se das demais praças públicas da cidade de Pelotas, conforme Monquelat (2015, p.229) pelas suas dimensões físicas, particularidade que se mantém até os dias atuais, sendo então o maior espaço público da cidade de livre acesso.

A Praça foi criada pelo Poder Público já com características modernistas, conforme descrito no primeiro capítulo desta dissertação, com áreas que vão desde equipamentos para ginástica, *playgrounds*, área de caminhada e quadra esportiva, com a ideia de trazer qualidade ao ambiente urbano, proporcionando aos frequentadores a possibilidade de permanecer em um local com área verde, com diversidade de espaços para educação, recreação e lazer. No entanto, com o decorrer do tempo, o Poder Público Municipal passou a ter dificuldades para manter a Praça Dom Antonio Zattera com suas características iniciais de espaço público destinado a várias atividades como educação, recreação e lazer e até mesmo aperfeiçoar a Praça não só no aspecto físico, mas também na possibilidade de criar eventos para incentivar as interações sociais e os capitais sociais do lugar.

A pesquisa, após a análise dos dados coletados através da observação não participativa e das entrevistas, revelou que o Poder Público Municipal, embora compreenda a importância da Praça Dom Antonio Zattera como um espaço importante para as interações sociais, não possui um projeto específico para o local.

O Arquiteto Urbanista Fernando Caetano, em entrevista no dia 08 de setembro de 2016, declarou que, quanto às condições estruturais físicas atualmente a Praça é limpa pela SSUI como os demais logradouros de responsabilidade da Prefeitura Municipal Pelotense. Quanto à poda, plantio ou requalificação das árvores, estes são feitos pela SQA, frente a uma necessidade emergencial do local.

A funcionalidade do local, de acordo com as informações do Urbanista Fernando Caetano (2016) e os cuidados dispensados pelo Poder Público Municipal à Praça, foi comprovada durante o tempo em que se realizaram as observações não participativas no local, isto nos meses de agosto e de setembro de 2016. No mês de agosto não foi visto nenhum órgão dos Poderes Públicos, Municipal ou Estadual presentes na Praça para manutenção do local ou segurança deste.

No mês de setembro de 2016, no entanto por se tratar de um mês atípico, pois nas imediações e dependências da Praça se realizam os desfiles alusivos ao dia sete de setembro e a comemoração da Revolução dos Farrapos, viu-se a presença do poder público em assessoramento ao local, na data de 06/09/2016:



Figura 15: Presença da Guarda Municipal na Praça.
Fonte: Foto do autor.



Figura 16: Unidade da Secretaria de Qualidade Ambiental para revitalização de áreas verdes da Praça Dom Antonio Zattera.
Fonte: Foto do autor.



Figura 17: Presença da Brigada Militar na Praça.

Fonte: Foto do autor.

As figuras comprovam então as afirmações feitas em entrevista por Fernando Caetano, informações estas também confirmadas pelos servidores municipais das SQA e SGCMU, quando da visita deste pesquisador nestas unidades do Poder Público Municipal em agosto de 2015.

Para Caetano (2016), atualmente a Praça Dom Antonio Zattera é tratada como objeto, ou seja, são dispensados a ela tratamentos mínimos, típicos de um espaço público urbano, no entanto, a Praça é muito mais do que isto, deveria ser vista por todos, principalmente, pelas autoridades públicas como palco, como evento. Neste sentido, a história da Praça precisa ser resgatada, sua importância de outrora como local que representava o próprio desenvolvimento de Pelotas conforme relata Monquelat (2015, p.261).

Segundo Caetano (2016), a Praça precisa de atividade, de integração, no entanto para o entrevistado, falta um elemento aglutinador que reúna todas essas forças vivas capaz de compor programas e projetos que proporcionem eventos e ocasiões que fomentem oportunidades para a interação social no local e aquisição de capitais sociais.

O Arquiteto Urbanista vê como forças vivas, todos os seguimentos da sociedade que de alguma forma se dedique aos assuntos voltados as relações sociais, as universidades com os cursos das áreas sociais, ONGs, a sociedade civil

organizada que, necessita da Praça Dom Antonio Zattera com qualidade tanto da sua estrutura física como no ambiente de convívio.

O elemento aglutinador segundo Caetano (2016) poderia ser a criação de uma coordenadoria na estrutura do Poder Público Municipal que integrasse essas forças vivas, organizando as contribuições interdisciplinares dos vários setores da sociedade, de forma a compor um programa ou um projeto para a Praça Dom Antonio Zattera que, assim sendo pertenceria a todos.

Quanto às funcionalidades da Praça Dom Antonio Zattera, envolvendo o Poder Público Municipal e os frequentadores, dados importantes foram obtidos da entrevista com a Professora e Ambientalista Rosa Maria Almeida, em 12 de setembro de 2016, em função da sua larga experiência em projetos de cunho ambiental desenvolvidos na Praça.

Para a Ambientalista Rosa Maria Almeida (2016), o tratamento dispensado pelo Poder Público Municipal a Praça Dom Antonio Zattera, influencia diretamente no comportamento dos frequentadores quando estão presentes, tanto em relação ao local como entre eles.

A entrevistada citou como exemplo, o caso dos frequentadores do setor onde ficam as pistas de *skates*, local este onde até final de 2015, não existiam lixeiras adequadas motivo pelo qual os *skatistas* jogavam lixo no chão da Praça, bem como em algumas situações depredavam o local, sob a equivocada alegação, segunda a entrevistada, de que se o Poder Público não dava ao lugar o devido cuidado eles também não o fariam.

Para a Professora Rosa Maria Almeida (2016), o Poder Público Municipal deveria se fazer presente diariamente na Praça, com campanhas educativas e de conscientização do uso e conservação do local. Esta orientação, segundo a entrevistada, deveria também ressaltar, a importância que o lugar tem para a formação de cada pessoa que acessa o local em busca de educação, lazer e recreação capitais sociais que são possíveis de serem adquiridos nas interações sociais praticadas na Praça.

Nas condições em que se encontra atualmente a Praça Dom Antonio Zattera, segundo a Ambientalista entrevistada, frente ao tratamento recebido do poder público, tanto das condições físicas estruturais como na promoção de eventos que proporcionem a interação social dos frequentadores, a população atualmente

interage de uma forma prejudicial à Praça, principalmente nos dias de semana em que a Praça tem um número reduzido de frequentadores. A Praça Dom Antonio Zattera é utilizada como ponto para consumo de drogas, depósito de lixo e, até mesmo, por não ter uma fiscalização constante no local, muitos moradores de rua que deveriam ser encaminhados para instituições próprias e receberem os devidos cuidados, fixam moradia no interior da Praça.

A Praça, precisa se firmar como espaço público de pertencimento, um local que segundo Cunha (2003), proporcione qualidade ao ambiente urbano, trazendo uma maior funcionalidade para a cidade. O frequentador, segundo a autora, deveria ver a Praça como a sala da cidade, e assim sendo dispensaria a ela os melhores cuidados, tanto no aspecto físico como nas relações que poderia desenvolver no local.

5.2 A Praça Dom Antonio Zattera na visão dos ocupantes do entorno, como espaço da interação social e da aquisição de capitais sociais

O entorno da Praça é composto por instituições assistenciais, educativas esportivas e religiosas, por estabelecimentos comerciais industriais e de prestação de serviço e em menor número por residências de particulares na proporção de 17% (dezessete por cento) em relação ao total das unidades, conforme dados revelados pela pesquisa na tabela I, disposta no segundo capítulo desta dissertação.

Com base nos dados das observações feitas durante a pesquisa no entorno da Praça, principalmente nos finais de semana, nos arredores da mesma, funcionam também unidades comerciais móveis, como as feiras de artesanatos, feiras de hortifrutigranjeiros, caminhões que prestam serviços de frete, além de trailers que comercializam lanches e bebidas, conforme as figuras 18-21.



Figura 18: Feira livre de hortifrutigranjeiros no entorno da Praça.
Fonte: Foto do Autor



Figura 19: Feira de artesanato no entorno da Praça.
Fonte: Foto do autor



Figura 20: Trailers comercializando lanches no entorno da Praça.

Fonte: Foto do autor

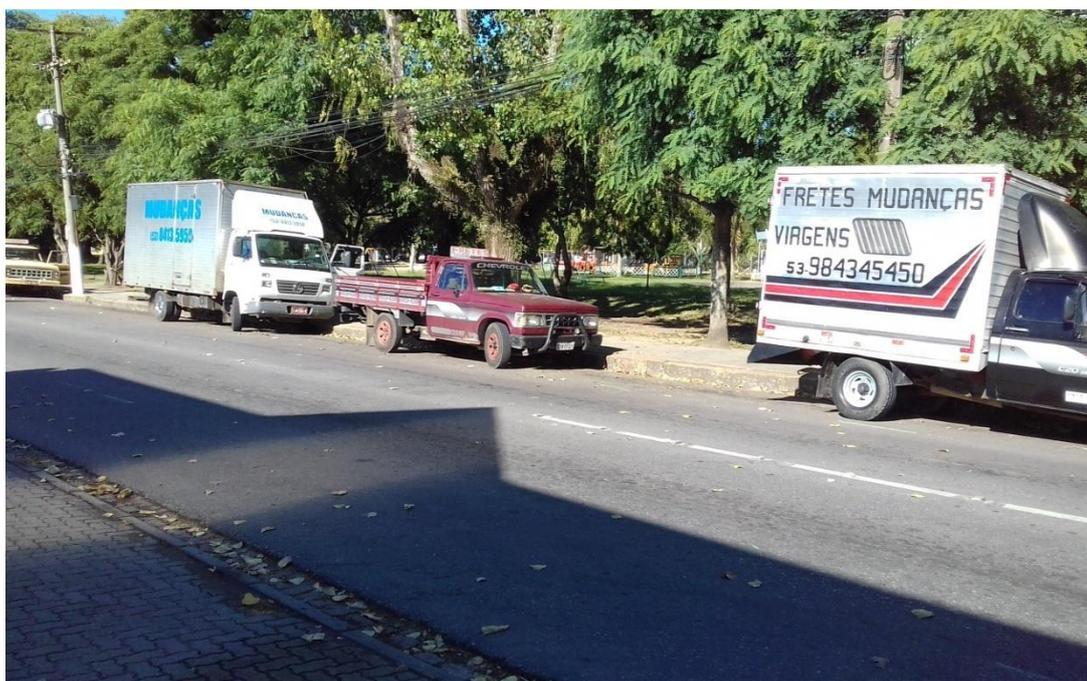


Figura 21: Caminhões no entorno da Praça que prestam serviços de transportes e fretes.

Fonte: Foto do autor

Diante do exposto percebe-se que a Praça está situada em um espaço com forte apelo comercial, os frequentadores destes estabelecimentos, conforme dados revelados pela pesquisa, que acessam a Praça Dom Antonio Zattera quando se dirigem até estes locais e vice-versa. Os usuários da Praça acessam o entorno,

principalmente as unidades comerciais, em momentos cuja intenção era apenas usufruir da Praça.

Desta forma, a visão do entorno sobre a Praça, as interações sociais e os capitais sociais do local, são importantes diante do fato de estarem em contato permanente com este Espaço Público, dados da pesquisa que serão demonstrados doravante, nas próximas seções deste capítulo.

5.2.1 Como a Praça é vista pelo entorno

Os dados analisados neste capítulo foram coletados através de questionários, aplicados diretamente pelo pesquisador com os vizinhos do entorno da Praça, cujo objetivo foi o de identificar a forma como estes veem a Praça Dom Antonio Zattera, não só quanto a sua dimensão física estrutural, mas também quanto às relações e interações sociais que se estabelecem no local entre os frequentadores e com o próprio entorno.

Os dados estão distribuídos nas tabelas de 4 a 7 e serão analisados em conjunto com as demais informações obtidas com as entrevistas e observações não participativas.

Tabela 4: Capacidade de utilização da Praça Dom Antonio Zattera.

As possibilidades de utilização da Praça pela população para interações sociais na visão das unidades do entorno.	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos a Praça em todas as ruas de acesso			Totais
	Instituições Assistenciais Educacionais Esportivas Religiosas	Comércio Indústria Prestação de Serviços	Residências	
Poderia ser mais bem utilizada não fosse a violência e o descaso do poder público	4	4	1	9(41%)
A praça é bem utilizada da forma como se encontra mesmo com deficiências estruturais	0	2	1	3(13%)
Precisa de redimensionamento de seus espaços	2	6	1	9(41%)
A Praça apresenta todas as condições necessárias para que os frequentadores interajam e pratiquem as atividades de lazer recreação etc.	1	0	0	1(5%)
Total das informações por unidades	7	12	3	22(100%)
Total geral das informações		22		

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 5: A existência da Praça já foi vista como um problema para as instituições e estabelecimentos do entorno.

A Praça Dom Antonio Zattera já foi motivo das unidades cogitarem a mudança de local de seus estabelecimentos, por se localizarem em seu entorno.	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos a Praça em todas as ruas de acesso			Totais
	Instituições Assistenciais Educacionais Esportivas Religiosas	Comércio Indústria Prestação de Serviços	Residências	
Sim	0	0	0	0(0%)
Não	5	9	2	16(94%)
Raramente	0	0	0	1(6%)
Nunca pensamos sobre isto	0	1	0	0(0%)
Total das informações por unidades	5	10	2	17(100%)
Total geral das informações			17	

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 6: A percepção do entorno em relação aos frequentadores da Praça e das interações sociais e dos capitais sociais presentes no local.

A percepção pelas unidades do entorno da Praça em relação aos frequentadores e suas interações sociais.	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos a Praça em todas as ruas de acesso			Totais
	Instituições Assistenciais Educacionais Esportivas Religiosas	Comércio Indústria Prestação de Serviços	Residências	
Sempre os mesmos interagindo entre si.	0	4	0	5(11%)
Raramente utilizam a Praça frequentadora não rotineira.	0	0	0	0(0%)
Presença frequente de atividades culturais, show, etc.	1	1	1	2(5%)
Não presto atenção nos acontecimentos da Praça.	0	1	1	2(5%)
Presença constante de pessoas praticando atividades ligadas à violência.	4	3	1	8(18%)
Presença constante de pessoas praticando atividades ligadas a consumo de drogas.	4	6	1	11(25%)
Presença constante de pessoas praticando atividades esportivas	4	3	1	8(18%)
Presença constante de pessoas praticando atividades lazer.	4	3	6	8(18%)
Total das informações por unidades	17	21	0	44
Total geral das informações		44		

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 7: A estrutura física e as vivências da Praça Dom Antonio Zattera possuem atrativos ou facilitadores para as interações sociais e aquisição dos capitais sociais presentes.

A percepção pelas unidades do entorno da Praça em relação aos atrativos da Praça como elementos facilitadores da interações sociais.	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos a Praça em todas as ruas de acesso			Totais
	Instituições Assistenciais Educacionais Esportivas Religiosas	Comércio Indústria Prestação de Serviços	Residências	
Sim, um espaço público com área verde, pista de skate, praça infantil, academia de ginástica.	2	3	0	5(17%)
Não, o local não tem atrativo além de não proporcionar segurança aos frequentadores.	2	5	2	9(31%)
Não, o local tem limpeza adequada.	2	1	1	4(14%)
Não, espaços físicos inadequados sem iluminação, áreas verdes descuidadas.	2	3	2	7(24%)
Raramente possui, apenas quando em eventos acontecidos no interior da praça em finais de semana.	1	1	0	2(7%)
Raramente possui atrativos.	0	2	0	2(7%)
Total das informações por unidades	9	15	5	29
Total geral das informações				29

Fonte: Elaboração do autor

Os dados estão distribuídos em tabelas, analisados em conjunto, na medida em que se faz uma comparação com as demais formas de coleta, como a entrevista, a observação não participativa e a análise documental.

Quanto à capacidade de utilização da Praça, conforme dados estatísticos das tabelas acima 41% (quarenta e um por cento) dos vizinhos localizados no entorno da Praça, afirmaram que a Praça Dom Antonio Zattera poderia ser melhor utilizada se não fosse por toda forma de violência e consumo de drogas que ocorre no local em determinados horários, principalmente nos dias de semana em que o local é frequentado com menos intensidade e, à noite.

Quanto aos frequentadores da Praça, segundo dados do entorno, a pesquisa revelou que, especificamente cerca de 40% dos usuários acessam o local para as práticas esportivas e de lazer.

Outro dado importante acrescentado por 11% (onze por cento) dos respondentes do entorno, é de que são vistos sempre os mesmo frequentadores ou grupo de frequentadores que acessam a Praça, permanecem e saem juntos sem estabelecer novas relações com outros usuários.

Quando questionado sobre os atrativos que a Praça teria para chamar os frequentadores a usufruir do local, 41% dos respondentes afirmaram que o local precisaria ser redimensionado na sua estrutura física, com maior atenção pelo Poder Público quanto a limpeza e a segurança do local. Para 18% dos respondentes atualmente o maior atrativo da Praça se trata da vasta área verde e dos espaços para recreação, referentes a pistas de *skates* e *playgrounds*.

Uma informação coletada com o questionário foi a de que os eventos na Praça, aparecem entre 5 e 7% (cinco e sete por cento), como fatores atrativos de acesso ao local, pois segundo os vizinhos do entorno, raramente acontece algum tipo de evento, proporcionado pelo Poder Público ou qualquer outra instituição.

Quanto à repercussão da existência da Praça para os estabelecimentos, instituições e moradias do entorno, frente aos episódios de violência e utilização de droga no interior da mesma, foi questionado se estes eventos já teriam sido motivo de mudança de endereço frente às dificuldades de convívio com o local, o que foi respondido na proporção de 94% (noventa e quatro por cento) de que não o fariam nenhuma mudança de endereço e a opção seria por continuar no entorno da Praça Dom Antonio Zattera.

A forma como o entorno vê cotidianamente a Praça e participa dos eventos relacionados ao local, tanto no seu aspecto estrutural como nas questões das vivencias acontecidas nas suas dependências, com o decorrer das décadas foi tomando proporções diferentes na medida em que Pelotas cresce e o bairro onde localiza-se a Praça Dom Antonio Zattera, deixa de ser um local afastado do centro da cidade e passa a integrar o seu núcleo central.

Do texto de Monquelat (2015), percebe-se que nos anos iniciais após sua criação, o entorno da Praça tinha uma preocupação com o local e com as interações sociais que lá aconteciam. Mais precisamente no ano de 1896, duas décadas após

sua criação, tempo em que se chamava Praça Júlio de Castilhos, Monquelat (2015, p.252) traz em sua obra a seguinte informação:

Caça aos tico-ticos e quero-queros na praça. Vitú, aos 30 dias do mês de junho de 1896, chamava a atenção da autoridade, a pedido de “pessoas respeitáveis”, para o fato que ainda poderia acarretar sérias consequências, de, todos os domingos, se juntarem muitos meninos, armados de espingardas, na Praça Júlio de Castilhos, onde faziam perigosas caçadas de tico-ticos e quero-queros. Não se tinha ideia do tiroteio que ali organizavam os endiabrados guris, nem o que arriscava uma pessoa, passando naquela praça, em tais dias. Se os pais daqueles garotos não lhes sabiam proporcionar outras ocupações mais, do que as célebres caçadas das quais ele falava, à polícia competia arrumar-lhes outra coisa (grifo do autor).

Percebe-se pelo relato de Monquelat (2015) que, nesta época, ainda não havia acontecido com a Praça Dom Antonio Zattera o que o Caetano (2016), em sua entrevista, chama de o descolamento da ocupação do entorno das interações sociais e dos capitais sociais que eram praticados na Praça, no sentido de que os estabelecimentos vizinhos à Praça, observavam os movimentos na tentativa de manter o local como um espaço público adequado para o encontro, o lazer e a recreação.

Segundo Caetano (2016), este descolamento começou a ficar evidente a partir da metade do século XX, quando a Praça Dom Antonio Zattera, passou cada vez mais a integrar o núcleo central da cidade. A Praça, segundo Caetano, começou a ter status de espaço público globalizado, ou seja, um local com uma heterogeneidade maior em relação aos ocupantes dos prédios do entorno, que agora como núcleo central transformou-se em um reduto comercial e por isso a rotatividade das ocupações, fato também observado em relação aos frequentadores, pois agora, estes vinham de todos os lugares da cidade.

Para Caetano (2016), nestas condições o local simbolicamente não pertence a ninguém, tanto os vizinhos ocupantes do entorno como os frequentadores, na sua generalidade não se identificam mais com o local, não existe uma apropriação do espaço.

As informações de Caetano (2016) foram comprovadas com os dados da pesquisa, pois estes revelaram que apenas 34% (trinta e quatro por cento) dos usuários se identificam com a Praça e a frequentam a bastante tempo. Quanto aos ocupantes do entorno, 77% (setenta e sete por cento) responderam no sentido do

local ser indiferente ou não se identificar frente à possibilidade da ocorrência de práticas ligadas a violência no lugar.

Em seu relato, quanto este pesquisador questionou se o Poder Público Municipal não recebia demandas da população para melhorias na Praça Dom Antonio Zattera, Caetano (2016), em sua resposta, acabou comprovando todas as informações já dadas, quanto à globalização do local, dizendo que não era recebida nenhuma demanda para a Praça, no entanto ressaltou a diferença em relação às praças dos bairros que por fazer parte de um universo restrito, constantemente a Prefeitura Municipal é demandada para realização de melhorias nos locais.

Para ilustrar a questão, Caetano (2016) citou o caso do ECP, uma instituição esportiva centenária, localizada na Rua Anchieta cujo estádio ocupa metade da quadra no entorno da Praça. Segundo o entrevistado, nunca foi visto seus atletas realizando qualquer tipo de treinamento nas dependências da Praça Dom Antonio Zattera, mesmo que em menor intensidade, atitude que demonstraria um vínculo com a Praça e poderia incentivar a prática de interações sociais ligadas à atividade esportiva.

Para Caetano (2016), em relação ao comportamento dos ocupantes do entorno com a Praça, há que se considerar um componente clássico do capitalismo, qual seja, a busca pelo acúmulo de bens materiais e a manutenção de uma situação financeira estável a ponto de manter um nível de consumo satisfatório. O entrevistado cita o exemplo dos moradores das residências do entorno, que não saem dos seus edifícios para aproveitar a Praça, porque nos momentos típicos de lazer, durante o dia, estão confinados em seus trabalhos e nos demais horários consideram a Praça insalubre e violenta.

No entanto, mesmo considerando a Praça violenta, tanto as residências particulares, estabelecimentos comerciais e instituições do entorno da Praça Dom Antonio Zattera, praticamente na sua totalidade 94 % (noventa e quatro por cento), não cogitam mudar de endereço por estarem localizados na vizinhança da Praça.

A atitude dos ocupantes do entorno da Praça Dom Antonio Zattera, constatada na pesquisa, de não cogitarem suas remoções para outros lugares da cidade pode ser explicado por Serpa (2014, p.42), quando aborda a questão da valorização imobiliária que envolve a criação e a requalificação de Parques Públicos:

A segregação de grandes parcelas da população reforça a ideia de que no contexto urbano contemporâneo, o parque público é antes de tudo um espaço com alto valor patrimonial, contrariando o senso comum que idealiza esses equipamentos com bens coletivos e lugares da diversão do entretenimento e da “Natureza Socializada”.

Segundo o autor, a valorização imobiliária na região onde estão localizados os parques públicos, é um aspecto sempre presente nas decisões tomadas pelo poder público para a criação destes espaços ou para a requalificação dos mesmos.

Para Serpa (2014, p.61), os espaços públicos transformaram-se em “objeto de consumo”, vendidos ou reorganizados pelas administrações locais com a ideia de transformar o local em um lugar com alto valor patrimonial segregando as camadas da população com menor poder aquisitivo para outros bairros menos valorizados da cidade.

A leitura feita por Serpa (2014), quanto à questão da valorização imobiliária do espaço público, explica também o contexto atual da localização da Praça Dom Antonio Zattera e do relacionamento que a ocupação do entorno tem com a mesma, pois, pelas suas dimensões históricas e de localização a Praça proporciona uma valorização imobiliária a todos os terrenos e edificações dos arredores, frente a possibilidade da exploração de atividades comerciais.

Outro aspecto importante, relacionado ao consumo é o de que as instituições assistenciais, educacionais, esportivas e religiosas e principalmente, os estabelecimentos comerciais localizados no entorno da Praça Dom Antonio Zattera, acabam por se beneficiar da presença da Praça em área vizinha as suas unidades, pois os frequentadores da Praça quando estão presentes no local, conforme dados da pesquisa, numa proporção de 61%(sessenta e um por cento), nos dias em que frequentam a Praça, também vão aos estabelecimentos comerciais do seu entorno.

A situação descrita no parágrafo anterior torna-se mais evidente ainda em relação ao comércio móvel ou volante, quais sejam as feiras livres, feiras de artesanatos, trailers, que se fixam no entorno da Praça ou, até mesmo em seu interior, em dias determinados, cujo objetivo é ter o usuário da Praça como consumidor em potencial. As observações revelaram que estes comerciantes do entorno não guardam qualquer relação com a Praça, nem com os frequentadores em relação às interações sociais e os capitais sociais que estão presentes no local e suas presenças no entorno da Praça destina-se apenas ao comércio.

5.2.2 As relações do entorno da Praça e o seu envolvimento com o Poder Público para manter a Praça como elemento mediador de interações sociais

Nas seções anteriores deste capítulo tratou-se da percepção e da visão que o entorno da Praça Dom Antonio Zattera tem sobre o local frente ao contato permanente de vizinhança, momento em que foi descrito a importância da Praça para estes estabelecimentos uma vez que os frequentadores da Praça também acessam as instituições, as unidades comerciais nos dias em que se fazem presentes neste Espaço Público.

Nesta seção serão analisados os dados referentes à participação das unidades do entorno conjuntamente com seus pares ou em parceria com o Poder Público Municipal em ações que visem manter ou qualificar a Praça Dom Antonio Zattera como espaço público próprio do relacionamento social, da interação e da aquisição de capitais sociais.

Os dados coletados estão dispostos em tabelas com estatísticas percentuais, que serão analisados em conjunto com as entrevistas realizadas e com as observações não participativas.

Tabela 8: Relacionamento das unidades do entorno com a Praça Dom Antonio Zattera.

As possibilidades de relacionamento do entorno com o ambiente e as vivências existentes na Praça Dom Antonio Zattera.	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos a Praça em todas as ruas de acesso			Totais
	Instituições Assistenciais Educacionais Esportivas Religiosas	Comércio Indústria Prestação de Serviços	Residências	
De tranquilidade por ser um lugar agradável.	1	2	1	4(23%)
Desconfiança frente à possibilidade de ser um local que possibilita práticas ligadas à violência.	4	7	1	12(71%)
Gostaria de participar de movimentos sociais conjuntos para melhora as condições gerais do local.	0	0	0	0(0%)
A praça é um local indiferente a unidade.	0	1	0	1(6%)
Total das informações por unidades	5	10	2	17(100%)
Total geral das informações	17			

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 9: Interação entre os vizinhos do entorno da Praça, com seus pares ou conjuntamente com o Poder Público Municipal para manter ou qualificar o local.

Participação em atividades individuais, conjuntas com os demais vizinhos ou em parcerias com o Poder Público para melhorar as condições físicas e de utilização da Praça.	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos a Praça em todas as ruas de acesso			Totais
	Instituições Assistenciais Educacionais Esportivas Religiosas	Comércio Indústria Prestação de Serviços	Residências	
Sim	0	0	0	0(0%)
Não	5	10	2	7 (100%)
Às vezes	0	0	0	0(0%)
Total das participações	5	10	2	7(100%)
Total geral das informações	17			

Fonte: Elaboração do autor

Os dados da tabela 8 acima revelam, que 71% (setenta e um por cento) das unidades do entorno, prefere atualmente manter um afastamento do ambiente interno da Praça frente à possibilidade da ocorrência de ações voltadas a violência e somente 23% (vinte e três por cento), vem o local como aprazível e de tranquilidade para se desfrutar a qualquer momento.

Na tabela 9, foi perguntado se, atualmente, as unidades possuem práticas voltadas a ações conjuntas ente os próprios vizinhos ou em parceria com o Poder Público Municipal para manter a Praça ou para sugerir ações junto a Prefeitura Municipal neste sentido. Em resposta ao questionamento, 100% (cem por cento) dos ocupantes do entorno declaram que não participam ou tem qualquer tipo de ação voltada a Praça, com a intenção de sua manutenção ou qualificação para que a mesma se firme como local da mediação das relações, do lazer e da recreação.

Esta informação foi confirmada na entrevista feita com Rosa Maria Almeida (2016), quando lhe foi questionado sobre a participação das instituições, dos estabelecimentos comerciais e das residências do entorno.

A entrevistada relatou que não conta com a participação, de forma institucionalizada, com ninguém do entorno da Praça nos seus projetos relativos aos melhoramentos da Praça, como também não tem conhecimento da ação destes junto a órgãos da Prefeitura Municipal visando a manutenção e a qualificação da Praça Dom Antonio Zattera.

A ambientalista relatou que as participações que já contou nos seus projetos de cuidados com a Praça, relativos às instituições, estabelecimentos e residências do entorno, foram de funcionários de duas instituições uma religiosa e outra assistencial, no entanto de forma particulares, ou seja, não representavam as instituições a que estavam ligados.

Porém, a entrevistada relatou que a vizinhança do entorno só se envolve nas questões da Praça, em casos que se estabelecem conflitos em níveis extremos. Almeida (2016), ilustrou a situação ocorrida em 2014, quando os moradores de rua que faziam da Praça seu local de moradia, conforme situação descrita na seção inicial deste capítulo, passaram a ocupar o local ostensivamente, acumulando no local vários colchões, roupas e outros pertences.

Entre eles muitos menores que, para dormir, tanto utilizavam seus colchões nas dependências da Praça como nas calçadas das residências, estabelecimentos e instituições do entorno, situação esta que, na opinião de Almeida (2016), obrigou a vizinhança da Praça a contribuir em um projeto seu, que tinha por objeto encaminhar menores nestas situações para as instituições do Poder Público, que trata deste tipo de demanda social.

Os dados da pesquisa obtidos através do questionário, entrevista e observação demonstraram a individualização do comportamento dos responsáveis pelas instituições, estabelecimentos comerciais e residências do entorno, pois ficou demonstrado que, mesmo de forma acessória, uma vez que a obrigação principal dos cuidados com a Praça é função do Poder Público Municipal, as unidades vizinhas a Praça Dom Antonio Zattera não participam de qualquer ação, mesmo que uma simples solicitação ao Poder Público para viabilizar melhores condições para a Praça.

Para Elias (1994, p.102) o processo de individualização instalou-se nas sociedades estatais maiores, centralizadas e urbanizadas. Nestas sociedades, o indivíduo tem que batalhar muito mais por si, o que particularmente, coincide com o advento do capitalismo e das cidades industrializadas a partir do fim do século XIX:

A coesão dos grupos rompe-se à medida que perdem suas funções protetoras e de controle. E, nas sociedades estatais maiores, centralizadas e urbanizadas, o indivíduo tem que batalhar muito mais por si. A mobilidade das pessoas, no sentido espacial e social, aumenta. Seu envolvimento com a família, o grupo de parentesco, a comunidade local e outros grupos dessa natureza, antes inescapável pela vida inteira, vê-se reduzido. Elas têm menos necessidade de adaptar seu comportamento, metas e ideais à vida de tais grupos, ou de se identificar automaticamente com eles. Dependem menos deles no tocante à proteção física, ao sustento, ao emprego, à proteção de bens herdados ou adquiridos, ou à ajuda, orientação e tomada de decisão.

A ideia defendida por Elias, explica a individualização da vizinhança do entorno da Praça Dom Antonio Zattera, acontecida de forma mais contundente a partir da metade do século XX, quando a região em que está localizada a Praça começa a integrar o núcleo central da cidade de Pelotas e os prédios antes residências são agora ocupados por estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços. Para Caetano (2016), essa mudança de perfil da ocupação do entorno, foi

responsável pela globalização da Praça, conforme descrito no capítulo seguinte, desta dissertação.

Para Elias (1994, p.102), os indivíduos deixam seus grupos familiares ou sociais, e tendem a se desvincular de qualquer grupo associação ou entidade, frente à multiplicidade de opções que se visualizam para suas ações, e preferem decidir por si a fazer composições para atitudes conjuntas. Neste sentido, os indivíduos ocupantes das unidades prediais do entorno da Praça atualmente estão, fazendo uma relação com a teoria de Elias (1994, p.102), num processo de plena individualização. Suas decisões estão relacionadas aos projetos pessoais, são tomadas sempre fora de uma composição de grupo.

5.2.3 As interações sociais e os capitais sociais presentes na Praça na visão do entorno

A seção deste capítulo demonstrará, a partir dos dados coletados nas entrevistas questionários e observações, a percepção dos moradores do entorno em relação às interações sociais e os capitais sociais da Praça Dom Antonio Zattera, quando os usuários da Praça estão presentes no local, sejam em dias que estes frequentadores estiveram nos estabelecimentos vizinhos à Praça ou acessaram diretamente o local.

Tabela 10: Percepção do entorno sobre as interações sociais e os capitais sociais presentes na Praça Dom Antonio Zattera.

Atividades de que participam os frequentadores.	Descrição das unidades estabelecidas nos prédios vizinhos a Praça em todas as ruas de acesso			Totais
	Instituições Assistenciais Educativas Esportivas Religiosas	Comércio Indústria Prestação de Serviços	Residências	
Evento de qualquer natureza	4	6	2	12(26%)
Cultural	1	3	1	5(11%)
Político	0	4	1	5(11%)
Recreação	1	3	1	5(11%)
Lazer	2	4	1	7(15%)
Consumir no interior da Praça	1	3	0	4(10%)
Produzir no interior da Praça	1	0	0	1(2%)
Estabelecer novos Relacionamentos	1	0	0	1(2%)
Outros/ ginástica	0	1	0	1(2%)
Apenas como espaço de circulação	2	2	0	4(10%)
Total das atividades vista por unidades	13	26	6	45(100%)
Total geral das informações		45		

Fonte: Elaboração do autor

Na visão dos ocupantes das unidades prediais do entorno da Praça, os usuários, preferem acessar a Praça quando lá acontecem eventos de qualquer natureza ou ligados a atividades políticas, culturais, isto na proporção de 48% (quarenta e oito por cento) do total das informações coletadas.

Quanto aos capitais sociais, possíveis de serem adquiridos através das interações sociais, o entorno vê como expectativas de serem adquiridos pelos usuários a cultura, a formação política, a recreação, o lazer e a prática esportiva.

Quanto à possibilidade dos frequentadores utilizarem a Praça como local de consumo, produção ou circulação, as informações vindas do entorno vem a possibilidade de 22% (vinte e dois por cento) das pessoas que utilizam a Praça Dom Antonio Zattera terem estas intenções.

Um dado importante observado pelos ocupantes do entorno diz respeito à dinâmica das interações sociais entre os usuários quando estes estão presentes nas dependências da Praça. Os dados da pesquisa mostraram que apenas 2% (dois por cento) dos frequentadores, na visão do entorno desejam estabelecer novos relacionamentos.

As informações da pesquisa contida nesta seção, descrevendo a visão que o entorno da Praça Dom Antonio Zattera têm das dinâmicas das interações sociais e dos capitais sociais acontecidos nas dependências desta, não são conclusivas, pois os dados fornecidos pelos estabelecimentos comerciais instituições e residências da vizinhança da Praça, não são baseadas em dados científicos, mas na experiência cotidiana das observações empíricas do local feitas pelos vizinhos da Praça.

No entanto, são dados importantes, na medida em que servirão como elementos comparativos na próxima seção deste capítulo, momento em que serão analisados as informações coletadas, diretamente com os frequentadores da Praça quando estes se encontravam nas dependências da mesma, com metodologia técnica apropriada a investigações no campo das ciências sociais, conforme descrito no capítulo IV desta dissertação.

5.3 A Praça Dom Antonio Zattera como espaço da interação social e da aquisição de capitais sociais pelos seus frequentadores.

A seção deste capítulo demonstrará a origem dos usuários da Praça Dom Antonio Zattera, também a visão que os mesmos têm do local enquanto espaço mediador de relações sociais, a identificação dos frequentadores com a Praça, bem como a dinâmica das interações sociais e os capitais sociais presentes no local.

5.3.1 A origem dos frequentadores da Praça Dom Antonio Zattera e forma de acesso ao local

Conforme dados da tabela 2, disposta no capítulo II desta dissertação, os frequentadores da Praça são, na sua maioria, na proporção de 69% (sessenta e nove por cento) de outros bairros que não os da própria Praça. Esta informação tem relação importante com os dados coletados junto aos moradores do bairro onde ela

se encontra, mais precisamente com a vizinhança do seu entorno. Conforme ficou demonstrado na tabela 8 na seção anterior a este capítulo, 71% (setenta e um por cento) do entorno vê a Praça como um local relacionado à possibilidade da ocorrência de eventos relacionados à prática de violência de toda ordem, motivo pelo qual não frequentam o local.

Quanto à forma de acesso à Praça, os usuários, conforme dados da tabela 3 do capítulo 2, preferem acessar o local, numa proporção de 40%(quarenta por cento) com seus familiares, 20% (vinte por cento), acessam sozinhos e 20(vinte por cento) do total que acessam estão dispostos a estabelecer novos relacionamentos com outros frequentadores, mesmo que esta não seja sua intenção original de ter acessado o local e 20% (vinte por cento) de outras formas. Diante das informações, percebe-se que a Praça é utilizada por grupos já constituídos anteriormente, primordialmente famílias, que acessam o local e interagem entre si durante o tempo que lá permanecem.

Quanto à motivação dos usuários para frequentar a Praça, os dados da tabela abaixo trouxeram as seguintes informações:

Tabela 11: Identificação dos motivos que levam os usuários até a Praça

Motivos pelos quais se da frequência na praça para as possíveis interações sociais	Dados dos usuários	%
Eventos de qualquer natureza	6	31%
Eventos culturais	0	0%
Eventos políticos	0	0%
Eventos de recreação	3	16%
Eventos de laser	4	21%
Consumir na Praça	0	0%
Produzir na Praça	0	0%
Circulação para outros locais	5	26%
Intenção de estabelecer novos relacionamentos	0	0%
Outros com intenção de orientar os frequentadores a limpar a praça	1	6%
Totais	19	100%

Fonte: Elaboração do autor

Os dados da pesquisa revelaram que 68% (sessenta e oito por cento) das informações vindas dos frequentadores, indicam que os mesmos preferem acessar a Praça nos dias em que acontecem eventos no local, sejam eles de qualquer natureza, ligados a recreação ou ao lazer e 26% (vinte e seis por cento), apenas como área de circulação, quanto ao acesso com intenção puramente de consumir no interior da Praça não houve respondentes com esta intenção.

A opção dos usuários em frequentar a Praça, nos dias em que se realizam eventos ou em ocasiões especiais, encontra explicação na teoria de Goffman (2010, p.28), sobre ocasião social. Para Goffman, (2010, p.28) é momento em que as pessoas entram na presença imediata uma das outras como participantes:

[...] é um acontecimento, realização ou evento social mais amplo, limitado no espaço e no tempo e tipicamente facilitado por equipamentos fixos; uma ocasião social fornece o contexto social estruturante em que muitas situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido como o padrão apropriado e (frequentemente) oficial – um “padrão de comportamento estabelecido”, para usar o termo de Barker [...]

O comportamento dos usuários da Praça Dom Antonio Zattera em relação à preferência dos dias para acessar o local em que acontecem eventos, pode ser explicado a partir de Goffman (2010, p.28), pois o autor descreve que cada ocasião social possui uma estrutura própria comportamental, ou seja, os participantes dos eventos esperam um comportamento adequado para aquela situação, caso aconteça um evento de música clássica, por exemplo, na Praça é esperado que todos os participantes parem para ouvir o concerto. Em outras palavras, é dizer que os frequentadores da Praça Dom Antonio Zattera tem preferência por acessar o local nos dias de eventos específicos, pois, espera-se que, os participantes comportem-se da maneira apropriada ao evento em si, e desta forma as interações sociais que decorrerão desta ocasião são previsíveis mesmo antes de estar no local.

5.3.2 A Praça Dom Antonio Zattera quanto aos aspectos estruturais e da possibilidade de sua utilização para as interações sociais e aquisição de capitais sociais

Nesta seção serão analisados os dados da Praça Dom Antonio Zattera na ótica dos frequentadores. Informações referentes à sua estrutura física e a sua

adaptabilidade às atividades que os usuários pretendem quando acessam o local, bem como as condições do ambiente relativas à segurança e ao trato que o Poder Público Municipal deve dispensar a este espaço público lugar próprio para a mediação de relações sociais.

Tabela 12: A utilização da Praça Dom Antonio Zattera na visão dos usuários

As condições físicas e as possibilidades de Interações sociais na Praça	Dados dos usuários	%
Poderia ser mais bem utilizada não fosse à violência no local e o descaso do Poder Público	7	46%
A Praça é bem utilizada nas condições atuais	4	27%
Precisaria de uma melhor adequação do espaço físico	4	27%
A praça apresenta todas as condições para que os frequentadores interajam	0	0%
Totais	15	100%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à estrutura física da Praça os dados dispostos na tabela 12, coletados por questionário demonstram que, 27% (setenta por cento) dos respondentes não consideram a Praça em condições, ou pelo menos parcialmente não consideram para o uso que se destina como espaço do encontro e da mediação entre os indivíduos, ou se encontra em condições apenas em determinadas situações.

As inadequações da Praça, dita pelos seus usuários, pode ser constatada durante a pesquisa quando se utilizou no mês de agosto de 2016 a observação não participativa como técnica para coleta de dados, um mês de inverno, tipicamente chuvoso, em Pelotas e a Praça, após os dias de chuva, ficava outros longos dias sem possibilidade de uso, principalmente, na área de recreação infantil, pela falta de escoamento ou drenagem do local, motivo este que impedia os frequentadores de acessá-lo.

Estas informações foram confirmadas em entrevista com Caetano (2016), quando descreveu a inadequação da vegetação atualmente existente na Praça, no caso, árvores inapropriadas para espaços públicos urbanos, devido ao seu tamanho e a forma das suas copas, impedindo a circulação de ar, mantendo,

consequentemente, o local úmido após os dias de chuva, conforme dados já relatados no segundo capítulo desta dissertação.

A violência e o descaso do Poder Público com a Praça, na visão dos usuários, aparece com 46% (quarenta e seis por cento), como um dos principais fatores que impedem a presença ostensivamente dos frequentadores em qualquer horário e dia no local.

A Praça Dom Antonio Zattera, de acordo com a obra de Monquelat (2015, p.253-254), historicamente se constituiu como um local em que se praticavam eventos ligados a violência, quando não no seu interior, no seu entorno:

Atenção há vagabundos na área: Alguns leitores, dia 20 de julho de 1896, pediram a Vitú que chamasse à atenção da autoridade para as malocas de vagabundos que, à Praça Júlio de Castilhos e Ruas Marechal Deodoro e General Argolo, extremos norte, que viviam a quebrar vidros e assaltarem quitandeiros, a quem roubavam descaradamente. Era necessário acabar com essas poucas vergonhas.

Monquelat (2016) declarou, em entrevista, que a Praça Dom Antonio Zattera desde a época de sua criação no final do século XIX, se tornou uma zona de conflito, muitos vizinhos utilizavam o local para acerto de contas, muitos escravos fujões eram capturados na Praça sem contar as brigas, o autor descreveu o local como um lugar de “muita polêmica”.

Segundo as informações de Monquelat (2016), com decorrer do tempo e a crescente onda de violência a Praça Dom Antonio Zattera, também pelas suas características físicas, com densa vegetação, passa a ser um local ideal para a prática de toda forma de delito e, sem uma presença contínua do poder público para fazer segurança, acaba por afugentar os frequentadores e consequentemente, dificulta as interações sociais que poderiam lá ocorrer, pois constitui-se assim numa zona de conflito.

A questão do conflito, descrito por Monquelat (2016), na Praça Dom Antonio Zattera também declarado pelos frequentadores da Praça nos questionários quando evitam o local temendo conflitar com a violência, pode ser visto na observação não participativa feita durante a pesquisa no local.

Conforme as informações constantes no apêndice H desta dissertação, a ocupação da Praça pelos frequentadores se dá de forma mais intensa nos finais de semana, onde a mesma é completamente tomada pelos seus usuários, distribuídos por todos os seus espaços internos.

Durante a semana, a Praça é utilizada de outra forma, as pessoas que acessam o local preferem seu interior, evitam as periferias e a exposição ao local, preferencialmente são casais, ou pessoas com animais de estimação.

Durante o fim de semana a expressão “tomada”, utilizada no parágrafo anterior para designar a presença das pessoas na Praça, comportamento visto durante as observações feitas no local, tem relação com a forma com que os usuários acabam por encontrar de se proteger da violência no grande grupo, mesmo que não conscientemente, o que poderia ocorrer caso acessassem o local em dias e horas de pouco movimento.

Tal comportamento fica evidente quando se observou que, nos domingos, à tarde, dia típico em que a Praça fica lotada, não se percebe a presença dos moradores de rua que, rotineiramente durante a semana estão lá, o que é causa de constantes conflitos com os usuários da Praça.

Para Simmel (2006, p.83-84), um dos atos de interação mais importantes é o conflito, a sua natureza dualista entre harmonia e desarmonia é uma maneira de interagir, de associar-se, tornando assim o conflito uma força positiva e funcional, contribuindo para formação da sociedade. Nas relações, de um modo geral, o conflito é o elemento formador de um determinado grupo, possibilitando unidade, mesmo que tenha por base a divergência.

Desta forma, os acontecimentos da Praça Dom Antonio Zattera relativo aos confrontos gerados ente os moradores de rua que, nos dias de semana acabam por fazer da Praça sua “residência”, com os usuários e os vizinhos do contorno, pode ser explicados a partir da teoria de Simmel (2006, p. 3 e 84) sobre o conflito, pois estes eventos acabam por gerar uma união entre os frequentadores que, mesmo não conscientemente, acabam por acessar conjuntamente a Praça nos fins de semana, fato que leva a ausência dos moradores e por fim evitam o conflito.

Também em Simmel (2006), é possível a compreensão para o fenômeno observado na Praça Dom Antonio Zattera, quando o autor fala do comportamento das massas em determinadas ocasiões:

[...] todas as ações das massas fogem dos desvios, e, bem sucedidas ou não, seguem, em busca de seu objetivo, o caminho traçado pela linha mais curta. São sempre dominadas por uma idéia, de preferência a mais simples possível. É muito pequena a possibilidade de que cada integrante de uma grande massa tenha em sua consciência e em sua convicção um complexo

de pensamentos que seja ao mesmo tempo variado e idêntico ao dos demais (SIMMEL, 2006, p.50).

Embora os usuários acessem a Praça com a intenção de interações sociais, e estas se processem dentro de determinadas dinâmicas, bem como a aquisição de capitais sociais, temas que serão abordados na sequência deste capítulo, a ideia mais curta, a que se refere Simmel (2006, p.50), no caso do acesso em massa à Praça Dom Antonio Zattera aos domingos, embora não percebidas pelos usuários, seria a segurança e a proteção ao conflito que, a hora e o dia em especial, pela visibilidade e o acúmulo de pessoas proporciona.

5.3.3 Os setores internos da Praça e os capitais sociais presentes nestes espaços

A seção deste capítulo tem por objetivo abordar os capitais sociais presentes nos setores internos da Praça, conforme descrição destes espaços no capítulo II desta dissertação. São eles: setor do centro cívico, áreas de práticas esportivas com pistas de *skates*, *playground* com brinquedos infantis, setor de práticas religiosas, setor ligado a práticas educativas com a Escola de Educação Infantil Ruth Blank e a Academia Pelotense de Letras e o setor dos passeios com ampla área verde.

Os dados da tabela 13 trazem as informações sobre os espaços mais utilizados pelos usuários e, conseqüentemente, os capitais sociais que são objetivos dos frequentadores quando acessam a Praça.

Tabela 13: As áreas mais utilizadas pelos frequentadores no interior da Praça.

Setores da Praça	Dados dos usuários	%
Área do Centro Cívico	2	14%
Área de praticas esportivas <i>skate/bicicleta</i>	1	7%
Área das reuniões para cultos religiosos	0	0%
Área central de vivências <i>Playground</i>	5	35%
Nas periferias da Praça	3	22%
Circulação nas diversas áreas	3	22%
Totais	14	100%

Fonte: Elaboração do autor

O termo capital social empregado para definir o objetivo dos usuários da Praça Dom Antonio Zattera, quando acessam determinadas áreas ou setores da Praça é incorporado ao trabalho a partir dos conceitos de Putnam (1996, p.177) e Coleman (1990, p.304), desenvolvidos no capítulo terceiro da dissertação, quando trabalhamos as bases teóricas desta pesquisa.

Para Putnam (1996, p.177) capital social está relacionado a relações de confiança e cooperação entre indivíduos para o atendimento de determinados objetivos comuns que tanto podem ser públicos, econômicos ou humanos. Para Coleman (1990), capital social tem a ver com as relações sociais que os indivíduos estabelecem em determinados espaços visando adquirir educação e cultura, conforme já especificado no capítulo III, desta dissertação.

5.3.3.1 Setor do Centro Cívico ou Altar Da Pátria – figura 4

De acordo com os dados da tabela 13, 14%(quatorze por cento), dos usuários responderam que preferem ficar, quando estão na Praça Dom Antonio Zattera, no setor do centro cívico, um local que fica na quadra da Avenida Bento Gonçalves.

De acordo com as observações feitas neste setor específico da Praça, trata-se de um espaço em que os frequentadores, estabelecem relações de confiança e colaboração, e fortalecem tais sentimentos, mesmo quando a interação social acontece apenas entre os indivíduos dos grupos já constituídos antes de chegar a Praça e, assim sendo, trata-se de um setor em que são possíveis níveis de descontração e lazer.

As aquisições destes capitais sociais estão relacionadas às atividades desenvolvidas pelos frequentadores nos fins de semana quando o local é utilizado para a prática do chimarrão (SINDIMATE, 2016).

No setor do Centro Cívico ou Altar Da Pátria, por se localizar na Praça, na quadra da Avenida Bento Gonçalves, em dias de desfiles comemorativos ao Sete de Setembro, data da Independência do Brasil, ou no Vinte de Setembro, data da comemoração da Revolução Farroupilha, são instalados os palanques próprios das festividades, eventos sociais que reúnem a população da cidade, momentos que, de

acordo com as observações não participativas feitas no local, acabam por sensibilizar os participantes que rememoram o civismo e a cultura do País e do Rio Grande do sul.

No entanto, conforme os dados coletados nas datas comemorativas utilizando-se a técnica de pesquisa da observação não participativa, apêndice H deste trabalho, os indivíduos que se fizeram presentes no local, dia sete de setembro de 2016 e dia vinte de setembro de 2016, na visão deste pesquisador, não relacionam a Praça a importância do local para a aquisição destes capitais sociais relativos ao sentimento cívico patriótico e cultural.

Nestes mesmos dias, segundo as observações deste pesquisador, os indivíduos presentes, demonstravam que os eventos comemorativos poderiam ser realizados em qualquer outro local da cidade, ou seja, não atribuíam à praça pública, no caso em questão a Praça Dom Antonio Zattera, a função de realizar e proporcionar, como espaço público que é, momentos relativos a celebração da política, cultura e cidadania.

Neste contexto, a Praça Dom Antonio Zattera, como espaço público próprio da mediação das relações sociais seria, segundo a teoria de Putnam (1996, p 106-113) sobre a importância do capital social, o local para a realização de interações sociais carregadas de “fortes noções cívicas”, com sentido cooperativo que, assim sendo, proporciona aos frequentadores segundo o autor vivências relacionadas à “igualdade política, confiança e solidariedade”.

5.3.3.2 Setor de práticas esportivas - pistas de Skates – figura 5

Este espaço da Praça é frequentado por usuários com características específicas, jovens adolescentes com seus *skates* e bicicletas, que se dirigem até o local para fazer manobras com seus equipamentos esportivos e, durante sua estada, na Praça não utilizam os demais setores.

Os dados da tabela 13 demonstram que estes usuários somam 7 % (sete por cento) do total dos respondentes dos questionários. Durante as observações feitas neste setor da Praça, na fase da coleta de dados, via-se que os jovens eram acompanhados pelos pais durante o fim de semana e durante a semana acessavam a Praça sozinhos, pois tratavam-se de adolescentes.

Para Almeida (2016) os jovens que frequentam o setor de práticas esportivas e pistas de *skates*, têm forte identificação na Praça com o lugar, pois sempre conseguem desenvolver as práticas esportivas que se propunham quando acessaram o local. A entrevistada citou como exemplo, a receptividade que teve por parte dos adolescentes que utilizam o setor das pistas de *skates*, em uma campanha que desenvolveu em um dos seus projetos ligados a educação ambiental, com a colocação de cestos de lixo.

5.3.3.3 Playground com brinquedos infantis – figura 7

Os dados da tabela 13, referente à tabulação dos questionários quanto à utilização dos setores da Praça revelou que, 35%(trinta e cinco por cento) dos respondentes preferem ou se dirigem a Praça para utilizar o *playground* e, sendo assim, a recreação infantil é um capital social possível neste espaço, quando os usuários estabelecem interações sociais com esta intenção.

Para Coleman (1990, p. 304), as relações sociais estabelecidas em determinados espaços são próprias de cada espaço em particular e, se estabelecidas com um sentido cooperativo se constitui como o capital social possível de ser adquirido pelos frequentadores.

Desta forma, o setor de brinquedos infantis na Praça Dom Antonio Zattera se apresenta como um local próprio do lazer e da recreação infantil, conforme visto nas observações não participativas, informações constantes no apêndice H, deste estudo.

As dependências da Praça são utilizadas pelas crianças intensamente nos finais de semana, acompanhadas pelos pais ou responsáveis. Durante a semana o setor de recreação infantil fica com um número reduzido de usuários, não se vendo crianças desacompanhadas no local.

Diante da análise dos dados, a Praça Dom Antonio Zattera se mantém, com um forte apelo quanto à intenção de ser um lugar voltado a proporcionar a recreação, fazendo jus a sua ideia inicial que, segundo relatos históricos, para Werner Flach e Moreira Berdete (2016, p.201) a Praça foi criada com a intenção principal de se destacar por ser um espaço diferenciado dos demais espaços públicos da cidade destinado à recreação infantil.

Para Caetano (2016), atualmente a ausência das crianças da Praça nos dias de semana está relacionado à falta de segurança do local, segundo o entrevistado os pais temem a *perda dos filhos ou a exposição a possíveis situações de violência* e, por este motivo evitam deixar os filhos na Praça livremente, diferentemente do que se via na época de sua criação, fim do século XIX, começo do século XX, quando os meninos caçavam passarinho livremente na Praça, a qualquer dia, como descreveu Monquelat (2016) em sua entrevista.

Segundo Caetano (2016), esta situação tem outros desdobramentos qual seja a perda do referencial da Praça para a criança, a infância como um todo não tem mais uma relação sua com a praça pública, como espaço da diversidade, do relacionamento, da brincadeira, ela só é utilizada e vista pelos infantes através dos pais quando estes os levam até o local e, sendo assim passa a ser um lugar como qualquer outro nos quais é conduzido pelos responsáveis como cinema, shopping ou uma quadra poliesportiva.

5.3.3.4 Escola de Educação Infantil Ruth Blank e as práticas educativas – figura 9

O setor voltado às práticas educativas é composto pela Escola de educação infantil Ruth Blank e pela Academia Pelotense de Letras, instituição que não conseguimos contato para informações. A escola Ruth Blank está localizada no interior da Praça Dom Antonio Zattera desde 1963, atualmente atende crianças até seis anos de idade.

As informações referentes às relações sociais envolvendo o capital social educação na Praça, possíveis de serem realizadas no Setor das Práticas Educativas, não foram coletados por questionário, uma vez que as possibilidades de sua ocorrência estão vinculadas ao funcionamento da Escola Ruth Blank, embora sendo uma instituição pública, o acesso é restrito de acordo as normas de utilização dos demais órgãos do Poder Público Municipal.

Diante do exposto no parágrafo anterior, os dados referentes às práticas educativas da Praça foram coletados por entrevista, no dia 14 de setembro de 2016, com a Coordenadora Pedagógica da Escola Ruth Blank, Professora Marge Peixoto.

Para Peixoto (2016), as relações sociais e as interações da Escola com a Praça Dom Antonio Zattera, no processo educativo desenvolvido pela Escola, atualmente é prejudicado pela falta de segurança na Praça.

Segundo a entrevistada, a Escola organizou uma pracinha interna para as crianças, uma vez que a Coordenação desistiu de levar os menores até as dependências da Praça Dom Antonio Zattera para brincar ou desenvolver projetos educativos, frente à possibilidade de presenciar situações de conflito envolvendo moradores de ruas e outros episódios relacionados à violência, conforme relato da entrevista no apêndice G desta dissertação.

Neste contexto, a Coordenadora traz importante informação quanto ao processo interativo das crianças com a Praça. Segundo Peixoto (2016), as crianças veem o local pelo vidro da janela, ou seja, a interação com a Praça e a possibilidade de estabelecer relacionamentos e brincar está blindada pelas estruturas da Escola, que ao colocar os alunos em segurança, os separam dos brinquedos, da área verde e de todo o ambiente que poderia se tão rico na hora do recreio, ou até mesmo nos projetos desenvolvidos pela Escola.

Diante da situação, a Coordenadora segue seu relato trazendo as informações de que os alunos pedem essa interação com a Praça, quando observam os acontecimentos naturais no local, passarinhos na grama em dias ensolarados.

No entanto, segundo a Coordenação da Escola Ruth Blank, não existe qualquer tipo de movimento tanto entre os vizinhos do entorno da Praça isoladamente ou em parceria como o Poder Público Municipal, ou mesmo de iniciativa da Prefeitura Municipal de Pelotas no sentido de resolver a questão da segurança na Praça.

Desta forma a educação na Praça Dom Zattera é um processo interno, decorrente das relações sociais e pedagógicas existentes na Escola Ruth Blank, que independem da mesma estar situada dentro da Praça, pois o processo interativo com este espaço público é frágil pelas razões já expostas nos parágrafos acima.

5.3.3.5 Áreas de circulação e periferia da Praça

Os questionários aplicados com os frequentadores, conforme dados tabulados na tabela 13 desta seção, demonstraram que 22% (vinte e dois por cento) dos usuários quando estão na Praça, preferem se fixar na periferia.

A preferência deste grupo de frequentadores, pela periferia da Praça, evitando seu interior, de acordo com os dados das observações, tem relação ao ambiente e ao tipo de interação que acontece nos arredores ou nas calçadas da Praça, tanto nos dias de semana quanto nos fins de semana.

O ambiente a que se refere este pesquisador nas calçadas, região periférica da Praça, esta relacionada à possibilidade do consumo por parte dos usuários. Aos sábados, a Praça é rodeada em todas as ruas que a acercam com exceção da Avenida Bento Gonçalves, pela feira de hortifrutigranjeiros. Neste dia, segundo as observações feitas no local, ficou constatado que os frequentadores da Praça utilizam a periferia da Praça com a intenção de adquirir produtos de produção colonial que são ofertados, conforme figura 18 desta dissertação.

Situação semelhante ao que se descreveu no parágrafo anterior, acontece aos sábados à tarde, quando os frequentadores utilizam a periferia da Praça Dom Antonio Zattera, mas precisamente na quadra da Avenida Bento Gonçalves, para fazer lanches, conforme figura 20 desta dissertação.

Aos domingos também, na zona periférica, o atrativo para o consumo é a feira de artesanato que se localiza no canteiro central da Avenida Bento Gonçalves, em frente à Praça, motivo pelo qual, segundo as observações feitas no local, os usuários preferem a calçada da Praça, pois facilita o deslocamento até o local para o consumo de artesanatos e depois retornam a Praça, conforme figura 19 desta dissertação.

Outro importante evento que se realiza aos domingos na calçada da Praça com a Avenida Bento Gonçalves, também relacionado ao consumo, diz respeito a instalação de empresas com pequenas estruturas que distribuem gratuitamente erva aos frequentadores que se dirigem ao local para tomar chimarrão, fazendo com que os indivíduos presentes no local acabem por não acessar os outros setores da Praça, conforme figura a seguir.



Figura 22: Doação de erva-mate nas dependências da Praça
Fonte: Foto do autor

A preferência, pela movimentação e a circulação por todos os espaços da Praça, na proporção de 22% (vinte e dois por cento) do total dos frequentadores que responderam o questionário, confrontado com as observações não participativas na Praça Dom Antonio Zattera, acontecem em momentos específicos conforme demonstrado no apêndice H desta dissertação.

Dentre as situações ou momentos referidos no parágrafo, percebeu-se que os usuários utilizam a Praça apenas como via de acesso para outras regiões vizinhas, principalmente acesso ao comércio durante os dias de semana. Nestes dias, os frequentadores não se fixam na Praça para estabelecer interações sociais e quando o fazem utilizam o interior da Praça, como já descrito nas seções iniciais deste capítulo.

Quanto às pessoas que circulam por todos os espaços da Praça durante o final de semana observou-se que o ato se dá de forma diferente, fazem uma espécie de “reconhecimento do local”, não se fixam em nenhum espaço, permanecem por poucos instantes e não interagem com as demais pessoas que lá se encontram.

5.4 A Dinâmica das interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera

Nas seções anteriores deste capítulo os dados analisados relacionavam-se aos capitais sociais presentes na Praça Dom Antonio Zattera e possibilidade de sua aquisição pelos usuários, a partir das relações sociais que estabeleciam no local.

Nesta seção será abordada a dinâmica destas interações sociais que se estabelecem entre os indivíduos a partir destas relações sociais. Para a consecução deste objetivo, na coleta de dados, foi utilizado o questionário com os frequentadores da Praça, entrevistas e a observação não participativa. Os dados estão distribuídos na tabela a seguir:

Tabela 14: A dinâmica das interações sociais realizada na Praça Dom Antonio Zattera.

As interações sociais e as características dos relacionamentos na Praça	Usuários pesquisados	%
Não me relaciono com ninguém não utilizo o espaço para este fim.	4	31%
Já fiz amizades, interações culturais, esportivas e outras na Praça e mantenho até os dias atuais.	2	15%
Só me relaciono com os familiares ou com grupo de amigos que já conhecia.	4	31%
Relacionamentos temporários apenas no dia em que estive presente.	1	8%
Não saberia responder.	2	15%
Totais	13	100%

Fonte: Elaboração do autor

As informações da tabela 14 referentes à dinâmica das interações sociais demonstraram que os usuários, em sua grande maioria, conforme os dados da tabela, quando acessam a Praça, não o fazem com a intenção da interação social com os demais indivíduos que se fazem presente no local.

Do total da amostra, 31% (trinta e um por cento), declararam que não vão à Praça com esta intenção. Somados aos 31% que afirmaram só interagem com parentes ou outras pessoas das quais já tinham relacionamento anterior, perfazem um total de 62% (sessenta e dois por cento) do total dos respondentes do questionário, com repostas negativas quanto à interação com outros indivíduos que se encontravam na Praça e que não seja do suas relações diárias de convívio.

Importante registrar que dos restantes, 38% (trinta e oito por cento) das repostas tabuladas, apenas 15% (quinze por cento) declararam que já participaram de interações sociais com outros indivíduos que não conheciam anteriormente e o relacionamento se mantém até os dias atuais.

Diante dos dados referentes à forma com que os indivíduos se comportam nos espaços da Praça nos dias normais de semana ou nos fins de semana, com uma ideia de insulamento, evitando assim interações sociais com os demais indivíduos ou com o estabelecimento de interações apenas com pessoas conhecidas, tem relação com a visão que o usuário tem deste espaço conforme descrito nas seções anteriores deste capítulo de que se trata de um local em que está presente a violência.

Neste contexto, a dinâmica das interações sociais praticadas na Praça Dom Antonio Zattera, pode ser explicada a partir dos conceitos de ajuntamento, situação e ocasião social de Goffman (2010, p.28):

[...] eu utilizarei o termo ajuntamento para me referir a qualquer conjunto de dois ou mais indivíduos cujos membros incluem todos e apenas aqueles que estão na presença imediata uns dos outros num dado momento. Com o termo situação, eu me referirei ao ambiente espacial completo em que ao adentrar uma pessoa se torna um membro do ajuntamento que está presente, ou que então se constitui. As situações começam quando o monitoramento mútuo ocorre, e prescrevem quando a penúltima pessoa sai. [...] Quando pessoas entram na presença imediata uma da outra, elas tendem a fazê-lo como participantes do que chamarei de ocasião social. Ela é um acontecimento, realização ou evento social mais amplo, limitado no espaço e no tempo e tipicamente facilitado por equipamentos fixos; uma ocasião social fornece o contexto social estruturante em que muitas situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido como o padrão apropriado e (frequentemente) oficial [...]

Desta forma, utilizando as definições Goffman (2010, p.28), os usuários da Praça Dom Antonio Zattera, quando na presença de outros frequentadores no local, o que acaba por ser o ajuntamento nas palavras do autor, criam uma situação de monitoramento da sua conduta em relação ao ambiente, qual seja a de se proteger de uma possível interação social indesejada. Neste sentido, a Praça, de acordo com os conceitos de Goffman, (2010, p.28), transformou-se na visão dos usuários quando presentes, numa ocasião social cujo contexto estruturante tem relação com a falta de segurança.

As observações não participativas feitas utilizando fotos, vídeo e áudios descritos no apêndice H, desta dissertação comprovam esta dinâmica interacional dos frequentadores da Praça Dom Antonio Zattera, qual seja, a de se manterem entre os conhecidos apenas, ou com grupos pré constituídos antes de chegar a Praça, pois mesmo nos fins de semana, dias em que aumenta o número de pessoas no local, os frequentadores se relacionam em mono ambientes, grupos isolados de

indivíduos, não se observa os presentes conversando livremente nos espaços da Praça.

Este tipo de dinâmica interacional também é explicado por Goffman (2010, p.34) quando aborda os passos da interação social, para o autor os indivíduos em co presença no primeiro momento estabelecem interações desfocadas, apenas se monitoram visualmente como uma espécie de *gerenciamento* da simples presença do outro no mesmo espaço. No segundo momento, a interação é focada, ou seja, os indivíduos em co presença se juntam e cooperam aberta e mutuamente num foco único de atenção.

Fazendo uma correlação dos conceitos de Goffman (2010, p.34) relativo as interações sociais em lugares públicos, a dinâmica das Interações sociais na Praça Dom Antonio Zattera nos dias normais e nos fins de semana, não ultrapassam o primeiro passo a que se referia o autor, ou seja, os frequentadores presentes na Praça preferem o monitoramento constante dos demais a se focar em interações com objetivos mútuos de cooperação.

Em relação às interações sociais desfocadas, dinâmica vista nos dias de semana e nos fins de semana na Praça Dom Antonio Zattera, campo desta pesquisa, pode-se ver também em Goffman, (2010, p.95-97), o mecanismo da desatenção civil, como meio do qual os indivíduos se utilizam para se protegerem da abordagem não desejadas dos demais presentes nos ajuntamentos.

A desatenção civil, segundo Goffman (2010 p.96) é o momento em que dois indivíduos estão próximos fisicamente, em uma ocasião social, e, num determinado momento, um deles dá ao outro um aviso visual suficiente para demonstrar que ele compreende sua presença (e que admite abertamente tê-la visto), e no próximo momento ele retira sua atenção para expressar que a segunda não constitui um alvo de curiosidade ou intenção especial e por isso com este comportamento exige sua desatenção sobre sua presença.

A interação social desfocada de Goffman (2010, p.95-97), dinâmica interacional em que os indivíduos em co presença, em um primeiro momento não agem cooperativamente num foco comum com os demais presentes nos lugares ou espaços públicos, estrutura comportamental própria existente no ambiente da Praça Dom Antonio Zattera, nos dias comuns de semana e nos finais de semana, conforme os dados da pesquisa não ocorrem quando está presente na Praça, o que

Caetano (2016) chamou de um elemento integrador ou mediador das interações sociais.

O elemento integrador a que se refere Caetano (2016), conforme conteúdo de sua entrevista, no apêndice E desta dissertação, diz respeito a promoção de eventos culturais, artísticos ou esportivos no interior da Praça, de forma a promover uma identidade comum de interesses, iniciativa que poderia ser, segundo o arquiteto urbanista, tanto do poder público como da sociedade civil organizada, como as universidades, por exemplo.

A importância do elemento integrador, descrita por Caetano (2016), para a mudança da dinâmica das interações sociais existentes na Praça Dom Antonio Zattera nos dias de semana comuns e nos fins de semana, de interações mono ambientais para dinâmicas cooperativas globais, pode ser comprovada com a observação do comportamento dos frequentadores da Praça nos dias em que aconteceram eventos no interior da Praça, isto na fase de coleta de dados, conforme descrição das figuras abaixo:



Figura 23: Roda de capoeira no setor do Centro Cívico.
Fonte: Foto do Autor



Figura 24: Mini campeonato de bola ao cesto, promovido por uma empresa que comercializa loterias.

Fonte: Foto do autor.



Figura 25: Concentração de pessoas para a realização de um evento político, relativo às eleições municipais de outubro de 2016.

Fonte: Foto do autor

Todos os eventos demonstrados nas figuras 23-25 foram promovidos por instituições não governamentais. Durante a fase da coleta de dados na Praça Dom Antonio Zattera, que se desenvolveu durante os meses de junho a setembro de

2016, com exceção da comemoração das datas cívicas de setembro, não foi observado outras iniciativas dos poderes públicos para a realização de eventos no interior da Praça.

Na figura 21, momento em que se acompanhou a roda de capoeira no Altar da Pátria, pode ser visto os frequentadores da Praça se dirigindo até o espaço onde acontecia o evento e, por alguns instantes, deixando seus grupos ou familiares com os quais estavam interagindo isoladamente para assistir a apresentação.

Ao redor da roda de capoeira, a natureza do evento chamou a atenção dos presentes que passaram a perguntar para os organizadores sobre a possibilidade da prática deste tipo de atividade física. Neste momento, chamou a atenção deste pesquisador, à interferência de outras pessoas que assistiam a interlocução, dizendo que seus filhos já praticavam esta arte marcial brasileira, ocasionando assim uma interação social entre pessoas desconhecidas que a não ser pelo evento, elemento integrador segundo Caetano (2016), não teria acontecido.

Da mesma forma, se observou quanto ao evento da figura 24, quando uma empresa do ramo de loterias realizou um mini campeonato de bola ao cesto, e os presentes reuniram-se em grande número ao redor das estruturas com as cestas de basquete para os arremessos. Durante o ato, observou-se que os frequentadores da Praça interagiam livremente, independentes de serem conhecidos ou não, pois os mesmos comentavam sobre suas habilidades pessoais nos arremessos, o que em muitos momentos foi motivo de descontração, demonstrando assim a importância do evento como elemento integrador entre os usuários da Praça.

O mesmo processo interativo pode ser visto no evento demonstrado através da figura 25, quando foi realizada uma observação não participativa no local, momento em que um partido político realizava concentração para uma passeata no interior da Praça, como forma de expor suas ideias, quanto ao pleito municipal que se realizaria em outubro de 2016. Os ocupantes da Praça interagiam indistintamente, os frequentadores que já estavam na Praça e as demais pessoas que acessavam o local apenas para o evento.

Os elementos facilitadores das interações sociais no interior da Praça Dom Antonio Zattera, o que nas palavras de Caetano (2016) foi denominado de elemento integrador, aparecem especificamente na forma de eventos conforme análise das figuras 23 a 25, também foi observado por Monquelat (2016), quando declarou que a

Praça, no final do século XX, ainda denominada Praça Julio de Castilho e nas suas dependências existia um mini zoológico.

Segundo Monquelat (2016), principalmente aos domingos, os frequentadores da Praça disputavam os lugares ao redor das jaulas para contemplar os animais e, com isso, acabavam por estabelecer interações sociais importantes, tecendo comentários sobre as espécies de animais que lá existiam. Monquelat (2016), completa seu relato, em entrevista completa no apêndice D desta dissertação, sobre a existência à época de um macaco chamado “Chico”, o mais velho entre eles, que, por tamanhas peripécias, formavam filas em torno da jaula do animal para assisti-lo.

O relato de Monquelat (2016), embora não tenha relação com eventos realizados na Praça e sim relativo a uma estrutura física específica que existia no interior da Praça Dom Antonio Zattera, que acabou por ser removida do local, serve para ilustrar a necessidade deste elemento no interior da Praça como forma de aproximar os usuários para as interações sociais.

5.4.1 A avaliação dos frequentadores após deixarem a Praça Dom Antonio Zattera sobre a realização das ações pretendidas ao acessar no local

Na tabela 15, constam as informações dos usuários em relação à possibilidade de terem alcançado seus objetivos ao saírem da Praça. Os dados tabulados referem-se à média das opiniões de todos os usuários em todos os espaços, uma vez que o mesmo frequentador, embora em determinadas ocasiões, como foi descrito nos capítulos prefira um local, também opinou sobre os outros setores da Praça.

Tabela 15: Sensação dos usuários após sair da Praça, quanto à realização das ações e interações que pretendiam.

Afirmações quanto à realização das ações e interações quando presentes na Praça.	Usuários pesquisados	%
Sim, consigo realizar todas as ações e interações que pretendia.	4	31%
A maioria deles.	2	15%
Gostaria de ter atingido mais.	1	8%
Poucos.	0	0%
Pouquíssimos.	0	0%
Nunca pensei sobre isto.	3	23%
Não saberia responder.	2	15%
Não consigo realizar as ações e interações que pretendia	1	8%
Totais	13	100%

Fonte: Elaboração do autor

Da totalidade das informações constantes na tabela 15, 31% (trinta e um por cento), isto é de cada 10 pessoas apenas 3, ao deixar a Praça Dom Antonio Zattera consideram atendidas suas expectativas quanto à possibilidade de terem realizado as ações que pretendiam quanto a interações sociais e a aquisição de capitais sociais.

Do restante, outros 31% (trinta e um por cento), ou não conseguiram realizar as ações que pretendiam ou se realizaram o fizeram com restrições motivadas pelas condições estruturais da Praça ou por considerarem o local inseguro, conforme informações do capítulo segundo desta dissertação e 38% (trinta e oito por cento) não souberam ou não pensam sobre o assunto.

Diante das informações pode-se concluir que a Praça Don Antonio Zattera, estruturada em setores, possui capitais sociais específicos em cada um destes espaços, conforme descrito na seção anterior deste capítulo, possíveis de serem adquiridos pelos frequentadores, no entanto, o receio por parte dos usuários de se fazerem presentes livremente nestes locais e assim estabelecer interações sociais amplas e focadas, conforme Goffman (2010, p.95-97), acabam por transformar a Praça Dom Antonio Zattera num espaço público da cidade de Pelotas subutilizado.

Considerações Finais

A presente dissertação abordou a praça como espaço público necessário para a mediação das interações sociais na aquisição de capitais sociais, como educação, cultura, recreação e vivências políticas tendo como campo de pesquisa a Praça Dom Antonio Zattera na cidade de Pelotas. A dinâmica destas interações sociais foi a temática da pesquisa a partir da teoria de Erwing Goffman (2010) e os capitais sociais presentes no campo de pesquisa foram tratados com base nos conceitos de capital social de Putnam (1996)

Anterior à fase da coleta de dados, a presente pesquisa tinha como hipóteses principais para os achados no campo de pesquisa, em relação à dinâmica das interações sociais, as de que as mesmas eram voltadas para o consumo no interior da Praça Dom Antonio Zattera ou então que a Praça era utilizada apenas como meio para circulação da população de uma região a outra. Desta forma, os capitais sociais como educação, cultura, recreação e vivências políticas não estariam presentes no local.

As hipóteses iniciais projetadas, no entanto, não foram confirmadas de acordo com os resultados da pesquisa no capítulo V desta dissertação, momento em que ficou demonstrado que não existe na Praça Dom Antonio Zattera uma dinâmica de interação social geral no local, nem mesmo para consumir nem tampouco que se utilize o espaço apenas para circular de um lugar a outro da cidade.

De acordo com as informações do campo de pesquisa, atualmente não existe na Praça um dinâmica interacional entre todos os frequentadores, ou seja, os usuários acessam a Praça e durante o tempo que permanecem no local interagem apenas com os grupos com os quais chegaram, na maioria das vezes, suas famílias, constituindo assim no local mono ambientes interacionais.

A Praça conforme dados da Pesquisa está dividida em setores, centro cívico, setor de recreação, setor de educação, setor de culto a bíblia e setor dos passeios com ampla área verde. Segundo os frequentadores, todos esses espaços proporcionam a aquisição de capitais sociais relativos à cultura, recreação, lazer e

vivências políticas, mas citam a falta de segurança do lugar como problema para acessar o local com maior frequência e estabelecer novos relacionamentos.

Quanto às interações sociais na Praça, apenas entre os grupos familiares, buscando, no entanto o isolamento em relação aos demais frequentadores presentes foi explicada a partir da teoria das interações desfocadas de Goffman (2010), quando os presentes em lugares públicos não conseguem estabelecer um foco comum de interesse a ponto de estabelecer a comunicação e a interação entre todos.

A pesquisa, através da técnica da observação não participativa, revelou que, o comportamento dos usuários da Praça Dom Antonio Zattera diferencia-se dos dias normais de semana ou dias de fim de semana, dos dias em que acontece no local, eventos ligados à cultura, ao esporte ou à política. Nos dias dos eventos, observou-se uma dinâmica internacional em que, indivíduos que não se conheciam anteriormente, interagem livremente, cite-se aqui como exemplo, conforme a figura 23, a realização de uma roda de capoeira na Praça, momentos em que os usuários deixaram seus grupos e trocavam idéias de forma descontraída ao redor do evento.

A partir dos dados da pesquisa, conclui-se que não existe atualmente na Praça Dom Antonio Zattera de maneira ampla, interações sociais entre os frequentadores, ficando estas restritas apenas a grupos familiares, a não ser que esteja presente no local o que Caetano (2016) chamou de “elemento integrador”, ou seja, um evento que propicie um foco comum para as interações conforme a teoria de Goffman (2010).

Em outras palavras isto é dizer que a Praça Dom Antonio Zattera por si, como estrutura física e local historicamente considerado na cidade como local dos encontros, não se constitui atualmente, sem que esteja presente um elemento mediador de interesse comum, como os eventos já falados, em um espaço público próprio da mediação e do relacionamento social cooperativo, o que Putnam(1996) define como essencial para a aquisição de capitais sociais.

Quanto aos elementos integradores necessários, aqui visto como sendo eventos com vários perfis, esportivos, culturais ou políticos, para que a Praça Dom Antonio Zattera se constitua num espaço próprio para interações sociais, cuja dinâmica seja focada em objetivos comuns a todos os usuários, observou-se que não existem por parte do Poder Público Municipal uma agenda de eventos a serem

realizados na Praça, bem como qualquer demanda tanto da ocupação do entorno como dos próprios frequentadores em relação a isto.

Desta forma, de acordo com os dados da pesquisa, os problemas físicos estruturais da Praça Dom Antonio Zattera, a falta de segurança por parte do poder público, bem a como a não existência de um calendário de eventos que proporcione um ambiente integrador entre os usuários da Praça, foram os aspectos achados que impedem uma dinâmica internacional com base na cooperação entre os indivíduos e, sendo assim, os frequentadores quando acessam a Praça preferem o insulamento entre os grupos a estabelecer interações sociais com outros usuários não conhecidos.

Diante disso, a Praça Dom Antonio Zattera mesmo caracterizando-se por ser a maior praça pública do município de Pelotas, com extensa área verde, localizada no centro da cidade de Pelotas, está sendo subutilizada pela população como espaço público próprio da mediação e do encontro, frente aos problemas estruturais e de gestão de eventos, ações que deveriam ser de iniciativa do Poder Público Municipal.

Referências

ALMEIDA, Rosa Maria. Entrevista III. [Setembro, 2016]. Entrevistador. Gerson Luiz Cardoso da Silva. Pelotas, 2016. Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Espaços públicos, interação, apropriação e conflitos. **Revista da Faculdade de Letras** [da] Universidade do Porto, v.29, p. 129-146, 2015.

_____. Espaços Públicos: Novas sociabilidades, novos controles. **Revista Caderno das Metrôpoles**, Belo Horizonte, v. 21, p. 131-153, 2009.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo, 10 ed.-Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**: observação etnográfica. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARROS, Rejane Cristina da Silva. Sociabilidade em espaços públicos: um estudo de caso da Praça da República e da Praça Alencastro na cidade de Cuiabá-MT. **Revista da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Porto Alegre, p.6-12, 2010.

BAUER, Martin *et al.* **Qualidade, quantidade e interesses de conhecimento**: evitando confusões. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**: problemas de inferência e prova na observação participante. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portal da Saúde**. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/1028-secretaria-svs/vigilancia-de-a-a-z/academia-da-saude-svs/l2-academia-da-saude-svs/13816-sobre-o-programa>>. Acesso em: 08/12/2016

CAETANO, Fernando. Entrevista II. [Setembro/2016]. Entrevistado por Gerson Luiz Cardoso da Silva. Pelotas, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice desta dissertação.

CALDEIRA, Junia Marques. **A Praça Brasileira - trajetória de um espaço urbano**: origem e modernidade. Campinas: São Paulo, 2007. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/OCR_CALDEIRA.pdf>. Acesso em: 19/12/2016.

CAMPOS, Ricardo Bruno Cunha. **Medo e violência na cidade**: imagens, discursos e sociabilidade nas praças de João Pessoa - PB. 2014. 445f. Tese (Programa de Pós-

Graduação em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em:
<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13843>>. Acesso em: 20/04/2016.

CEA D'ANCONA, Maria Ángeles. **Metodologia cuantitativa: estratégias y técnicas de investigación social**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

COLEMAN, James Samuel. **Foundations of social theory**. Harvard University Press, 1990.

CRUZ, Marco Antônio Martins da. **Usos e apropriações sociais do espaço público nas praças de São Luís do Maranhão**. 2011. 140f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2011. Disponível em:
<http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=90&Itemid=120>. Acesso em: 20/04/2016.

CUNHA, Rita Dione Araújo. Os espaços públicos abertos e as leis de uso e ocupação do solo: uma questão de qualidade para ambientes sustentáveis. In: **III Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidade Sustentáveis: Produção e Gestão do Ambiente Construído Sustentável**. 2003. Disponível em:
<http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2003/2003_artigo_072.pdf>. Acesso em: 19/12/2016.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

DUARTE, Teresa. **A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)**. Lisboa, 2009.

ECONOMIA E SOCIEDADE. In: JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Sergio. Secretário da SMED – Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Pelotas. 2016.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos: natureza da análise qualitativa e codificação e categorização temáticas**. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOBO, Giampietro. O projeto de pesquisa nas investigações qualitativas. In: **Por uma sociologia reflexiva**. Pesquisa qualitativa e cultura. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Comportamentos em lugares públicos**: nota sobre a organização social dos ajuntamentos. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GOOGLE, 2016. Disponível em: <<http://migre.me/vswzi>>. Acesso em: 09/11/2016.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade - revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. 2016.

Disponível em

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=431440&idtema=16&se arch=rio-grande-do-sul|pelotas|sintese-das-informacoes>>. Acesso: 10/11/2016.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KLEIN, Camila. **Experiências afetivas urbanas**: a relação dos habitantes com sua praça central. 2016. 145f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2016. Disponível em: <<http://lapam.cfh.ufsc.br/2016/04/08/defesa-da-dissertacao-experiencias-afetivas-urbanas-a-relacao-dos-habitantes-com-a-sua-praca-central/>>. Acesso em: 20/04/2016.

LAMAS, José M *et al.* **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, Maria Regina. Arquitetura paisagística: um estudo sobre representações e memória – estudo de caso: praças da cidade de pelotas – 1860-1930. **Paisagem e Ambiente**: ensaios [da] Universidade de São Paulo, n.23, p.231-241, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/87964/90857>>. Acesso em: 17/12/16.

MESQUITA, Cleunice Gelesky. **A praça como espaço público**: um estudo de caso na cidade de Tubarão – SC. 2015. 137f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/3450>>. Acesso em: 20/04/2016.

MONQUELAT, Adão Fernando. **As praças de Pelotas e suas histórias: século XIX**. Pelotas: Mundial, 2015.

MONQUELAT, Adão Fernando. Entrevista I. [Setembro, 2016]. Entrevistador Gerson Luiz Cardoso da Silva. Pelotas, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta Dissertação.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**. Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<http://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8646/2/42.Estado%20do%20Conhecimento....pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade: um estudo sobre representações e memória das Praças de Pelotas (1860-1930)**. 2003, 349f. Dissertação. (Programa de Pós - Graduação em História do Brasil – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/3997>>. Acesso em: 12/12/2016.

PEIXOTO, Marge. Entrevista IV. [Setembro/2016]. Entrevistador Gerson Luiz Cardoso da Silva. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice G desta dissertação

PIRES, Álvaro. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Secretaria de Gestão Urbana**. 2016. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/programa_areas_verdes/programa_areas_verdes_dom_projeto.htm>. Acesso em: 12/12/2016

_____. **Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo**. Atrações Turísticas. Disponível em: <<http://www.pelotas.com.br/pelotasturismo/atracoes-turisticas/pelotas-comercial/>>. Acesso em: 05/02/2017.

PUTNAM, Robert. The prosperous community: social capital and public life. **The American Prospect**, Spring 1993. Disponível em: <<http://prospect.org/article/prosperous-community-social-capital-and-public-life>>. Acesso em: 20/11/2016

_____. **Comunidade e Democracia: a Experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

_____. **The collapse and revival of American community.** New York, Simon & Schuster, 2000.

_____. **Democracies in Flux: The Evolution of Social Capital in Contemporary Society.** Oxford University Press, 2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos y técnicas.** São Paulo: Atlas, 2008.

ROBBA, Fábio; MACEDO Silvio Soares. **Praças Brasileiras.** Edusp. Imprensa Oficial: São Paulo, 2003.

SCG. **Social Capital Gateway.** Disponível em: <<http://migre.me/vOeLQ>>. Acesso em 02/01/17.

_____. **Social Capital Gateway.** Disponível em: <<http://migre.me/vOeKN>>. Acesso em 02/01/17.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2014.

SIMMEL, Georg, 1858-1918. **Questões fundamentais da sociologia: individuo e sociedade.** Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SINDICATO DA INDÚSTRIA DO MATE DO PARANÁ. **SINDIMATE.** 2016. Disponível em: <www.fiepr.org.br/sindicatos/sindimate/historia-do-chimarrao-1-23683-212590.shtml>. Acesso em: 16/12/16.

SITTE, Camillo. **A construção de cidades segundo princípios artísticos.** Tradução de Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992. Disponível em: <https://www.academia.edu/12144802/A_Construcao_das_Cidades_Segundo_Seus_Principios_Artisticos> . Acesso em: 19/12/2016

SKYSCRAPERCITY. 2016. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=429668&page=7>>. Acesso em: 19/10/2016.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Charqueadas.** Brasil Escola. 2016. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/charqueadas.htm>>. Acesso em 19/12/2016.

SUA PESQUISA.COM. **Portal de Pesquisas Temáticas e Educacionais.** 2016. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerradosfarrapos/>>. Acesso em 05/01/2017.

TEIXEIRA, Marina da Silva. **O processo de degradação e revitalização dos espaços públicos: usos e apropriações das praças no centro histórico de João Pessoa – PB.** 2014. 130f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia)

- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/5844/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20/04/2016.

VALES, Miguel. **La investigación documental**: técnicas de lectura y documentación. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.

VANDENBERG, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Tradução de Marcos Roberto Flaminio Peres. São Paulo: Edusc, 2005.

VAROTO, Renato Luiz Mello. Lendo Pelotas / Renato Luiz Mello Varoto e Leonor Almeida de Souza Soares. 2 ed. ver. Ampl. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas Ufpel, 1995. 102p.

XAVIER, Janaína Silva. **Chafarizes e caixa d'água de Pelotas**: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871). 2006. 141f. Monografia (Pós Graduação em Artes – Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos) - Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2013/12/Jana%C3%ADna-Silva-Xavier-%E2%80%93-2006.pdf>>. Acesso em: 09/11/2016

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da Sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsane Barbosa. 4 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

WERNER FLACH, Cláudia; MOREIRA BERDETE, Maiara. Praças, Parques e Avenidas: áreas verdes e sua importância como espaço de lazer em Pelotas. **Ciência e Natureza**, v. 38, n. 1, p. 195-205, jan.-abr. 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4675/467546196018.pdf>>. Acesso em: 09/11/2016.

ZANELA, Bianca. Um lugar de encontros e desencontros. **Diário Popular**. Estilo, Pelotas, 2009. Disponível em: <http://srv-net.diariopopular.com.br/07_06_09/estilop0801e0901.html>. Acesso em: 11/11/2016.

Apêndices

APÊNDICE A – Questionário aplicado com o entorno da Praça



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICAS – IFISP MESTRADO EM SOCIOLOGIA

AS INTERAÇÕES SOCIAIS DA PRAÇA DOM ANTONIO ZATTERA

Identificação do respondente _____

Nome: _____ **Idade:** _____

Endereço: _____

Data: _____

1. **A quanto tempo a () instituição () Comércio () residência, situa-se no entorno da Praça.**
 - () Menos de 10 anos
 - () Entre 10 e 20 anos
 - () Entre 20 e 50 anos
 - () Entre 50 E 100 anos
 - () Acima de 100 anos

2. **Durante este período e na atualidade, a instituição já participou, promoveu, ou tomou iniciativa junto com os demais residentes no entorno da praça de movimentos para melhorar suas condições quanto ao espaço físico, seja de forma particular ou em conjunto com o Poder Público:**
 - () Sim
 - Qual(s) _____
 - Quantas _____
 - vezes _____
 - () Não

3. **A instituição tem conhecimento de pessoas que frequentam o estabelecimento e frequentam a praça no mesmo dia ou em outros dias?**
 - () Sim
 - () Não
 - () Não saberia responder.

4. **Em quais situações se percebe esses movimentos:**
 - () Evento de qualquer natureza,() cultural () político() recreação()lazer().
 - () Comprar produtos ou produzir no interior da praça.
 - () Circulação para locais próximos a Praça.

Com a intenção de estabelecer novos relacionamento e adquirir novos conhecimentos.

Outros. Quais_____

5. Atualmente, qual sua opinião sobre a Praça Dom Antonio Zattera:

Poderia ser melhor utilizada pela população e em maior número de frequentadores, se não fosse a violência e o descaso do poder público com o local.

A Praça é bem utilizada mesmo nas condições em que se encontra , pouco cuidada em todos seus aspectos.

Precisaria de uma reforma dos espaços para melhor atender os frequentadores, mudando os espaços internos hoje existentes.

A praça apresenta todas as condições para que os frequentadores interajam e pratiquem todas as atividades próprias do local, lazer interação etc.

6. As pessoas diretamente envolvidas com a instituição frequentam a Praça

Sim

Não

Raramente

Não saberia responder

7. Em quais situações se percebe esses movimentos:

Evento de qualquer natureza,(cultural (), político,(recreação(lazer().

Comprar produtos ou produzir no interior da praça.

Circulação para locais próximos a Praça.

Com a intenção de estabelecerem novos relacionamento e adquirir novos conhecimentos.

Outros. Quais_____

8. No que diz respeito a estar localizado no entorno da Praça, as sensações experimentas durante todo esse tempo e o relacionamento com o ambiente do local se da de que forma:

De tranquilidade, por se tratar de um lugar aprazível e com um área verde.

De desconfiança, por se tratar de um lugar que pode ser frequentado por pessoas, ligados a pratica de algum tipo de violência

Tenho vontade de participar de movimentos que possam politicamente, ajudar na manutenção e cuidados com o local, mas não tem nenhuma iniciativa do Poder Público.

É um local indiferente a instituição,

Outros. Quais:_____

9. Praça pública em si, já foi motivo para que a Instituição pensasse em mudar-se para outro local por problemas que o ambiente traz ao estabelecimento:

- Sim
- Não
- Raramente.
- Nunca pensamos sobre isso.

10. Saberá descrever mesmo que de forma aproximada outros frequentadores e os movimentos no interior da Praça:

- Sempre mesmos grupos interagindo entre si.
- Raramente vem a praça frequentadores fora dos rotineiros.
- Presença frequente de shows, atividades esportivas, culturais que integrem as pessoas
- Não percebo os movimentos da praça
- Constantemente a presença de pessoas praticando atividades ligadas a:
 - Violência consumo de drogas Esporte lazer
- Outras.Quais_____

11. Na sua opinião, a Praça possui atrativos que facilitam o relacionamento entre as pessoas:

- Sim
- Quais:

- _____
- Não
- Você conseguiu descrever o que está faltando:_____
- Raramente possui atrativos:
- Você conseguiu descrever em que situações_____

**APÊNDICE B – Questionário aplicado com os frequentadores ou Usuários da
Praça Dom Antonio Zattera**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICAS – IFISP
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

AS INTERAÇÕES SOCIAIS NA PRAÇA DOM ANTONIO ZATTERA.

Nome:

Idade:

Data:

1. Mora em Pelotas:

- Sim, no mesmo bairro da praça.
- Sim, mas em um outro bairro.
- Não, em outro município.

2. Como você frequenta a Praça e qual sua opinião quanto as condições do local, você pensa que esta fisicamente adequado para atender as suas expectativas de permanecer no local?

Frequência

O espaço físico adequado

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Frequento sempre sozinho. | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> às vezes. |
| <input type="checkbox"/> Frequento com meus familiares. | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> às vezes |
| <input type="checkbox"/> Frequento com grupo de amigos. | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> às vezes |
| <input type="checkbox"/> Frequento sozinho mas sempre me relaciono com alguém na praça. | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> às vezes |
| <input type="checkbox"/> De outras Formas. Quais _____ | |

3. Você frequenta um local (is) específico no interior da Praça?

- Sim, geralmente. Qual(s)_____.
- Não, sempre vou a diversos locais no interior da praça

4. Atualmente, qual sua opinião sobre a Praça Dom Antonio Zattera:

- Poderia ser melhor utilizada pela população e em maior número de frequentadores, se não fosse a violência e o descaso do poder público com o local.
- A Praça é bem utilizada mesmo nas condições em que se encontra , pouco cuidada em todos seus aspectos.
- Precisaria de uma reforma dos espaços para melhor atender os frequentadores, mudando os espaços internos hoje existentes.
- A praça apresenta todas as condições para que os frequentadores interajam e pratiquem todas as atividades próprias do local, lazer e outras formas de interação etc.

5. Qual (is) o motivo (os) levam você a frequentar ou acessar a praça:

- Evento de qualquer natureza, cultural (), político,() recreação()lazer().
 Comprar produtos ou produzir no interior da praça.
 Circulação para os locais que me desloco rotineiramente.
 Com a intenção de estabelecer novos relacionamento e adquirir novos conhecimentos.
 Outros. Quais_____

6. Qual o sentimento que você tem quando esta presente na Praça:

- Consigo aproveitar o local para recreação.
 Venho aqui porque não tem na cidade outro local apropriado para atividades ao ar livre, mas gostaria de ver a Praça em melhores condições.
 Tenho vontade de participar de movimentos que possam politicamente, ajudar na manutenção e cuidados com o local.
 Sinto que este espaço já faz parte da minha rotina
 O local é indiferente para mim, freqüente, mas não tenho vínculos com a Praça.

7. Ao sair da Praça e retornar para sua residência, você sente que conseguiu realizar o que pretendia enquanto esteve lá e atingiu o(s) motivo(s) que o levou até a Praça Dom Antonio Zattera

- Sim ()5 ()4 ()3 ()2 ()1
 Não
 Nunca pensei sobre isto
 Não saberia responder

5-Todos 4- A maioria deles 3- Gostaria de ter atingido mais 2- Poucos 1- Pouquíssimos.

8. Uma vez na Praça, você se relaciona ou já se relacionou com pessoas que antes não conhecia:

- Não me relaciono com ninguém, utilizo o espaço para outros fins.
 Já fiz amizades novas na praça e mantenho o relacionamento até então.
 Só me relaciono com as pessoas da família ou do grupo de amigos que já conhecia fora da Praça.
 Outras Situações:_____

9. O que você observa, nos dias em que frequenta a Praça

- Sempre mesmos grupos interagindo entre si.
 sim () Não () às vezes.
 Novos frequentadores ou grupo de frequentadores a cada vez.
 sim () Não () às vezes.
 Presença frequente de shows, atividades esportivas, culturais que integrem as pessoas
 sim () Não () às vezes.
 Fico indiferente aos demais acontecimentos da Praça , não presto atenção.
 sim () Não () às vezes.
 Outras situações. Quais_____

10. A praça possui atrativos que facilitam o relacionamento entre as pessoas:

() Sim

Quais:

() Não

Você conseguiu descrever que está faltando: _____

() Raramente possui atrativos:

Você conseguiu descrever em que situações _____

**APÊNDICE C – Planejamento da Pesquisa de Campo para coleta de dados
utilizando a técnica da Observação não participativa**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICAS – IFISP
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES SOCIAIS NAS PRAÇAS PÚBLICAS DA CIDADE
DE PELOTAS

PELOTAS, 2016

PLANEJAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO.

Campo da Pesquisa: Praça Dom Antonio Zattera

Período de Execução: Junho de 2016 a setembro de 2016.

Técnicas para a coleta de Dados

1. Observação não participativa

A técnica será utilizada com parâmetros predefinidos, levando em consideração, dia, hora, semana, mês, estação do ano e calendário de eventos do local. O pesquisador permanecerá no campo pelo tempo necessário para a completa observação dos eventos que lá estiverem acontecendo.

Com o auxílio da fotografia e dos vídeos, os eventos serão registrados para a posterior análise dos dados.

1.1 Critérios utilizados para a seleção dos períodos para a aplicação da Técnica de observação não participativa no campo de pesquisa.

Meses

Os meses em que a observação será feita são respectivamente agosto, setembro, de 2016.

O mês de agosto foi selecionado por se tratar de um período típico de inverno, em que não se tem notícia de nenhum evento na Praça Dom Antonio Zattera, onde poderia se observar as interações espontâneas, considerando o clima como fator a influenciar.

O mês de setembro foi selecionado por se tratar de um mês em que se realiza na Praça Dom Antonio Zattera, em um setor denominado “Altar da pátria”, as festividades da semana da pátria e da semana farroupilha, momentos em poderão ser coletados dados importantes para a pesquisa.

Nos meses típicos, como agosto, as observações serão feitas nas primeiras e últimas semanas de cada mês. A escolha dos períodos tenta contemplar momentos em que muitos frequentadores possivelmente tenham problemas ou facilidades relacionados à disponibilidade financeira. A primeira semana por se tratar de dias em que as famílias auferem recursos por renda ou salário e com isso teriam recursos para o deslocamento até a Praça. A última semana momento em que os recursos já estariam limitados para os frequentadores fase em que poderia limitar a presença na Praça.

Nos meses de eventos, como setembro, as semanas para aplicação da técnica de observação também obedecerão aos critérios anteriores, no entanto, serão especificamente adaptadas aos dias das atividades e festividades que acontecem na Praça Dom Antonio Zattera nestes períodos.

Dias

No mês de agosto, serão feitas observações no início da semana, as terças e finais de semanas, aos domingos nos períodos de manhã e tarde, respectivamente. A escolha da terça-feira se deu em função de que muitos frequentadores, após a segunda feira, já tem sua semana organizada com momentos de ir até a Praça. O domingo, por se tratar de dia típico de convívio nos espaços públicos da cidade.

Nos mês de setembro, as observações serão realizadas conforme a programação de agosto, mas também serão feitas nos dias dos eventos que se realizam costumeiramente no entorno da Praça neste mês.

Horas do dia

Respectivamente a partir das 10h00min no período da manhã e das 15h00min nos meses de agosto e novembro e nos meses de setembro e dezembro adaptado à hora dos eventos. O quesito horas, após observações preliminares, foi determinado em função de que nesses períodos o serviço de transporte coletivo não mais está sendo utilizado para o transporte de pico de começo de manhã e de começo de tarde, momento em que a população teria mais tranquilidade de deslocamento até a praça.

1.2 Calendário/Agenda da aplicação da Técnica de observação.

Mês de Agosto/2016

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2*	3	4	5	6
7*	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23*	24	25	26	27
28*	29	30	31			

*Dias selecionados para a observação pela manhã e tarde respectivamente as 10h00min e 15h00min.

Mês de Setembro/2016

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6*	7**	8	9	10
11*	12	13	14	15	16	17
18	19	20**	21	22	23	24
25*	26	27*	28	29	30	

*Dias selecionados para a observação pela manhã e tarde respectivamente as 10h00min e 15h00min.

**Dias selecionados dos eventos da semana da pátria e da semana farroupilha que são realizados nos estornos da Praça Dom Antonio Zattera, a observação adaptar-se-á aos horários dos acontecimentos.

**APÊNDICE D – Roteiro degravado da entrevista com o Pesquisador Adão
Monquelat**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL
INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E POLÍTICA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

Data da Entrevista: 11/08/2016

LEGENDA:

(...) = Frase/palavra inaudível

... – Fala interrompida

Palavras em *itálico* – dúvida na palavra dita

Eu = Gerson

A = Adão

Eu: Monquelat, historiador aqui...

A: Pesquisador.

Eu: Pesquisador Pelotense e escritor também. Aqui a gente... Baseado nesse livro aqui "as praças de Pelotas e suas histórias" que a gente pretende aproveitar lá pra... Como fonte de pesquisa documental pro nosso mestrado lá em Sociologia. Pelo o que percebi aqui do livro, no caso nessas informações aqui que tu gentilmente nos tá... Pretende, pretende estar colaborando conosco, a Praça Dom Antônio Zattera, pelo o que a gente... Pelo o que eu percebi ali, desde o começa dela teve uma história de eventos mais diversificados que as outras, não é? Não sei se isso é uma verdade. A questão ali que apareceu no livro das touradas, s carreteiros, as feiras, as áreas de conflitos assim, o que tu viu exatamente, o que tu pode nos contar assim do começo dessa praça de pesquisa?

A: Pois não. Eu não fiz essa avaliação.

Eu: Sim.

A: O que é facilmente incompreensível é o quanto ela diminuiu, porque na realidade ela deveria, e no passado, ela vinha da Osório e ia até quase a Santa Cruz.

Eu: A sim.

A: Então a gente percebeu com o decorrer do tempo e eu não me aprofundei porque o meu recorte encerrou no século...

Eu: 19, sim, sim.

A: 19. No vinte eu deveria né ter avançado e já tenho coletado material pra saber como é que ela ficou reduzida né a esse espaço que assim mesmo é

um belo espaço...

Eu: Sim.

A: Que tipo de negociação foi feita, porque isso foi comprado com dinheiro público né.

Eu: Sim.

A: Na época, foi desapropriado ou foi adquirido de pessoas ou herdeiras de heranças e tal, pra que ela tivesse tomado a proporção que tomou no passado.

Eu: Sim, aham, certo. Então, assim, outra coisa que a gente percebeu e eu acho que por essa extensão ela teve um relacionamento bastante particular com o entorno né, com o entorno, não foi ali com a vizinhança né.

A: É, uma coisa que chama atenção é com relação à instalação do asilo que até hoje permanece ali.

Eu: Sim, é.

A: Que foi assim muito criticado.

Eu: Hoje é asilo não é de mendigos, é de idosos? Ou é de mendigos?

A: É, acho que o nome não mudou, a razão social não muda. Claro que ele atende, ele tem uma outra proposta...

Eu: É de idosos hoje me parece.

A: (...) Não sei.

Eu: Não sabe. Claro.

A: Não conheço esses detalhes. Mas o que, vamos dizer assim, que chamou a atenção, quando houve a intenção da instalação desse local, o pessoal entorno se mobilizou pra tentar evitar que fosse construído ali um asilo que eles achavam assim... É muito um período de miasmas né...

Eu: A sim.

A: Que estariam no ar, que empestariam o ar, uma série de coisas. Que eles entendiam e até porque havia um projeto que não se materializou ali, que era um projeto de uma linha férrea que sairia daquele ponto ali, talvez bem exatamente em frente aonde é hoje o asilo e que tá ocupado pela academia, pela (...) né, que também ano passado foi um coleginho, era o colégio João Afonso...

Eu: A academia funciona ali ainda?

A: Sim, a academia ainda..

Eu: As reuniões são feitas ali?

A: São feitas ali, as funções deles todas de trabalho todo da academia Pelotense de letras é feita ali, mas havia no passado uma ideia né bem de tentar evitar que fosse instalado ali por isso, e a ideia dessas pessoas era que ele fosse instalado bem mais pra lá, vamos pensar assim, em termos hoje lá pro lado da Dom Joaquim e coisas no ... No passado daquele local.

Eu: Sim. E eu percebi também ali que foi... Era uma, tinha vivências muito intensas na praça né.

A: É, em todos os aspectos.

Eu: Em todos os aspectos né. A questão das crianças que caçavam lá na praça...

A: Sim, sim, tem inclusive os hotéis de armas né?

Eu: De armas, muito interessante, a questão...

A: (...), aquela denúncia da imprensa e tal.

Eu: Isso. A questão dos, dos... A questão do que deixa claro no livro muitos acertos de contas entre vizinhos, escravos fujões e...

A: Exato, muita briga, muita polêmica.

Eu: É, é.

A: Inclusive como uma certa (...)

Eu: Uma zona de conflitos ali.

A: Era um local de conflito. Uma certa empresa responsável pela recolha do lixo né.

Eu: Sim.

A: Aliás, o seguinte, é uma característica, aquela praça, a exemplo das outras, elas foram todas aterradas com o *lixo* da cidade.

Eu: Sim. As outras também?

A: Também, também. Eu até estranhei bastante assim quando foi interditado a Cipriano Barcelos que tava em processo de revitalização...

Eu: Aham.

A: Porque foi detectado, ou possivelmente ou possível objetos que teriam relacionados talvez a uma ocupação de... É estranho porque o que poderiam encontrar ali, até em tom de ironia né, seria porcelana (...) né e não objetos relacionados com ocupação de índios. Até porque aquele local é muito próximo da água...

Eu: Sim.

A: Seria, vamos dizer assim, uma ignorância e uma ignorante com relação à natureza...

Eu: Sim, sim.

A: Que eles tivessem se instalado ali como local, por causa da abrasividade da água, qualquer enchente ou um acúmulo de águas atingiria acampamentos se fosse o caso. Mas essas coisas que a gente... Foi interditado, depois agora tá recuperado...

Eu: Claro.

A: É. E outro detalhe também interessante é com relação a um chafariz que é o chafariz até hoje sumido da cidade, que na realidade vieram quatro né, esse chafariz que foi retirado em doze, me parece que doze, agora to em dúvida se é doze ou dez... Bem, que tava instalado em frente à catedral, ele saiu da catedral com destino à Praça Julho de Castilhos e nunca chegou.

Eu: Olha isso.

A: Talvez um processo muito lento de transporte, ele já esteja a caminho né?

Eu: É rsrs.

A: Isso faz um século e pouco, pode estar a caminho ainda. rsrs.

Eu: De repente pode...

A: É...

Eu: É (...) (os dois falando ao mesmo tempo).

A: Claro, é. Eu achei que ele foi abduzido da catedral até o trecho ali na Julho de Castilho.

Eu: Uhum, tu vê só. O que a gente... A questão também ali apareceu uma época ali em que a praça chegou a ser... Ela chegou a ser cercada né?

A: Todas as praças eram cercadas.

Eu: Eram cercadas né?

A: Aham, é. E ali se manteve o cercado, vamos dizer assim, inclusive depois numa zona de lazer, quando vira um parque infantil né.

Eu: Sim.

A: Ali eu sei por que eu como criança ia naquela praça e a gente tinha que passar por uma cancela, um portão né e que tinha um guarda. E muitas vezes

o guarda até por cuidar ou saber que a gente era meio arteiro, ele pedia entrada. Era muito complicado rsrs.

Eu: Aham.

A: Como todos ali. É, aquela praça serviu pra muita coisa, foi também na década de 20 instalado ali um roseiral, o roseiral Lobo da Costa que eu não sei nem se existe, acho que não existe mais né? A exemplo do (...) quando instalaram aqui na *Praça*...

Eu: Sim, sim.

A: Pedro Osório da Roseiral e (...).

Eu: Em Monquelat, a gente percebe que a transição da praça...

A: Ali foi um centro metrológico...

Eu: Sim, sim.

A: Ali foi um monte de coisas né.

Eu: É, exatamente, é.

A: É, é.

Eu: Ela era considerada uma praça periférica né? No século dezenove, porque ela não era no centro da cidade...

A: É ela era... Claro, fora do núcleo...

Eu: Central né?

A: Do central né, que é aonde a cidade tava mais concentrada, fora a da Pedro Osório que talvez ela fosse... Talvez não, ela fosse... Se não era a mais próxima, era a mais usada, até porque a Cipriano Barcelos é uma praça quase final do século dezenove. E ela ganhou esse apelido...

Eu: É a praça dos enforcados.

A: É. E as pessoas acham, a grande parte das pessoas acham que ela tem esse nome porque ali foi enforcado escravo e ali nunca houve enforcamento, houve suicídios.

Eu: Sim.

A: Pessoas que iam ali se suicidar, mas nunca foram enforcados assim como forma de punição.

Eu: Sim, sim.

A: E ela é muito posterior ao período dos enforcamentos em Pelotas. Ela nasce na década de oitenta do século dezenove tinha um outro nome, como todas elas que foram mudando tiveram vários nomes, e ela se chamou primeiramente Henrique W, que era o, vamos chamar de Governador da época né, que cedeu aquela área. Na década de oitenta portanto (...), o enforcados é realmente por isso. Esse processo de enforcamentos começa, mais ou menos, na década de vinte e eu ainda to trabalhando com essa...

Eu: Claro, claro.

A: porque me interessa saber a origem né, porque eu me lembro ainda quando criança e muitas vezes chegavam pessoas na minha casa, *bater* no meu pai, e dizer pra minha mãe ou comunicavam em casa assim, "olha, mais um se enforcou lá na praça dos enforcados".

Eu: Sim, sim.

A: Então tinha esse nome, como ela teve também a praça do pavão...

Eu: Sim, era uma, era uma...

A: Era consequência de um número...

Eu: Era uma prática individual.

A: Sim, sim.

EU: Sem esse contexto escravagista, nada de...

A: Nada, nada, nenhuma delas tem, a não ser escravos fugidos, em trânsito por ali.

Eu: Sim.

A: Assim como ladrões, inclusive alguns foram preso com *porco* nas costas, então uma série de incidentes ali muito interessantes né?

Eu: Sim, sim.

A: Do cotidiano da cidade.

Eu: E monquelat, olha que interessante...

A: Ali tem uma prostituta ali que foi morta ali possivelmente ou pelo menos ela foi abduzida ali né...

Eu: Na dos macacos?

A: É, dos macacos. Eu acho que esse relato também está já nesse período.

Eu: É. E Monquelat, o que eu acho estranho, estranho não, o que se percebe é essa transição da praça que tu muito bem relacionou pela tua pesquisa no livro, é durante o século vinte até os dias de hoje algumas coisas não se mudou da gênese dela, por exemplo, eu vi nos relatos ali que as pessoas reclamavam muito da fiscalização do poder público em relação à coleta do lixo e essas coisas todas né.

A: Certo, aham.

Eu: Eu agora nessa pesquisa e estudando as interações sociais que existia ali na praça né, nós estamos criando algumas hipóteses que as pessoas vão lá muito pra consumir e, inclusive, eu visitando a prefeitura e os órgãos é proibido instalarem dentro das praças ali algumas coisas relativo a vendas, ou seja, exploração de comércio em dias de domingos, dias de festividade, por pessoas, por particulares, que não tenham seu cadastro lá. Mas no entanto isso acontece e não há... A prefeitura não tem condição de fiscalizar...

A: Pois é, é uma economia informal que se passa ali.

Eu: É, as pessoas não tem... Isso, poxa, o pipoqueiro, vendedor de algodão, uma coisa tradicional da praça né, a gente não veria isso, mas por exemplo, a gente viu nesse último domingo uma grande empresa lá vendendo... Uma lotérica, uma instituição financeira lá dentro da praça, até cheguei a te falar lá, e o poder público não tem condições, juiz de valor aqui...

A: Ou não quer.

Eu: ou não quer né, de fazer essa fiscalização. Então, quer dizer, algumas coisas se mantém ainda.

A: Mas tu vê o seguinte, tem uma grande empresa esteve ali, possivelmente repita, vá repetir o fato, sem que haja uma intervenção do poder público. E muitas vezes o pipoqueiro que precisa desta renda naquela tarde vamos supor assim, até por uma questão de sobrevivência pra manter uma família, ele é punido.

Eu: É punido, é.

A: É uma coisa de dois pesos e duas medidas né?

Eu: É bem isso, é bem isso. E eu percebi isso. por exemplo, grandes empresas de erva fazem mateadas ali né...

A: Sim, sim. E é uma forma, é uma publicidade, é uma propaganda.

Eu: Claro que é, eles dão a erva, mas depois vendem né.

A: Claro. Então é uma questão assim de poder econômico.

Eu: Exatamente. E eu também percebi no teu livro que essas interações antigamente elas eram mais espontâneas do que hoje, por exemplo, pelo o que se percebe hoje, o entorno da praça não se envolve muito hoje né,

antigamente os vizinhos se importavam que olha, mesmo que fosse de uma maneira preconceituosa e pejorativa como foi lá no caso do asilo né...

A: Sim, sim.

Eu: Hoje então apreço que o entorno da praça eles não... Claro que eu não aprofundi a pesquisa ainda, isso é uma opinião que eu queria saber de ti. Me parece que a praça se tornou um mono ambiente assim, as pessoas vão lá e não interagem mais entre si, também por causa dessa coisa da mídia toda né, e antigamente as pessoas se relacionavam mais na praça, não é isso?

A: É, eu acho, a minha impressão...

Eu: A tua impressão sobre isso.

A: É que com o passar do tempo e cada vez mais essa onda de violência né, a praça é um local ideal pra cometerem certos crimes, até porque tá protegida por uma vegetação muito expressiva né, e além do mais, num certo horário ela facilita muito porque ela vai diminuindo a sua intensidade ou dependendo ela nem tem uma frequência capaz... Então de um modo geral, isso é quase que sem exceção e incluindo a principal que é a Pedro Osório, a partir de um certo horário é temerário tu cruzares por ali.

Eu: Sim. Aham.

A: E eu acho que isso vem influenciando e vem influenciando bastante o afastamento desses locais.

Eu: Sim, por causa da questão da falta de segurança e tal né.

A: É porque havia uma preocupação e havia um controle muito maior, porque tinha guardas nas praças né, que de certa forma eles mantinham um certo... Uma certa distância ou um certo respeito assim com relação aos frequentadores né?

Eu: Aham, sim e hoje já, já a praça está mais...

A: É, tá mais entregue a Deus Dará né, como diz o ditado popular.

Eu: Aham. Monquelat acho que era isso, se tu queres falar mais alguma coisa, a contribuição foi muito boa. Eu sei que se nós precisar, a gente tá...

A: Sim, to, continuo à disposição.

Eu: Tá a disposição aí, te agradeço.

A: Eu lamento assim não poder te dar mais dados do século vinte.

Eu: Não, não, sim, claro.

A: Mas como eu interrompi e esse livro nasceu por um acidente de percurso né.

Eu: Sim, aham.

A: Ele não era o meu objeto. É que ele foi tomando um corpo tão grande dentro do meu trabalho que é...

Eu: Tu recortou...

A: Que é tratar realmente dos excluídos, e os excluídos, praça também é um grande local pra se encontrar esses excluídos. É o desocupado, é a pessoa que tá sem moradia e de repente em uma noite de outono ou de verão ele dorme ali... Então é uma série de coisas assim. E eu comecei a separar esse material por praças né. Claro que eu me preocupei com as mais antigas e as mais importantes da cidade e vi que era um volume muito grande de acontecimentos né, de enforcamentos, propagandas enganosas, tem um fantasma né dentro da praça Julho de Castilho.

Eu: SIm.

A: Quer dizer, surge, começa a surgir... A praça Julho de Castilho assim ela tem umas características muito interessantes né.

Eu: E essa questão de tanta troca de... Se bem que isso talvez tenha acontecido em todas as outras...

A: É, eu sou contrário, eu acho...

Eu:Essa troca de (...)

A: Eu entendo que tem certos nomes que deveriam ter sido mantidos. Eram muito mais...

Eu: Representativos.

A: Significativos né, tinha uma identidade com a própria história da cidade né, a Rua das flores, por exemplo, porque, a Rua dos Canários, e é assim, a Rua do Posto e tal... Dos que os nomes, e homenageando pessoas né, e que com o decorrer do tempo essas pessoas acabam sendo superadas por outras pessoas que a contemporaneidade vai entendendo que são mais importantes que as anterior, então é um troca-troca desnecessário, eu acho que deveria ter nomes de acidentes ou nomes assim, tipo, praça dos enforcados, eu acho bonito, ou Praça do Pavão, que também é um outro nome popular, ou pelo menos era, hoje já tá em desuso.

Eu: Sim, sim, é.

A: Da Praça Cipriano Barcelos, Praça do Pavão. As pessoas acho que nem sabem por que teve esse nome de Praça do pavão.

Eu: Tu tá querendo dizer que não deixa de ser uma perda de identidade né?

A: É, ela perde muito e ela para de reproduzir uma certa história para chamar atenção apenas para um vulto, que é o caso do Pedro Osório, sem nenhum demérito né?

EU: Sim, entendo.

A: Mas o Pedro Osório o que tem a ver, vamos dizer assim, com a história dessa cidade, a não ser a partir de um certo momento, dada a sua importância de (...) e charqueador e etc e tal... Mas eu acho que ela não deveria nem ter perdido o nome de Praça Dom Pedro II, mas por temor, a Câmara assustada com a mudança, retornou o nome de Regeneração que é o nome que ela nasceu, que também não tem nada a ver com a história da cidade, essa regeneração é episódio Português e que a Câmara uma época influenciada, talvez, por pessoas muito próximas à Portugal ainda né, deram esse nome. Depois... Mas ela tinha um nome popular que era Praça do Teatro, que eu acho muito interessante. Até hoje o teatro está ali, certo?

Eu: Sim.

M: É praticamente ele... O teatro nasceu antes da praça, porque essa praça custou muito a se transformar realmente em praça, era um campo, era um campo que era ocupado inclusive por animais, cabra, vacas e etc e tal.

Eu: Sim. monquelat, tocando nesse assunto eu me lembrei de uma outra coisa aqui, por exemplo, lá na Praça hoje Dom Antônio Zattera que a gente gostaria mais que ainda fosse dos macacos né...

A: Bá, é, pra mim ela vai continuar sendo a dos macacos.

Eu: É.

A: Até por causa do Chico tenho grandes lembranças do Chico, era o macaco mais velho dentre os macacos que tinham ali, e o Chico era uma atração, as pessoas iam pra ali e se formava assim tipo filas, tu tinhas que entrar na fila e dependendo do horário que tu chegasse, pra chegar mais perto da chamada jaula do Chico e dos outros macacos que tinham ali, pra ver as peripécias dele e aquelas coisas, eles descascavam amendoim...

Eu: Sim. E os animais faziam com que as pessoas interagissem.

A: A interagissem, eles eram... Claro, eles que eles eram estressados...

Eu: os grupos diferentes falavam né?

A: É, mas não havia essa preocupação né, e essa consciência de estressar o animal né.

Eu: Sim, claro, é.

A: E todas as nossas praças tiveram animais e muitos animais. A Praça Coronel Pedro Osório, por exemplo, chegou a ter raposa né, tinha gente que ia ali pescar, pescavam, nos lagos ali né, assim como alguns redatores de jornais foram obsequiados com marrequis que eram abatidas que faziam parte da praça... Então coisas dessa natureza interessante assim, como o período de finados, por exemplo, as flores desapareciam né, os protegidos da intendência ou da municipalidade tinham acesso aos canteiros e eles plantavam as flores para os finados.

Eu: É, coisa interessante. E esse aspecto que tu falou lá da praça dos macacos que os macacos... Claro, quando as pessoas todas iam olhar as jaulinhas ali que eu também...

A: Sim, sim.

Eu: (...) cinquenta anos né, então muito fui à Praça.

A: É tinha macaco, tinha...

EU: Tinha um jacaré lá...

A: Jacaré é... Tucano.

Eu: Araras.

A: Araras, quer dizer... Raposas.

Eu: E as pessoas ficavam na frente das jaulas olhando os bichos e eu muitas vezes conversei com pessoas que eu nem conhecia e fiquei conhecendo ali.

A: Exatamente, é. É uma forma de interação.

EU: É uma forma de interação. Hoje a gente vê que os grupos um tá ali, outro tá lá, não tem uma coisa que junta todo mundo.

A: É, hoje aí até pra minha surpresa ontem um amigo me alertou e eu fui olhar né, não imaginei que pudesse ter chegado ao ponto que chegou, tem gente caçando Pokémon.

Eu: Pokémon, poxa.

A: Na praça Coronel Pedro Osório, no meu tempo a gente caçava outras coisas.

Eu: Sim, tico tico...

A: É, também.

Eu: Também rsrs.

A: rsrs.

Eu: monquelat, outra coisa, tocando nesse assunto, lá na Praça dos Macacos, hoje Dom Antônio Zattera, tem muito simbolismo lá, por exemplo, a gente tem o altar da Pátria ali, no lado tem, no lado tem a...

A: Uma estátua *microcéfala* do Bento né?

Eu: Do Bento.

A: A pedra é imensa, aí a cabeça é...

Eu: Desapareceu na pedra.

A: Desapareceu na pedra.

Eu: É, até o Bento tá na pedra.

A: Exatamente, não sei, aquilo é tão feio, tão ridículo né.

Eu: Um... *obelisco* da marinha ali, um *escafandro*... Esse simbolismo, agora tem a escolhinha lá, esse simbolismo foram, foram...

A: Sendo agregados.

Eu: Agregados à Praça, é isso né? Assim, dessa tua pesquisa no século dezenove ela já aparecia...

A: É, por exemplo, ali desapareceu dali a Dom Joaquim Ferreira de Mello né, foi levado pra avenida Dom Joaquim. Eu na minha infância tinha uma cruz que permanece ali me parece né, que simbolizava o descobrimento do Brasil, a primeira missa rezada no Brasil e tinha a estátua que é aquela estátua que hoje está na avenida Dom Joaquim do Dom Joaquim.

Eu: Sim.

A: Né? E ele era o local, inclusive, que as religiões afro desovavam ali oferendas né?

Eu: oferendas, isso.

A: Então normalmente entorno da estátua do (...) tava sempre cheio de, de, de... O que eles chamam, vamos usar a expressão, de macumba né, ou trabalho.

Eu: Sim, sim. As oferendas.

A: É, oferendas às religiões afro.

Eu: E isso aí de uma certa forma foi substituído por quê? Tem um obelisco lá do culto à bíblia né, porque ali agora do lado da... Andrades Neves ali, porque ali, há algum tempo ali o pessoal, os evangélicos se reúnem muito ali a tarde, eu não sei e isso aí eu vou ter que ver ainda, eu acho que isso aí foi construído depois...

A: Sim, sim. Aham.

Eu: Não deve ter sido muito tempo, eu acho que foi um símbolo que foi agregado agora me parece.

A: É, ele é, (...) recente. Ele possivelmente esse crescimento das religiões evangélicas né, é uma coisa relativamente nova né?

Eu: nova né? Mas esse relato que tu tá trazendo aí da... Digamos assim, um lugar de oferendas, a praça também sempre comportou esse aspecto da religiosidade ali né?

A: Claro, sempre, sim, sim.

Eu: Então é interessante esse dado. Então tá Monquelat, muito obrigado pela tua colaboração...

A: Ah capaz, se puder colaborar de uma outra forma, uma outra oportunidade.

Eu: obrigado.

A: Eu que agradeço.

APÊNDICE E – Roteiro degravado da entrevista com o Arquiteto Urbanista

Fernando Caetano



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E POLÍTICA MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Data da entrevista: 08/09/2016.

LEGENDA:

(...) = Frase/palavra inaudível

... – Fala interrompida

Palavras em *itálico* – dúvida na palavra dita

Eu = Gerson

F = Fernando

Eu: Tá, Fernando, então, eu to aqui.. Fernando Caetano né?

F: É. Antônio.

Eu: Fernando Antônio Caetano. É arquiteto urbanístico né?

F: Arquiteta urbanista, especializado em restauração do patrimônio imobiliário..

Eu: Sim, aham.

F: E também... Engenharia de biosistemas.

Eu: Sim. Já trabalhou pra alguns órgãos públicos né?

F: Sim, eu sou servidor de carreira...

Eu: Servidor de carreira da...

F: Da prefeitura (...) de Pelotas há 30 anos.

Eu: Certo.

F: Como arquiteto

Eu: Ok Fernando. Então Fernando a nossa... o nosso trabalho aqui de dissertação de mestrado lá em Sociologia é sobre as interações sociais que acontecem ali na praça Dom Antônio Zattera que ela foi recortada como campo de pesquisa por causa das especificações dela, como eu te disse, quase um parque, ela tem ambientes muito diversificados. Tem o local dos skatistas ali, tem o local das crianças brincar, tem o centro cívico... Ela tem nichos dentro né. Então o Fernando, desse tempo aí até agora te perguntando um pouco como servidor, tu sabes se existe algum órgão ou unidade da prefeitura municipal que cuida das praças assim? Não só no aspecto assim físico, ou seja, da limpeza, da manutenção... O que se preocupe com as atividades que acontece lá?

F: Ahm... Não.

Eu: não? Acho que não né?

F: Não. Tu tem a secretaria que dá manutenção urbana.

Eu: Certo.

F: A secretaria de serviços Urbanos que limpa a praça tá? Que trata a praça como trata os outros logradouros.

Eu: os outros logradouros, certo.

F: Tu tens a secretaria de qualidade ambiental que faz podas, tá, algum plantio e alguma requalificação. Mas tu não tens por parte da prefeitura a praça como evento, como palco ou como... Porque acaba essas duas secretarias cuidando do objeto em sim, mas a praça é muito mais do que isso.

Eu: Sim, sim, sim.

F: A praça precisa de atividade, precisa de integração, precisa de evento cultural.

Eu: Claro.

F: Evento esportivo. Então não tem alguém que conheça as atividades e as funções de uma praça pra poder coordenar... Era pra ter uma coordenadoria né, das áreas verdes do município, praças, ok, pra que promovesse os eventos ali, pra que trouxesse...

Eu: Sim, ou seja, a (...) então não tem esse órgão que faça esse estudo dentro...

F: Não.

Eu: E talvez em nenhum dos logradouros, que seria alguma coisa mais voltada realmente ao pessoal da sociologia, do serviço social que visse as necessidades do que as pessoas tem ali... Como tu falou no começo, assim ó, a necessidade de alguns eventos que mediassem a interação..

F: É, falta um integrador, falta um aglutinador. Porque essas forças tão aí, elas não necessariamente elas tão num órgão público, vamos colocar assim. Eu coloco muito o trabalho da Aline, tá, do piquenique cultural.

Eu: Sim, aham.

F: Do sofá na rua, do *Pedal Curtisseira*... São (...) que interagem com o espaço público, fazem de certa forma um trabalho que quem deveria fazer era o poder público, aglutinando pessoas, transformando a praça numa aldeia e de várias tribos.

Eu: Sim, sim, aham, entendi.

F: E aí ela aglutina e é legal esse trabalho do piquenique cultural, que eu acho que vale a pena tu também entrevistar.

Eu: Sim, dar uma olhada.

F: Te passo o telefone dela. Que qual o trabalho do piquenique cultural, interagir, fazer com que essas tribos interajam entre si, troquem experiências, porque toda tribo cultural dessas ela tem uma bagagem de produtos ou alimentação, ou artesanato, ou música ou isso... E o legal disso tudo é...

Eu: A interação.

F: A interação disso tudo né.

Eu: É exatamente.

F: Que gera o conhecimento. As informações de cada um vão gerar um conhecimento. Porque nem a...De certa forma a academia tá muito preparada pra isso, não sei se tu me entende.

Eu: Não, não, é exatamente. Então Fernando, assim, eu não sei se na secretaria de cultura, porque a gente sabe que existe alguns calendários mais ou menos fixos de algumas coisas que acontecem ali na praça, por exemplo,

no final do ano a gente geralmente tem aqueles projetos de música...

F: Não. Tá perfeito, eu acho eu acho que sim.

Eu: Tem isso?

F: Eu acho que sim, mas o que acontece com a secretaria de cultura, ela abre lá, ok, uma licitação durante o ano, um processo licitatório, não sei o que, que contrata, previamente, as manifestações culturais.

Eu: Hum. É dessa forma?

F: É. Essa forma funciona pras praças que não tem identidade cultural com... Com o aglomerado próximo. Então funciona na Coronel Pedro Osório, funciona na própria Dom Antônio Zattera, mas não funciona nas praças de bairro.

Eu: A entendi.

F: O que tá faltando para a questão das praças de bairro? Educação cultural, educação ambiental, aglutinadores...

Eu: nem entra aí.

F: E integradores sociais que façam a pesquisa e que conheçam essa comunidade da praça, porque a experiência que eu tenho de praça e tu tá falando com alguém que tento, é que cada secretaria de cultura, cada secretaria de qualidade ambiental em conjunto a educação ambiental e a educação... Com o apoio da secretaria da cidadania lá e ação social do agente social tá, irem na praça, conhecerem a população que vai se apropriar desse espaço e tu entender qual é a melhor forma que tu vai... A melhor estratégia cultural que tu vai usar e ambiental...

Eu: perfeito.

F: pra que tu atraia essa comunidade...

Eu: De repente um trabalho com as *universidades* né?

F: Pra que ela se aproprie. Claro. Então lá tu tem que ver o hip hop movimento se tem, tens que ver se tem samba, se tem, se tem... Entendes? Grafite, se tem... O que tem de manifestação cultural deles. Porque tu tens que transformar, entendes? A praça num ambiente que promova pra população essas manifestações culturais, que promova o esporte, que promova a cultura, que promova a música e a *universidade* tem que criar eventos, tem que ir lá fazer educação musical, educação ambiental... A prefeitura nem se fala. Porque só tem dois lugares em que tu podes salvar a cidade, a escola e a praça.

EU: olha só que interessante isso.

F: E às vezes elas estão próximas, mas a escola está intra muros. Entendes?

Eu: Sim.

F: Os muros sociais, os guetos, as divisões fazem com que a escola não se aproprie da praça, a comunidade não se aproprie da praça. Então na realidade o primeiro a se apropriar da praça deveria ser a escola, as crianças, os professores. Eu tava numa discussão hoje que o professor não pode ter mais a tutela da educação. Enquanto nós dermos a tutela da educação pros professores, nós estamos apenas ensinando o cara a ser, e hoje nós temos que ensinar as pessoas a viver, como ela vai viver em sociedade, como ela vai se articular com as instituições. Que caráter cidadão ela vai ter, que responsabilidade de cidadão... porque isso não é o professor que vai ensinar.

Eu: Sim.

F: Porque é um integrador? Que figura é essa do integrador? É aquele cara que vai pegar a criança pela mãe e o dia que o pai e a mãe forem buscar vai

agendar uma visita À família? Vai lá conversar com a família porque a família hoje tá botando a escola.. Transformou a escola num depósito?

Eu: Uhum. De fazer papel de educador.

F: De educador.

Eu: Do lar né?

F: Todo serviço social que é feito desarticulado disso, tem que botar lá como integrador social a partir da escola, e não a partir de uma secretaria colocada aqui no centro que tu vai lá de carrinho passear. O integrador social tem que tá lá no meio deles na escola, integrado com os professores, integrado com os alunos e integrado com os pais, porque aí ele vai ver os problemas de ruptura da família, da falta de emprego, das ameaças às família através da falta de estado.

Eu: Em Fernando, ali na própria praça Dom Antonio Zattera tem uma escola... Talvez nem a própria escola que esteja ali...

F: Claro que não usa a praça.

Eu: Dentro da praça. Não devem usar né?

F: Não devem usar.

Eu: incrível isso né? Olha que informação importante.

F: porque nós nos segregamos, nós nos fechamos em muros e o meio que nós usamos para nos conectar com o mundo é infravermelho. É infrared. É cabo, é fio, pra que o ladrão não entre, pra que a gente não tenha as ameaças, os (...) e tudo mais que a sociedade do mundo da rua e da praça tem. Então nós nos comunicamos através de fios ou de infrared, wifii...

Eu: Isso.

F: Então aí vai...

Eu: Tu vê bem assim, às vezes no setor, naquele setores da praça ali várias pessoas sentadas e todas elas mexendo nesse negócio aqui ó, é um horror né?

F: E aí (...) um pica-pau picando um caule sabe?

Eu: As coisas acontecendo né.

F: Uma natureza entendeu? Acontecendo e o cara de fone de ouvido, conectado num celular e abrindo mão disso.

Eu: Fernando...

F: Pokémon. Quer coisa mais horrorosa...

Eu: Ridícula né.

F: É. Maravilhoso. Tu vai rir de mim agora. Foi a ideia mais genial que um cara teve.

Eu: Sei lá cara.

F: O mundo real tá perdido. Então o que eu vou fazer, vou fazer uma moldura tecnológica pro mundo real, pra obrigar a criançada a sair de casa, a ir lá na praça. Os meus filhos nunca saíram tanto da cidade...

Eu: Caçando Pokémon?

F: Azar, pode caçar Pokémon. E aí é que tinha que ter uma tirada tu entendeu?

Eu: Sim.

F: Do poder público. Botar uns Pokémon lá com os brinquedos, sorteio, festa...

Eu: lincar né?

F: Lincar com isso, pra manter a gurizada lá, entendesse e acostumar.

Eu: Conseguiu tirar os guris de casa pelo menos né.

F: De casa.

Eu: Eu não tinha olhado por esse lado, realmente já é uma...

F: Eles tão caminhando na cidade pra poder buscar os Pokémon. Então nós tinha que usar esses percursos..

Eu: Claro, fazer um link.

F: Que eles estão usando, fazendo esse link, que mostrar o mundo real que tá perdido na cabeça deles, eles não tem mais essa coisa.

Eu: Eu fico pensando no meu filho, eu também tenho, tenho um de... Tenho... Adolescentes né, de 14 e 15 anos e eu digo bá...

F: Tá, mas olha a transformação, antes eles tavam dentro só... Da tabela, da tela. Agora não.

Eu: E essa tela pode virar o mundo real né Fernando? Na cabeça...

F: Aí... É.

Eu: A praça seria importante nessa ideia.

F: Claro.

Eu: Fernando deixa te perguntar uma coisa aqui assim. Pela tua experiência como arquiteto e urbanista ligado também ao serviço público, chegam algumas demandas até o serviço público vindo da população? Por exemplo, em relação à praça Dom Antonio Zattera desse tipo de coisa o que tu tá abordando agora? Ou a população tá tão já... Já tá tão acostumada a viver do jeito que vive, ou seja, sem essa interação, com o espaço público da Dom Antonio Zattera ou até de outras praças como tão, que não chega essa reclamação até o serviço público, tipo assim ó, "puxa quem sabe nós fazemos... Quem sabe o setor público organiza a praça daquela maneira? Porque não faz um evento cultural, a gente não se sente bem na praça"? Agora, por exemplo, eu to vendo lá que eles botaram uma academia ali, aquela academia ao ar livre ali que ficou bem legal ali. Certamente aquilo foi uma iniciativa do próprio poder público, talvez ninguém, não sei, isso é uma pergunta...

F: Isso é um programa federal até, é um programa do poder público...

Eu: Federal?

F: A nível federal. Que distribuí essas academias todas em várias cidades.

Eu: A sim. Então não foi uma demanda da população? Não?

F: Não.

Eu: não chegam essas demandas assim?

F: É um programa, é. E sim... A população de periferia, de praça mais periferia chega.

Eu: Chega? a de periferia chega.

F: Porque não tem nada. Nada, não existe nada.

Eu: Sim, eu moro em periferia e sei como é que é...

F: Não existe nada. Então alguém quer construir uma praça e aí a responsabilidade é grande porque tu tens que ir lá interagir com a população pra saber que cara de praça eles querem, que serviços eles querem. Quando tu encontras uma praça como a Dom Antonio Zattera, ela não é de ninguém, ela não é da comunidade local, ela é da comunidade global, então é mais difícil porque não tem quem te diga o que querem na praça.

Eu: E isso aí Fernando, não querendo te interromper...

F: Então cabe ao poder público estimular isso, levando comunidades, levando tribos até as praças via eventos culturais pra ir percebendo o que é que mais tá fazendo sucesso nessas praças que eu chamo globalizadas. O que é uma

praça globalizada? Coronel Pedro Osório, Cipriano Barcelos e Dom Antonio Zattera.

Eu: Tu sabe Fernando, é exatamente... É tão importante essas informações que tu tá me dando porque tu tá me confirmando exatamente a minha pesquisa que eu já acabei com o entorno da praça.

F: Que legal Tche.

Eu: É exatamente isso que tu tá me dizendo. Isso é importante pra minha pesquisa por quê? Porque eu fazendo essa entrevista contigo eu acabei confirmando meus dados.

F: Que legal cara.

Eu: E isso aí que tu estás me falando, eu entrevistei, foram... A gente...

F: Não, tu tá me confirmando o que eu sinto, o meu feeling, por isso que eu acho que a pesquisa científica é importantíssima.

Eu: É. Porque o que aconteceu, a gente... Eu setorizei os quatro quarteirões, a Anchieta, Dr. Amarante, Anchieta, a Avenida Bento e Andrades, então ali tem...

F: Que seria outro público usuário da praça.

Eu: A sim, a sim, nós (...) essa...

F: (...) descer dos prédios.

Eu: Claro, eles vão descer dos prédios. Esse entorno aqui deve ter uma vida ativa com a praça nada...

F: Tem vinculação nenhuma.

Eu: Nenhuma, nenhuma.

F: Tem gente que nunca foi na praça.

Eu: Nem vinculação... Eles não tem vinculação. Assim, a pergunta é que a gente fez mais pra eles então, nossa setorização forem dezoito seguimentos, teve os seguimentos dos restaurantes, ali teve os seguimentos dos clubes, clube Pelotas, o seguimento das entidades, o asilo, a igreja são João ali... Então setorizei... Entrevistei todos né, e aí então eles dizem que nunca, nunca, nunca, em todo tempo da instituição eles participaram junto com os vizinhos ali de qualquer evento ou de qualquer manifestação que levasse ao poder público qualquer... Algum tipo de exigência em relação à praça. ou seja, é como tu falasse, ela tá globalizada que eles não (...) ali, por que...

F: Porque eles não são usuários, eles não se apropriaram desse espaço.

Eu: É tão heterogêneo né?

F: Isso.

Eu: É exatamente isso.

F: Ao contrário, pra eles às vezes a praça globalizada é um problema.

Eu: É um problema.

F: Porque tu vai levar o show, tu vai levar a coisa que o mundo globalizado quer e os usuários da cidade vão lá pra isso, mas vão criar um problema pra comunidade local ou entrar em choque com a comunidade local que não tem o projeto de ocupação da praça, de apropriação da praça e sente a praça como uma ameaça. Bom, mas aí é aquela coisa, a praça... Esse tipo de praça do centro gigantesca é praça local ou é praça do local o nome certo? Ela já tá no local. Agora cabe a medida do tipo de projeto que não... Agrida menos possível essa comunidade que mora próxima, porque se eu agredir menos possível tu tá dando uma chance pra essa comunidade local descer, se não, ela não vai descer nunca.

Eu: Sim, uhum.

F: É completamente o oposto...

Eu: Do bairro.

F: Do bairro. Só tem uma situação assim ó, próxima disso. Na praça do Barro Duro aquela, que tem aquele... Aquele torneio de futebol anual...

Eu: A o campo de futebol, eu sei.

F: Em que a comunidade odeia aquilo. E lá é pior porque as praças às vezes se dão por esses interesses, tem o local global e o local e tem aquele por, por, por interesse temático, o grupo do futebol, o grupo do vôlei, ou o grupo do skate que querem pegar uma praça e transformar em um seguimento. isso é extremamente errado, porque tu tá levando toda uma comunidade segmentada pra uma comunidade local que vai expulsar socialmente essa gente.

Eu: pra aderir...

F: Vai rejeitar.

EU: pra aderir só a um...

F: Só a um segmento.

Eu: um segmento, entendi, aham.

F: Praça é diversidade, sempre diversidade. Se não tiver diversidade, nem faz a praça, deixa ela como reserva biológica.

Eu: Sim, uhum.

F: E aí é que tá o segredo de praça entre o *local* público, é identificar as diversidades culturais, sociais locais pra tu aglutiná-las nesse processo, com a comunidade, porque se não tu também tá trazendo o que eles chamam de marginal social, cultural, pra praça do próprio bairro. Aí tu cria o conflito no próprio bairro. Praça, eu não sei quanto tempo eu tenho, se o papo tá livre...

Eu: à vontade. Tá ótimo Fernando, eu não quero é tomar teu tempo.

F: Eu vou te contar uma experiência.

Eu: Por mim, eu tenho o tempo livre.

F: Posso te contar uma experiência?

Eu: Claro, vai, à vontade. Eu não quero é te tomar o teu tempo.

F: Eu vou te contar uma experiência, eu tenho 30 anos e já passei por muita coisa porque eu tenho uma atuação assim de associação de engenheiros e arquitetos que fez instituto lá de Jesus e transformou em uma escola tipo...

Eu: (...)

F: Na qualidade do Mário Quintana, os espaços internos lá... A gente fez uma revolução lá dentro. A gente já ajudou os (...), já fez praça modelo aqui na... Mil coisas. Mas teve uma coisa que eu fiz na prefeitura e que por ser prefeitura não deu certo, foi me inspirar de certa forma no movimento, num sistema de participação popular que chama Oasis, liderado pela agência em comum que é aqui próximo, que eu acho que é uma pessoa que tu deverias entrevistar.

Eu: Depois vou anotar.

F: Tá. A Estela, tá, que conviveu três dias pra fazer uma praça na balsa tá, criando um mecanismo, um softwer, um brinquedo, um jogo, em que as pessoas construíram a praça do nada. Eu não fiz siso, eu peguei uma liderança da prefeitura, usei o mesmo linguajar do Oasis e resolvemos fazer a praça Anglo, o que é a praça Anglo, aquela ocupação de posse que agora tá toda regularizada que se dá na frente do frigorífico, na frente do Anglo da Federal.

Eu: A federal agora lá, sim, sim.

F: Atrás dos galpões do Fonseca Júnior ali, do Embaixador. Vou te contar uma experiência que pra mim foi um ensinamento e como tu é uma pessoa ligada à área social, é um momento assim de que até um dia alguém poder investigar isso. Nós chegamos lá com um determinado líder que era líder porque organizou a ocupação, organizou tudo, e eu via que as crianças se aproximaram da gente e os adolescentes sumiram, foram pra um canto, porque os adolescentes queriam o espaço pra poder se drogar, pra poder fazer a festa...

Eu: Sim.

F: Tavam muito mais próximos dos fornecedores... Que viam a gente até de certa forma como uma certa ameaça, mas como as crianças nos adotaram e trabalharam junto conosco produzindo os brinquedos da praça e produzindo a praça, crianças de três anos a onze... Fizemos uma árvore de natal que toda a árvore de natal foi construída por eles e assinada em tinta branca no fundo verde com o nome deles. Eles plantaram as flores e cuidam das flores até hoje, a praça tá igual. Então a partir dali a comunidade dos pequeninhos adotaram um espaço urbano como se eles tivessem construído, se afastaram dos adolescentes que toda criança pequena tá focada no adolescente.

Eu: Sim, (...)

F: Que do ponto de vista social já tava meio perdido pra droga e pra outras coisas, e começaram a jogar bola de novo, começaram a brincar de novo, se deram a chance de serem crianças. A praça fez isso. Então é o que eu te digo, que não adianta a escola tentar se a escola não tiver na praça. Se o professor de educação física não marcar aula lá na praça, brincadeiras com as crianças, e não precisa ser da escola sabe, do bairro.

Eu: Claro. Tu sabes que agora essa rica experiência que tu estás me trazendo aqui, eu tenho ido muito na praça fazer observações e tu tá me falando isso agora... É muito pouco o número de crianças na praça, quase não se vê criança ali e imagina, a praça por excelência é o lugar da criança né?

F: E tu tá habituando, tu tá fazendo uma coisa pra criança muito terrível. Tu tá acostumando a criança a ter prazer pelo consumo, consumo do celular, consumo do joguinho Nintendo, o consumo do aceso ao Pokémon, porque ela não tema cesso aos brinquedos analógicos, ela só tem acesso aos brinquedos digitais. E quem comanda a distribuição dos brinquedos digitais na periferia não são os pais que não tem dinheiro pra isso, é o narcotráfico, é o roubo que tá vindo através dos adolescentes a captura dessas crianças. E elas são um prato cheio, porque elas não tem elementos de fixação de bairro e que cria a comunidade dos baixinhos pra trocar figurinha da copa do mundo...

Eu: o gibi...

F: pra trocar o gibi, pra jogar bola, pra jogar taco... Bolinha de gude.

Eu: Fernando, tu chegou num ponto bem importante aí, porque quando nós, eu e o professor Guilherme Massaú que é o meu orientador, a gente começou a embalar esse trabalho aí, nós criamos algumas hipóteses do que poderia estar acontecendo ali na praça e eu quero discutir elas contigo pra ver o que tu achas. A hipótese que nós criamos é que as interações que se dão ali na praça Dom Antônio Zattera, as pessoas vão muito como tu já falou... Eu acho que tu falou né, nas entrelinhas, relacionado ao consumo...

F: Isso.

Eu: Relacionado ao consumo, ou as pessoas usam a praça só pra circular, como passagem, ou alguma coisa relacionado ao consumo, porque? Porque geralmente atrai as pessoas ao consumo. Eu ouvi esses dias ali tinha, domingo, um carro aquele do Tche, do Tche... Esse que vende essas loteriasinhas...

F: A sei, sei.

Eu: Tu sabe qual é que é.

F: Sei.

Eu: Aí tinha o tchê esse, o cara dando erva, uma mateada, porque eles dão erva, mas depois vende... Tudo ligado ao consumo, né?

F: Claro.

Eu: Então, não sei se tu concorda?

F: Claro.

Eu: Frequenta a praça... As laterais tomadas de coisas para o consumo, as pessoas vão por excelência ali ou elas circulam ou ficam enquanto elas tão consumindo alguma coisa, e quando o consumo é só esse ainda não é dos piores né...

F: (...) dão oportunidade pra outros tipos de consumo...

Eu: De consumo, porque a gente sabe que é aquela coisa lúdica da praça, do pipoqueiro, do vendedor de algodão é tranquilo...

F: Isso acabou.

Eu: É , e se tivesse era lúdico, bonito, faz parte da escola. Mas eu vejo que... O pessoal na sociologia achou que não, que nossas hipóteses não tavam muito corretas e eu digo eu acho que não, vamos pra pesquisa, vamos entrevistar as pessoas e vamos... Eu acho que tem muito a ver sim que as pessoas vão na praça...

F: O que falta é educação das famílias para se apropriarem de praças, seja locais, seja globais.

Eu: Sim.

F: porque isso? Por causa que o pai, entendesse, o pai... O pai não quer perder, não quer arriscar a segurança do filho, ele tem medo da perda. Todo pai de criança pequena tem medo de perda.

Eu: Sim, aham.

F: Ele já teve medo de perda na gravidez, medo de perda quando nasce...

EU: É direto isso.

F: Ele tem medo de perda, então ele não vai expor o filho a uma praça. Quando nós nascemos e era nossa geração, os pais tinham menos problema de perda, medo de perda.

Eu: Fernando eu e tu somos... Brincava até dez horas da noite na rua, não é?

F: E teu pai se preocupava com isso?

E: Não cara, não, não.

F: Então ele não tinha medo de perda. Então agora nós temos medo de perda. Então o que acontece com o medo de perda, afasta e a praça como é um local de diversidade, é local de tudo.

Eu: Ficou perigoso.

F: Ficou perigoso. Então se o pai não leva mais a criança aos três anos, quatro, cinco, quando é que a criança vai ir? Ela não vai, ela perdeu o referencial de praça.

Eu: Bá que interessante, é.

F: Por culpa do pai.

Eu: E por isso então que eu não to enxergando criança lá na praça.

F: Tu viu ontem a abertura das olimpíadas?

Eu: Sim, uhum.

F: Tu viu aquela bota magnífica que o pai inventou? Aquele pai já perdeu. Então aquele pai leva o filho pra praça sem medo de ser assaltado, porque ele sabe que a praça que ele ocupa e que ele já perdeu é a chance motivadora do filho melhorar sua motricidade, melhorar sua cognição, que não é no vídeo game que essas crianças que perderam vão se elevar, é nas relações sociais de inclusão e isso parte da inclusão pela praça. O problema é que nós, além de termos... Nós, pais, sentimento de perda, nós temos a... A... A síndrome da compensação. Nós compensamos os nossos filhos por saber que o mundo lá fora tá perigoso. Então tu não quer ver teu filho andar a pé, tu dá um carro, tu não quer teu filho na praça, tu dá um vídeo game. Tu não quer que teu filho vá... Vá pra casa de outros que tu não conheça, tu monta três, quatro vídeo game em casa, então isso a... Tu não quer que teu filho vá pra cyber café e sei lá o que, que é um ponto de distribuição de coisas do consumo que a gente não quer que eles tenham, então tu leva pra casa, tudo, tudo em quatro paredes, vigiado.

Eu: E aí o que acontece Fernando..

F: Esse é o nosso mundo de hoje.

Eu: A minha esposa é professora, também dou aula às vezes..

F: Mas então porque a praça não pode ser vigiada?

Eu: Claro! É...

F: Porque a praça não pode ter um sistema de (...) câmeras no sistema de vigilância da cidade, entendesse? Tu poder ir lá sabendo que tu tá sendo vigiado e que não vai ter tráfico de droga, não vai ter coisa ilícita na praça, azar. Porque aquela coisa entendesse, hoje eu já to acostumado, já (...) em 1974 aquele filme que tinham câmeras em tudo e tinha um senhor que vigiava todo mundo, e é uma preocupação, tava antecedendo o que tá acontecendo, nós queremos ser vigiados. E parar com essa frescura de não querer ser vigiado pois nós já expomos a nossa intimidade a tudo e a todos em Facebook, em whatsapp, pra se exibir.

Eu: Aí quando vem dos outros é problema né?

F: Aí quando vem dos outros, tão te espionando. Os espaços públicos hoje tecnologicamente eles tem que oferecerem mais segurança do que dentro de casa. No futuro próximo, os crimes ocorrerão só dentro de casa, porque dentro de casa se tornou prisões, muros e que um crime acontecendo lá ninguém viu, mas se o crime acontecer na rua todos verão, estou caminhando (...) sociedade, rapidinho. Já tá assim um pouco. Então é a chance de que tu através das praças criar centros de monitoramento e segurança como se fosse uma praça murada eletronicamente.

Eu: Sim tu vai tirar as pessoas de dentro de casa né?

F: De dentro de casa.

Eu: E aí o que acontece, tu tocou muito Fernando na questão da educação da criança e do adolescente, se criam jovens frustrados, sabe porque? Porque eles não sabem lidar com qualquer tipo nenhum de conflitos que acontece na interação, isso é (...) né? Eu não digo que tu vai (...) ao traficante, ao criminoso, isso não, é óbvio, tem que ter essa proteção, mas à medida que o jovem não sai de dentro de casa e ele não interage, não conversa, é normal tu ter algum tipo de desavença simples ou conhece um e não gostou do outro,

ele não consegue trabalhar com frustração depois, porque? Porque ele vai pro colégio de carro...

F: Claro.

Eu: Ele tem o computador...

F: papai e mamãe dão.

Eu: Isso. Qualquer coisinha que o mundo não dá pra ele aquela frustração acabou.

F: Isso.

Eu: Eu percebo isso porque como eu to... Sou de uma outra geração, agente trabalha desde cedo e interage muito no jogo de bola, hoje Deus o livre rodar uma criança e no nosso tempo a gente rodava e fazia o outro não, não tem problema nenhum. Hoje é um problema, é uma frustração pra criança, tem que levar ou uma briga com coleguinha na rua... Tudo virou um grande problema né, é essa sociedade de mimados né porque o jovem acabou por nós não dar essas condições, principalmente o poder público de viver em espaço público, ele encerrado na super proteção não consegue enfrentar nada, não consegue enfrentar nada. Eu pelo menos vejo assim né, ele não consegue lidar com frustração, qualquer coisa é muito... Tu vê, eu vejo pelos meus filhos lá e pelos filhos dos outros também, é um problema quando estraga o computador né, parece que vai cair a casa.

F: Porque...

Eu: porque o mundo dele é só...

F: Ó... Nós passamos várias gerações, nós tivemos a geração dos... Das crianças construtivistas, que... Vamos botar assim, engenhosos tá, a... Engenhosos, inventivos, criativos e agora sabe o que nós temos só? Adaptativos.

Eu: É verdade, uhum. Copiativos e adaptativos.

F: Se adaptam rapidamente à tecnologia que alguém criou e mandou, de uma forma fantástica. Eu me lembro que na nossa época a gente desmanchava um brinquedo pra fazer outro completamente diferente e estudava os conceitos que tavam por trás daquilo porque aquilo era analógico e aquilo tinha mecânica envolvida no processo. Então tu fazia carrinhos, tu fazia carrinho com suspensão...

Eu: Sim...

F: Fazia corrido de (...).

Eu: Os roletes, te lembra?

F: Isso, rolimã, carrinho de rolimã. Os roletes com, com...

Eu: Lata de óleo.

F: Com lata de óleo, com filtro de *caminhão* que ficava lindo aquilo e saía por aí porque? Porque tu fazia uma coisa que era fantástica pra quem vence ou... Vence não, não gosto dessa palavra, pra quem consegue se incluir mais rapidamente numa sociedade. Quem se inclui mais rapidamente numa sociedade? Quem deseja. Agora como é que eu vou desejar, porque o desejar o que que é? É reproduzir a sensação de estar com algo que tu quer. Isto é desejo. Se eu quero uma Ferrari, se eu desejo uma Ferrari, eu em sinto dentro da Ferrari, sinto o motor roncar, sinto a potência, sinto a aceleração no meu pedal, eu sinto que vou voar, mas que um a força vai me deixar presa à estrada e eu vou andar até 200 por hora. A minha barriga vai sentir calafrios e eu vou ficar até suar, mas em seguido eu me adapto a essa velocidade e tenho prazer com ela. A dopamina vem da minha cabeça. Isso é desejar. E

quando tu desejas isso cara... Tu sabe o que acontece contigo? Não sei se tu vai conseguir a Ferrari, mas que em seguida tu vai tá com um carro...

Eu: Sim, sim.

F: Quase fazendo isso... To fazendo um exemplo errado de velocidade...

Eu: Não, eu entendi, eu entendi.

F: Então o que acontece na nossa época, quando tu fazia o carrinho daqueles com mola, tu reproduzia o teu desejo e manifestava isso, entendesse, através... E manifestava isso através da tua engenhosidade. Tu via naquilo a Ferrari, tu via naquilo aqueles carros de antigamente, os (...)... Então tu...

Eu: Aquilo era reprodução do que tu já queria né?

F: Do que tu já queria.

Eu: Agora eles não tem mais essa lógica...

F: Não tem isso. Porque eles não imaginam o que vem, eles se adaptam ao que chega. É muito rápido.

Eu: Que loucura isos né Fernando, que loucura né cara. E assim, a gente não vê o que que... O.. É difícil tu imaginar o pós hoje, nem o durante tá sendo difícil pra gente.

F: Então. Tá difícil agora da gente ser sabe o que? Que eles conseguiram essa geração mais nova ser, adaptativo. A gente já não tá conseguindo se adaptar tão rápido.

Eu: Nós né? É.

F: É. E até eles.

Eu: De, de... Tem coisas que...

F: É muita tecnologia.

Eu: Aliás, tem coisas que passou já que nem... A gente não, aliás, a maioria né, a gente... É tanta mudança que tu consegues assimilar o mínimo possível. Mas então Fernando, a gente volta novamente em relação à praça Dom Antônio Zattera e até as outras... As outras... O espaço público como (...), é uma deficiência do, do... Do setor público, ou seja, da gestão público e a gestão pública somos todos nós, a gente tem que parar de achar que é só o...

F: Eu já ia te corrigir.

Eu: É, que não adianta, não acha que...

F: É cômodo tu jogar pro...

EU: É, é tudo pro prefeito... Eu sempre discuto isso nas aulas lá do Direito, da Sociologia, na (...), "gente o estado somos nós" né, tu não tem que ter essa ilusão de tu eleger o prefeito, governador, vereador, que vai botar lá e ele com uma mágica, com a varinha mágica "pin" e vai lá e vai resolver, não. O estado, o poder público deveria junto com a gente... pra começar, pelo o que tu tá me dizendo assim, nós nem demandamos é, claro, na praça do bairro tá me dizendo que a gente já demanda, mas aqui, aqui nós deveríamos demandar mais ainda, por exemplo, essa... Essa triste observação que eu acabei confirmando numa pesquisa científica dos dados que tu me deu, confirmei, essa tua impressão que tu tinhas, cientificamente num questionário do ponto de vista científico foi confirmada, realmente, a praça é um ser estranho ali na...

F: É que...

Eu: Então quer dizer, aqueles vizinhos, o presidente do *esporte clube* de Pelotas, os presidentes, não to dizendo esse, o pastor ali da igreja, o administrador do asilo, deveriam fazer uma... Deveriam, no melhor dos (...) fazer uma comissão "ó o negócio é o seguinte pessoal, botem câmeras aqui".

Reclamaram muito da iluminação e fizeram alguma demanda não, se organizem minimamente, de repente isso nem é tão trabalhoso fazer isso, e levem essa demanda pro poder público. Se não acontecer...

F: Vou te fazer uma pergunta.

Eu: Se não acontecer, pelo menos existe a demanda.

F: Tu já viu algum jogador do Pelotas fazer treino físico na praça?

Eu: Nunca na vida e já conheci (...) nunca.

F: Se eles fizessem algum treino físico na praça eles dariam chance pra alguma das crianças que gostam do Pelotas ir lá interagir com esses jogadores.

Eu: Sim.

F: O próprio Pelotas age que nem age o morador da volta da praça. Se vira de costas.

Eu: Se vira. Sim, sim.

F: Pra aquela praça. E isso mudou, porque antigamente... As praças eram frequentadas pela população, e mais, as ruas eram frequentadas por transeuntes a pé porque não tinha tanto carro, e mais, as calçadas eram a sala de estar, era um prolongamento das casas, classe rica, pobre e média.

Eu: Botava banco.

F: Botava cadeira pra tomar mate e conversar com a vizinhança e interagir. Eu me lembro como se fosse hoje que faltou energia elétrica nessa cidade nos anos 70 por uma semana, toda a população ia até as duas da manhã, no verão, num calor insuportável, pra poder aguentar sem ventilador, entendesse, nem ar condicionado naquela época tinha direito, e...

Eu: Ficava na frente da casa.

F: Ficava na frente da casa. O grande problema de hoje é que tu não tem... Tu anda numa neurose de não ter mais tempo pra poder bancar ou o mundo virtual pros nossos filhos e pra nós, nós perdemos de aproveitar o mundo real. Então todo mundo tá com aquela sensação de morar... Sonham com algo, mas moram no lugar errado, estão na hora errada. Vou até te dar um exemplo...

Eu: Sim, sim, entendi.

F: O cara que mora naqueles edifícios na volta da praça, tem grana. Se ele é novo ainda, ele pra manter a grana dele, ele não consegue chegar cedo em casa. Então ele nunca vai conseguir passar pela praça num horário em que ele possa curtir a praça.

Eu: Entendi.

F: Porque o estado brasileiro é um estado escravagista ainda, e não importa quem, da classe alta, classe baixa, ele suga, ele tira o sumo da produtividade de qualquer cidadão pra manter um estado que é insaciável. Vou te dar um exemplo de um outro país que eu conheci janeiro do ano retrasado, a Austrália. Como é que é a Austrália? A Austrália o faxineiro ganha a mesma coisa que o médico, 50 dólares a hora, é uma fortuna. Tudo é caro, mas todo mundo ganha bem e não há diferença de classes. Vai dizer como não há diferença? Tem diferença de classe. Sabe como é que se dá a diferença de classe lá? Por especialização. Porque o faxineiro que ganha bem ele não tem carreira, ele não consegue se especializar, e o médico tem carreira, se especializa e consegue às vezes quase que dobrar o salário do faxineiro, não mais do que isso. Então tu tem uma sociedade. E como é que é a cultura dessa sociedade? Trabalhar das oito da manhã as cinco da tarde, porque as

cinco da tarde fecha mesmo, não tem essa de tu querer fazer (...) no teu escritório, as luzes se apagam, vai te embora, tens que cuidar da tua família. E sabe como é que é na Austrália? É uma (...) de mais ou menos 1 km, no máximo 2 km de raio e um grande parque com mais três km de circunferência a atingir as cidades... Então o cara sai, o cara sai de bicicleta, o cara combina de encontrar a família no parque pra caminhar porque o sol se põem bem tarde. A gente tem esse hábito?

Eu: Aí o que acontece Fernando? Tu falando... Tu dando esse exemplo da Austrália me faz lembrar o seguinte aqui ó, que a gente não tem esse espaço aqui, não tem mesmo né? Aí o que acontece, fica tudo ruim, porque tu achas o teu local de trabalho ruim, tu só fica pensando nas férias...

F: Isso.

Eu: A tua casa tu achas que ela é localizada num lugar ruim e tu sempre fica pensando em mudar e na verdade as duas coisas não são. De repente no teu espaço de trabalho não é ruim e nem o lugar da tua casa. É que tu precisaria de um terceiro local, tu precisas de um terceiro local, um parque ou um local que tu ficasse que te tirasse essas energias que te sobrecarregam às vezes em casa e no trabalho, tu ia lá e voltada feliz e quando tu chegava pra trabalhar ou em casa, tu não lembrava de como aqueles ambientes eram, tu ia de novo voltar com prazer pro trabalho e com prazer pra casa. Tu não tem esse, digamos, essa válvula de escape social, não tem. É isso que tu tá querendo dizer né?

F: É.

Eu: E que eles fazem tão bem lá.

F: Isso.

Eu: É, é isso.

F: Faz parte da vida deles.

Eu: É, outros países também...

F: É que nem tomar mate.

Eu: A China faz bem isso naqueles parques grandes, o Japão também...

F: O novo iorquino...

Eu: É, o Central Park né.. E aí a gente não tem isso aqui.

F: Não tem, mas tá mudando. Vou te contar agora, tu chegar como tá mudando? aconteceu duas coisas com a classe (...) aqui em Pelotas, duas revoluções elas causaram na cidade, sociais, e de hábitos culturais e folclóricos. O pelotense, a não ser na zona rural da colônia, não tomava mate. Raríssimo se tomava mate.

Eu: É mesmo?

F: Começou a chegar... A universidade há uns 15, vinte anos atrás, vinte, vinte e cinco...

Eu: Eu já tava aqui.

F: Se regeneralizou. E atraiu quem? O pessoal da campanha primeiramente aqui de baixo, pessoal da serra, pessoal da zona oeste do rio grande do sul. Começou a entrar via agronomia e trouxeram o hábito do mate.

Eu: Fora de casa né?

F: Fora de casa.

Eu: Tu não via ninguém tomando chimarrão mesmo.

F: Nas praças.

Eu: Nas praças, é.

F: E aí o pelotense começou a aderir ao mate. Então o que, qual é a segunda

revolução que o estudante tá trazendo? E agora não mais o estudante gaúcho, porque o estudante gaúcho tem o mesmo hábito que o pelotense em relação às praças. Mas como agora a universidade deixou de ser regional pra ser uma universidade nacional, ela tá atraindo os estudantes de clima quente e todo estudante de clima quente vive na praia, na rua, na praça e no parque. Agora tu começa a notar que tem uma gurizada, entendeu, que vai pra uma praça porque tem a necessidade, Dom Joaquim, Laranjal, como a própria praça Coronel Pedro Osório, e aí vira o point porque aonde tem jovem vai todo mundo. E os locais começam aí.

Eu: Fernando como é verdade isso que tu disse. Eu tenho amigos meus que moram no noroeste do Paraná, Maringá, e Mairiporã, aquelas cidadesinhas ali. E aquelas cidades ali menores são todas muito novas aquelas cidades né?

F: Sim

Eu: E todas elas tem bosques públicos, bosques públicos.

F: E o pessoal fim de semana direto...

Eu: Direto, durante a semana direto.

F: Essa cultura é de lá que agora por causa do...

Eu: É tá chegando.

F: Enem, por causa do Sisu, trouxe eles pra cá. É gente do norte do país, da Amazônia, disso e daquilo e eles fazem isso. Porque nós por causa desse inverno rigoroso e por causa do não sei o que custamos a sair de casa.

Eu: isso também se confirma muito, e como a gente percebe essa diferença, tu já deve ter tido oportunidade..

F: Sim.

Eu: Quando a gente vai pro nordeste, em vários eventos eu fui né, a gente fica de noite às vezes naqueles hotéis beira mar e tu ficas olhando as pessoas caminhando ali dez, onze horas da noite jogando vôlei...

F: E tem a mesma criminalidade.

Eu: É, a mesma, a mesma. A mesma criminalidade. Ou seja, realmente é esse.. A incorporação dessas coisas que vai acontecendo...

F: Do hábito, do clima, da cultura. Que como essa miscigenação de novos grupos sociais estão longe das cidades, traz pra nós e a gente começa a copiar isso. Então é o mate e agora vai começando a copiar, e isso é bom. Isso é globalizado, isso é do local. Quem sabe a partir dessa experiência agente não faz as praças locais mesmo.

EU: Claro. Fernando uma coisinha assim pra nós, não quero mais tomar teu tempo, aqui ó.

F: *Pessoal* vai dizer que (...) é bobagem...

Eu: não, não.

F: (...) que é sociólogo, tem que...

Eu: Eu também não sou sociólogo.

F: Cuidar. A então tá. Mas isso são experiências de vida assim.

Eu: É.

F: De tu perceber.

Eu: O Fernando, agora existe, por exemplo, em relação aqui à Praça Dom Antônio Zattera e os outros espaços, quando esse pessoal de consumo quer fazer alguma coisa lá tem que ter determinada autorização né? Eles tem alguns locais.

F: Tem, tem.

Eu: não sei se é a (...)

F: Tem, o que não pode haver é consumo individual.

Eu: Sim.

F: Pode até ter uma feira que vá...

Eu: (...) autorizada, claro.

F: outra coisa que eu queria te falar que eu não falei antes é em relação À praça Dom Antônio Zattera que é o mesmo erro da praça Coronel Pedro Osório. Como não houve política pública e nem projeto público de plantio dessas árvores que estão lá, muitas pessoas sem controle do estado...

Eu: Foram lá e...

F: E plantaram.

Eu: A sim.

F: E plantaram sob a forma de bosque. E o grande problema talvez do afastamento da população em relação ao uso desses locais seja a insegurança pela sombra.

Eu: Sim.

F: É o ambiente úmido demais, sombrio demais, precisa...

Eu: (...)

F: É, precisa penetrar mais sol, precisa haver um corte seletivo das que tão doentes, precisa renovar com espécimes mais adequados a relação antrópica com o ser humano... Então isso tem que tá presente, se não o máximo que tu vê de fazer investimento lá não retorna porque tem essa questão de bosque, de mata inexpugnável e isso não pode acontecer numa praça.

Eu: E na verdade ela tá... Não é da minha área e aqui sim tu vai falar com muita propriedade por ser da tua...Que tu vai falar com muito mais propriedade. Na verdade o parque e a praça são coisas bem distintas, bem distintas. A praça é um local pelo que eu vi nos conceitos de arquitetura, é um local multiuso, ela tem brinquedos, tem... Local dos balanços, tem ali o centro cívico, tem o local de andar de bicicleta... O parque ele é mais homogêneo, por exemplo, tem um parque de conservação, tem um parque público de...

F: Tu vai rir do que eu vou te dizer agora tá? Toda... Toda uma praça abandonada se torna parque.

Eu: Como assim Fernando? Porque ela fica...

F: Sem uso. Sem gente passando. Os caminhos e os canteiros vão se pulverizando de (...) de outras árvores, pelo processo dos animais, toda a regeneração da praça, do bosque. Tendendo a virar bosque.

Eu: Sim. Que é o...

F: Então tu nunca pode deixar uma praça...

Ru: Virar parque.

F: Virar bosque.

Eu: É, bosque.

F: porque o bosque a condição vai virar parque. E tudo isso acontece pelo abandono, porque nós temos um péssimo hábito, tu atira uma árvore e tchau árvore, se tu crescer ótimo, se tu sobreviver perfeito, mas adorei que durante 300 anos eu não vou precisar te cuidar.

Eu: E não é assim.

F: E (...) de passarinho, bá Tche, e cai na cabeça das... passa na cabeça das pessoas como deu morte lá na Duque de Caxias e é um abandono só e quando tu vê quase que tá inexpugnável, tu não consegue penetrar. O sol já não penetra mais, tu não tem podas pra conter esse processo, tu não tem

retirada de coisas que tão nascendo pra outros lugares, pra fazer outras praças, porque tu não tem gente, não tem manejo e tu não aproveita a oportunidade de tá nascendo um butiaseirinho pequeno ou uma figueira pequena que vai se tornar gigante e matar a do lado, tu já tira ela dali pra plantar na outra praça...

Eu: Uhum.

F: Nós não temos esse manejo, infelizmente, nem essa consciência. E pior, fizemos o que a gente faz lá na beira do totó, lá na beira do barro duro, que por causa daqueles... Que graças a Deus agora a gente trancou aquilo e teve que botar pedras de dez toneladas pra ninguém arrastar na entrada do (...) do totó lá, foram o seguinte... E o do Barro Duro, porque na... pra poder garantir o uso e o camping do parque, de um bosque como praça, eles rastelavam, eles capinavam todas as figueiras em todas as oportunidades de renovação. Então lá aquela mata lá, entendeu, tá uma mata de velhas bisavós que não (...) os bisnetos.

Eu: Sim.

F: E vão morrer, e não vai ter. Vai ter uma lacuna de duzentos anos, uma lacuna de duzentos anos entre uma árvore adulta e uma... Vai ter um deserto verde, porque elas vão morrer e não vai ter árvores do mesmo tamanho pra substituir. O mesmo conceito é em praça, só que eu praça é o contrário, tu tem que tirar, porque tu precisa... Ter gente passando ali.

Eu: Sim.

F: Vendo o outro lado. Numa praça tem sempre...

Eu: Sim exatamente esse o conceito...

F: que ver o outro lado, porque se não, tu te sentes inseguro.

Eu: Sim. O conceito que eu tinha visto na arquitetura que eu botei no projeto, por exemplo, a praça nem sempre tem a necessidade de ter uma abundância do verde.

F: Não, porque se não ela deixa de ser praça.

Eu: É, exatamente.

F: Pra ser bosque e bosque é condição pra parque.

Eu: Sim, é, não, então tá. Fernando, deixo aí, tu quer fazer, tem alguma...

F: Não...

Eu: Eu te agradeço imenso pela tua colaboração...

F: Não sei se fui...

Eu: Foi riquíssimas as tuas observações e eu te agradeço imensamente.

APÊNDICE F – Roteiro Degravado com a Professora ambientalista Rosa

Maria Almeida



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E POLÍTICA MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Entrevista realizada em: 12/09/2016

LEGENDA:

(...) = Frase/palavra inaudível

... – Fala interrompida

Palavras em *itálico* – dúvida na palavra dita

Eu = Gerson

R = Rosa

Eu: O seu nome é dona Rosa?

R: Eu sempre estranhei muito, o Diário Popular *botando*... Rosa Maria Almeida

Eu: Rosa Maria Almeida.

R: Agora, eu já fui... Almeida (...), depois me separei...

Eu: Sim, aham.

R: Era advogada, o pai das minhas filhas que é da (...) e faleceu. Depois me separei e acabei botando...

Eu: A senhora é professora né, mora aqui no entorno...

R: Moro e desde que me aposentei..

Eu: E também..

R: Sou (...) da praça.

Eu: E a senhora milita nas causas ambientalistas aqui?

R: Assim...

Eu: Certo, aham.

R: Eu não milito só aqui, eu peguei esse meu cartaz e fui pras escolas públicas, deixei (...) por conta da Paula, escolas particulares, universidades, campo de futebol, hospitais... E aí vim aqui na feira, vim na feira vou lhe explicar o porque, uma vizinha (...) num sábado, "vem cá pra tu ver", porque tudo eles pedem pra mim... Uma pilha de caixa que eles tavam botando dentro do nosso (...) aí do lado, aí eu falei com três fiscais e não resolveu, falei com uma pessoa lá da Prefeitura, mas cuida só, eu fui lá no SANEP, solicitei um container e sabe o que os feirantes fizeram? Botaram o container lá pra cima da calçada.

Eu: Uhum.

R: Não tem como o caminhão pegar. O senhor tá vindo do jeito que ele tá?

Eu: Sim, sim. A sim, to vindo ali.

R: Então um senhor me prometeu que ia falar com não sei quem pra fazer uma pintura especial pros feirantes não mexerem mais.

Eu: Sim, aham. Dona Rosa assim ó, a senhora anda bastante pelo interior da praça também?

R: Eu to sempre em função, vou lhe contar como é que ela era antes...

Eu: Tá, aí...

R: Olha aqui...

Eu: Deixa eu lhe fazer uma pergunta aqui.

R: Sim.

Eu: Como é que a senhora vê os movimentos no interior da praça?

R: De noite eu não saio.

Eu: Não, não, assim, de dia.

R: De dia...

Eu: Essas questões que a senhora tá falando do mau cuidado assim que a senhora vê...

R: Eu vejo eu falo...

Ru: Isso influencia bastante no acesso das pessoas à praça?

R: Eu vou lhe explicar o seguinte, eu peguei e fiz uma conversa com os skatistas, aquela lixeira que tá ali paguei (...) porque não tinha uma lixeira perto e eu falei com a Paula e o Eduardo "vocês suspendam que essas lixeiras são muito pequena e aquele furo se não por um peso lá dentro o saco sai voando"... É uma porcária aquilo.

Eu: Sim, aham.

R: Bom, aí eles suspenderam, ia ser o dobro das lixeira parada.

Eu: Sim, sim.

R: E aquela ali eu botei ali, aquela lá e mais duas, por lá que eu pedi (...) papo pra esses guris de rua, e aí eu fiz uma reunião com os guris de rua, digo "meus filhos, sentem aqui", aí na hora que chamei um disse assim "já vou lhe dizendo, eu gosto mesmo é de droga" e eu fiz que nem ouvi, "eu não vim falar sobre droga, vim falar sobre meio ambiente. Isso aqui é lugar de vocês desfrutarem, pra quê esse monte de sujeira?" tava um escarcéu de sujeita. Se eu lhe disser que um dia um tava até de vassoura...

Eu: Um deles?

R: Um deles. Agora tem uma coisa muito que eu não entendo, quando eu falo com os jovens, um (...) jogou um papel de bala e eu digo "minha filha não joga, põem dentro da tua bolsa" e ela baixou e pegou, mas quando eu vou falar com pessoas de idade, um velho daqueles gagá que fica lá no calçadão sentado, atirou carteira de cigarro...

Eu: Eles resistem.

R: Eu digo "mas o senhor não tá vendo a lixeira bem na sua frente?", "pois vá e pegue", eles resistem e são estúpido. o jovem é muito melhor de se lidar.

Eu: Aham. Então aqui no interior da praça a senhora tem mais acesso a esses jovens...

R: Aos jovens, inclusive jovens de rua que me chamam de tia, madrinha, professora, me ajudam nas limpezas da praça.

Eu: Sim, então faltaria...

R: Os caminhoneiro eu fiz também uma campanha com eles que era um escarcéu de sujeito, eu pedi que eles tivessem um saquinho plástico lá dentro

pra botar o lixo, e agora me atiraram... Esses feiristas que tá sendo difícil, me atiraram o container ali pra cima, não pode ficar ali o container né.

Eu: Então se tivesse algum incentivo né, do poder público pra incluir esses jovens aqui no interior da praça e outras pessoas incentivando as pessoas...

R: Perfeito.

Eu: Teria sido...

R: Uma inclusão deles fazerem alguma coisa.

Eu: Aham.

R: Aliás, eu acho que deveria voltar como quando eu era criança eu sentadinha assim nos degraus, nós tínhamos o armazém, e os presidiários vinham algemados com cri-cri..

EU: Vinham aqui?

R: Não.

Eu: Nas praças?

R: Limpando as ruas, tirava as... As ervas de raiz e tinham a pena diminuída. Agora não, eles ficam lá coçando o umbigo.

Eu: (...)

R: Então eu acho que tinha que voltar...

Eu: Dos direitos humanos, essa coisa toda né assim...

R: Tinham que botar a trabalhar os presos de novo.

Eu: E dona Rosa, a senhora que mora perto aqui, nos finais de semana...

R: Eu não venho domingo porque eu me irrita com o pessoal jogando sujeira.

Eu: Aham.

R: Inclusive quando o (...) botou aquelas lixeira dele horrorosa, umas porcaria que se quebrou em seguida, uma senhora trocou a frauda da criança e deixou a frauda em cima do banco, e eu digo "a senhora não tá vendo uma frauda... Uma lixeira do lado?"

Eu: Sim, aham.

R: Aí pra conscientizar esses adultos que é o problema.

Eu: Aham, sim. Então espaço, o espaço físico aqui da praça limita muito né dona Rosa? O jeito que as pessoas tratam, é isso?

R: O jeito que cuidam e esse (...) que fica não só ali como no local dos balanço...

Eu: Aham, das crianças.

R: Tinham que botar uma terramento. Quando chove lá do lado de lá eu tanto falei que botaram brita, e essa placa não sabem que foi pra colocar, agora eu pedi e telefonei hoje que me bote uma novinha, porque ela tá... E cuida só, a seta é pra lá e o pare é atrás da árvore ali, cuida... Ninguém enxerga.

Eu: ninguém enxerga, é.

R: Teve muito tempo um pare escrito que eu pedi pare escrito no chão. Eu pedi uma placa nova, se vão botar não sei. E eu quero lhe mostrar como é que era essa praça antes. Até essa matéria não foi no Diário popular, essa aí foi no diário da manhã. olha aqui, olha aqui, tá vendo como é que era?

Eu: Aham.

R: Olha aqui.

Eu: Sim, aham.

R: Cidadã anônima prega consciência. Só não pedi que não botassem meu nome porque eu assinava o Diário e escrevia... Não to assinando, não to escrevendo mais, e o Diário popular disse que se saísse alguma coisa minha no diário da manhã eles não iam publicar nada mais meu no diário popular.

Eu: Aham, sim.

R: E aliás, depois com o Dr. Clair que foi um pai pra mim e morreu, esse (...)foi uma luta pra publicar esse aqui ó...

Eu: Sim, aham, certo.

R: Aí publicou porque eu ameacei, disse "sabe de uma coisa? Vou dar um tiro em alguém, aí quem sabe sai no"...

Eu: Rsrs.

R: E era assim a praça, tá vendo?

Eu: Aham, muito lixo.

R: E aqui inclusive saiu o tal o tempo que leva cada coisa a se degradar, inclusive a menina do diário popular ela ia fumar na rua porque não pode fumar lá dentro e jogava na calçada e eu digo "minha filha, o toco de cigarro leva cinco anos (...)".

Eu: É. Dona Rosa me diz uma coisa, a senhora consegue...

R: Olha aqui, tá vendo como é que era?

Eu: Olha só que horror né, que belo trabalho a senhora fez aí. Uma pergunta que eu quero lhe fazer, a senhora consegue mais alguém aqui no entorno da praça que adira a esse movimento da senhora?

R: Quem tá me ajudando...

Eu: Que lhe ajuda?

R: São os guris... Os skatistas que eu pedi...

Eu: não, eu falo assim, por exemplo, a igreja, o asilo, o Pelotas, o...

R: Não, a igreja são João inclusive eu vou lhe explicar o seguinte....

Eu: Eles militam junto com a senhora nessa causa de melhorar a praça?

R: Não, não militam. Nós tivemos uma pessoa, eu me dou muito bem com o Altair, ele até foi meu aluno, Altair que trabalha aí de jardineiro, tu conhece?

Eu: Sim, aqui no asilo?

R: Exato.

Eu: No São João (...).

R: Mas antes o Altair teve um que era o cuidador do asilo, que nem tinham aquelas grades porque tiveram que botar porque os vândalo tavam liquidando com o jardim

Eu: Sim, aham.

R: E esse cara de lá ele vinha cuidar aqui, era uma preciosidade da *volta da pedra*.

Eu: Sim.

R: Agora a única pessoa que limpa na volta da pedra sou eu. Ninguém mais.

Eu: Aham, ninguém.

R: Sou a única babá da praça sou eu.

Eu: Aham, a senhora é a madrinha da praça aqui?

R: A madrinha da praça. A Paula me chama moça da praça, que moça, to com quase 70 anos.

Eu: É uma moça.

R: Mas não tem problema. Mas as podas das árvores aconteceram, as boas... (...)

Eu: A gente percebe que ela tá bonita a praça, ela precisaria melhorar ainda mais, mas tá bonita.

R: Agora quando eu vi a Paula... Fazendo a campanha dela eu disse "Paula, eu queria agora fazer um trabalho do meu bolso que é o restauro daquela cruz ali que ela tá...", quando fui na (..) fiz um escrito que tá aqui em uma das

minhas matérias falando da sujeira da cruz, lavaram a cruz. A Paula e o Eduardo passaram um cal assim vagabundo e eu digo "eu queria por minha conta mandar lavar essa parte que tá... mandar estragar as partes deterioradas", se o senhor chegar perto o senhor vai ver...

Eu: Sim, sim, aham.

R: E comprar tinta (...) de qualidade, mas aí a Paula me disse "tu tem que pedir autorização". Foi que nem com essa pedra, eu tive que pedir... O pessoal da São João se reuniu e em audiência, em reunião, me cederam, mas eu tive que ir lá na ouvidoria e lá na ouvidoria que me deram um papel...

Eu: Lá na prefeitura?

R: Tá registrado meu nome. É, a ouvidoria fica naquele prédio pro lado de lá.

Eu: Tá, aham.

R: Tá registrado meu nome, então eu tenho a impressão que é lá na ouvidoria que eu vou ter que ir de novo pra poder fazer a limpeza da cruz...

Eu: Na ouvidoria da prefeitura?

R: Exatamente.

Eu: A tá, pra...

R: Pra poder fazer a limpeza. EU solicitei mais lixeira, principalmente ali perto da pista de... Do local de ginástica né.

Eu: Uhum. Dona Rosa e fora com os meninos esses aqui que a senhora realizou esse trabalho aqui dos skatistas, com outras pessoas que frequentam a praça a senhora tem algum tipo de interação de tentar conscientizar...

R: Tento to sempre...

Eu: Ou que queiram assim, ou que a senhora convide pra se engajar "olha, vamos melhorar a praça nesse sentido"...

R: Então, mas eles não se interessam em se engajar em nada.

Eu: Não? Não? Como é que a senhora vê, que as pessoas só querem vir aqui mesmo e aproveitar a praça...

R: E jogar sujeira.

Eu: Aproveitar a praça do jeito que tá e não se importam com o local?

R: E jogar sujeira.

Eu: interação mal com o local?

R: Interação mal, falou tudo meu amigo. O que fazer pra mudar a consciência da nossa população eu não sei. Um dia desses eu fui até morro redondo e fiquei encantada porque eu não sei qual é a sua... O senhor é alemão ou italiano?

Eu: não, sou Brasileiro de canguçu aqui.

R: A eu também sou de canguçu. Qual o local? Eu sou do quinto, (...) três anos no quinto subdistrito, o meu pai era Tavares de Almeida e a minha mãe Leite dias... Então é isso, é a conscientização. Quando eu falei pra Paula a respeito da... Porque é o seguinte, uma vez eu pisei numas fezes de cachorro e tive que dar volta pra casa, o Fetter que era prefeito, eu digo... Fui lá na prefeitura. A gente tinha que ter uma multa pra quem...

Eu: Claro.

R: Não sai com seu saquinho. Aí eles tem que entrar na câmara de vereadores e ser aprovado, e foi aprovado, mas não tem quem fiscalize.

Eu: Sim, é, não tem quem...

R: Aí quando eu falei pra Paula de multar quem joga sujeira no chão ela disse que ia sair muito oneroso, então...

Eu: É, aí realmente fica na boa vontade das pessoas que não tem muita

consciência.

R: E tem uma árvore defronte o meu edifício que as duas vezes que foi podada foi com fotos... Tá até por aqui, nem vou procurar pra não lhe tomar o seu tempo.

Eu: Não, não, eu tenho todo o tempo pra senhora.

R: A foto tá por aqui... Esse foi meu diretor lá em Piratini, o professor Jo... E aqui o Dr. Clair, Piratinense também, meu grande amigo... Olha, aqui é a foto da árvore que por sinal a foto (...) errada mas fizeram a poda, saiu a foto num dia e no outro dia fizeram o corte da árvore.

Eu: Sim

R: Agora eu falei pra Paula que ela tá tomada daquela erva e que vai matar.

Eu: Deixa ver o que diz aqui... Uhum.

R: Mas saiu uma matéria minha sobre a árvore aqui.

Eu: Sim, sim, aham.

R: pena que aquela calçada do fundo do campo de Pelotas, porque calçadas eu perdi a conta da quantidade que eu *consegui* ser feita, e a do campo Pelotas eu chamei o Diário Popular porque a RBS não me atende em nada, absolutamente nada, RBS não serve pra nada! Eu paguei um táxi porque eu não dirijo, fui com meu cartaz do meio ambiente, fui com a redação, fui com tudo, o tempo que leva cada coisa pra se desmanchar eu digo "façam uma matéria" e "não". Aí digo que se dão um tiro em alguém...

Eu: Sim.

R: Aí eu peguei e disse uma frase pra eles, mas são tão burros que não sabiam de quem era... Assim, de "*tanto enfraquecer o mal, o homem chega* (...) da honra e ter vergonha de ser honesto", eu tenho a frase, não sabiam de quem era, e Rui Barbosa né?

Eu: Sim, sim, Rui Barbosa, essa é famosa.

R: mas não sabiam, trabalham na RBS e não sabiam. Aliás, que a maioria já saiu de lá, deu no pé.

Eu: porque a gente percebe né dona, dona... Rosa...

R: A e outra coisa que eu solicitei, os bancos era madeira, eu digo vai apodrecer, já levou duas mãos de tinta e agora tão.. Pintaram os lá do centro também. porque banco de madeira não tem fundamento.

Eu: E o poder público também teria que fazer mais campanhas de conscientização das pessoas...

R: Mas com certeza.

Eu: não só em relação... O que é importantíssimo isso né.

R: A que pena que eu vou... Eu não sei se eu guardei.. Eu peguei e entreguei um bilhetinho pra Paula "quem joga uma casca de banana no chão"... Até eu botei um título muito bonito que ficou que agora não to lembrada, "é um relaxado. Quem vê a casca de banana e não junta é um desleixado, e quem vê a casca e a recolhe do chão, é um educado. Vamos cuidar o meio ambiente, o planeta precisa da nossa ajuda, não vamos acabar com o planeta terra", e outras coisas, que eu não... Entreguei pra Paula o bilhetinho. Só que tinha que existir essa conscientização por parte deles e não existe. Até na campanha política inclusive

Eu: Esses dias dona... Esses dias dona Rosa eu tava entrevistando uma pessoa que é um arquiteto e urbanístico e ele é especialista em criar praças, em manter praças, uma pessoa muito interessante de falar, e aí ele disse assim que a única solução que tem de se salvar as praças é trazer de novo as

crianças pras praças.

R: Com certeza.

Eu: Porque ele disse que junto com as crianças vem os pais, junto com os pais...

R: isso.

Eu: não vão querer que as crianças estejam em um lugar sujo né, então eles também vão ser conscientes, por exemplo, eu não gostaria de... Meus filhos frequentam, sempre frequentaram as praças e agora tão grandes, mas frequentam ainda..

R: Eles estudam aonde?

Eu: iFSul, alguns no...

R: Não porque essa...

Eu: Então nesse sentido dona Rosa, a senhora não acha que aqui o poder público tinha que colocar dentro da praça a...

R: uma pessoa fixa.

Eu: Uma pessoa que...

R: Já pedi.

Eu: De conscientização.

R: Já solicitei, mas não consegui.

Eu: Que conseguisse fazer as pessoas interagir entre si né?

R: Não, e outra coisa que tinha que ter, uma pessoa fixa limpando e conscientizando, mas isso aí já pedi, mas não consegui nada. Não consegui.

Eu: E aí fica fácil de se tornar alguns ambientes no consumo de drogas...

R: Com certeza. Eles vão lá pra se drogar.

Eu: Alguém ocupa o espaço né, se os bons não ocupam os ruins ocupam.

R: É. E no passado tu não era nem nascido, daqui dessa placa que tá toda torta, até dobrando pra lá, tinha um tipo de um murinho de uma planta que tem uns espinhosinho muito bonito que dá umas florzinha, foi a breca aquilo ali. A, outra coisa, essa calçada aqui... primeiro eu falei com o SANEP, disse que tem uma amiga que é cadeirante e tá se queixando que tá... Tem que dar um jeito nessa... o Fetter desmanchou uma calçada que o irajá tinha feito, botou umas porcaria de umas tijoleta que se quebraram em seguida e agora foi restaurado.

Eu: (...) Dona Rosa não se vê na praça praticamente cadeirante né? E não tem acesso praticamente né? Eu não vi durante todo esse tempo que eu to aqui fazendo as...

R: É pro lado de lá da parte que eu pedi que botaram pedregulho, agora dá o acesso por lá.

Eu: mas tem que ter pra todo lugar né?

R: Com certeza.

Eu: Aqui por exemplo na Amarante não tem nenhum lugar de acesso.

R: Não, não tem, não tem, acho que seria interessante o senhor falar sobre isso.

Eu: O acesso aos cadeirantes teria que ser todo o entorno...

R: Com certeza.

Eu: por onde que chegassem poderia entrar né?

R: É verdade.

Eu: não se vê nem cadeirante, nem deficiente e muito menos poucas crianças né?

R: É, muito pouco. Esse parquinho mesmo que (...) e o que eu me incomodei

porque esse parquinho era lá no meio e era uma sujeirada, os bancos tudo quebrados e eu sempre... Não sei o tempo que faz, mas o corte, o senhor não imagina o que era principalmente uma grandona, o ninho de ninho de gente... Um dia um deu uma crise epilética porque a droga pode levar a epilepsia né...

Eu: Sim, sim, aham.

R: A epilepsia pode ser causada por vários motivos, mas a droga pode levar a ter esse problema né, e aí eu virei ele de lado se babando todo e eu sei que eu encaminhei pra se internar lá no... Que agora tem mais dois... Um bem de idade que a guria é bem novinha com a cara de meio de batida sentada no colo dele também, sempre metido na droga, tão internados lá no sanatório espírita pra ver se sai da droga.

Eu: Dona Rosa, sabe o que eu percebi entrevistando as pessoas no entorno da praça, que as pessoas tão começando a ter medo do que acontece dentro da praça...

R: Mas com certeza, todo mundo.

Eu: Só que é aquela coisa...

R: Todo mundo tem medo.

Eu: As pessoas tem medo do que acontece no interior da praça e ao mesmo tempo não... A gente não vê eles com espontaneidade que nem a senhora faz...

R: Não, eu trabalho a semana toda...

Eu: E de fazer alguma coisa.

R: Sem parar. É sem parar.

Eu: É, com vontade de fazer alguma coisa. É bem pelo contrário, as pessoas tem até medo de falar, em alguns casos eu nem consegui entrevistar as pessoas, porque as pessoas se mostraram..

R: (...) bela e limpa isso aqui, volta e meia tem umas coisas.. Era pra evangelizar, já que a igreja me fechou as portas e eu vou lhe explicar porque a igreja me fechou as portas... Saiu uma matéria aqui bem interessante que eu sofria de epilepsia e apesar disso me aposentei em sala de aula, Machado de Assis era epilético...

Eu: Sim, aham

R: (...) era epilética. E Papa (...) era epilético... mas eu fui escanteada, não em aceitaram, então eu fui obrigada a me tornar uma escritora... mas eu fiz uma cirurgia em Porto Alegre... onde é que tá a minha cirurgia meu deus que não to achando aqui... Não, não é aqui...

Eu: Dona Rosa, eu to vendo que a senhora tem bastante material.

R: Sim, muito.

Eu: Se eu precisar disso aí pra tirar alguns Xerox...

R: Pode tirar.

Eu: pra botar no trabalho a senhora me empresta?

R: Não tem dúvida, leve. Só fiquei muito triste porque eu sofria desse problema e saiu uma... Por duas vezes matéria no Diário Popular, como meu problema não funciona... O remédio não funciona, a solução é cirúrgica e eu comecei só com Gardenal e depois eu tomava dois e depois tomava associado com (...nome de remédios...) com isso e com aquilo e sempre tendo as crises né.

Eu: Aham.

R: Mas sempre em sala de aula, eu saía do ar, não caía no chão.

Eu: Sim.

R: Nunca fui discriminada. Aí me aposentei, procurei um padre que tinha cursado teologia, os últimos anos dando ensino religioso e ele me assistiu...

Eu: A senhora qual era a sua área que a senhora dava...

R: Inicialmente eu tive muita sorte, porque eu saí da... Aquele colégio de freira que eu não gostei de ter estudado lá e fui pro CAVG quando era muito bom.

Eu: Sim, aham.

R: Era uma abrangência de matéria e lá eu saí de lá trabalhando porque justamente surgiram as disciplinas técnicas, que eles tiraram tudo agora, não tem mais né?

Eu: Aham.

R: Eu era técnica (...), lá eu aprendi a me alimentar, aprendi a decorar e por aí vai.

Eu: Minha esposa é formada em ciências *domésticas*.

R: E depois eu cursei ciências domésticas e regime de férias lá na Unisinos, porque eu já tava lecionando e não podia cursar...

Eu: (...) regular.

R: A daqui que fechou? A daqui não tem mais. Mas cadê a minha cirurgia meu deus do céu... isso aqui é as cartas que o papa me manda... Eu não to.. A tá, lê isso aqui, é sobre a minha cirurgia.

**APÊNDICE G – Roteiro degravado da entrevista com a Coordenadora
Pedagógica da Escola Municipal Ruth Blank Marge Peixoto**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL
INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E POLÍTICA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

Data da Entrevista: 14/09/2016

LEGENDA:

(...) = Frase/palavra inaudível

... – Fala interrompida

Palavras em *itálico* – dúvida na palavra dita

Eu = Gerson

M = Marge

Eu: Professora, eles ficam, os alunos aqueles se comportam diferente por estudarem dentro de uma praça, por exemplo, eles sentem vontade de interagir ou (...) que a praça seja melhor? Como é o relacionamento assim deles, o que vocês sentem em relação à praça?

M: Não, a... As crianças, eles olham muito pela janela né, e antes de entrarem às vezes pra escola também os pais levam eles no parquinho né e eles circulam pela praça né...

Eu: Sim, aham.

M: Eles correm agora eles tão fazendo... Vão lá naqueles, naquelas... Os... Materiais de...

Eu: Ali na ginástica?

M: Ginástica, botaram uns novos...

EU: Aquela academia ao ar livre?

M: É , academia ao ar livre. Então eles comentam muito assim né, mas não sei no fim de semana assim se eles veem, não sei. E a mais tempo atrás a gente fazia muito trabalhos na praça.

Eu: Sim.

M: Hoje, assim, são poucos, às vezes, de vez em quando a gente sai com eles até (...) aqui da escola pra juntar folhinhas, pra fazer algum trabalho de...

Eu: Sim, aham.

M: De trabalho artístico com eles, e aí a gente pega esse material e *colhe* na praça né.

Eu: Claro, certo.

M: Mas a maior parte do tempo agora a gente não tem usado, até o ano passado a gente não tinha pracinha, não tinha brinquedo nenhum aqui dentro da escola, então muitas vezes a gente levava na hora do recreio eles pra

praça.

Eu: Sim, aham.

M: Só que a gente começou a perceber assim, que uma vez a gente... Percebeu assim que tinham umas pessoas, que esses moradores de rua tavam brigando, se dando com um pedaço de pau e as crianças tavam no meio daquilo ali.

Eu: Aham.

M: E aí a gente começou a achar meio perigoso né.

Eu: muito conflito, a questão do conflito?

M: Sim, sim, sem policiamento, sem nada, a gente decidiu não levar mais eles.

Eu: Aham.

M: E agora como a gente tem a pracinha aqui dentro da escola a gente...

Eu: Claro. É bem, é bem, é bem... Característico e bem explícito isso, por exemplo, uma escola dentro da praça com grades aqui né.

M: A é.

Eu: Por que... Ou seja, não deveria ser assim né por exemplo, o pátio vocês têm brinquedo dentro da escola e a própria praça que é no pátio né tem os brinquedos.

M: É.

Eu: mas pela questão da segurança é isso né Marge, aí vocês não têm como...

M: Exatamente. É, nós já tivemos tiroteio aqui na frente da escola né, então a gente... E as crianças dentro do pátio, na hora do pátio as crianças brincando e tiroteio aqui na frente.

Eu: Aham.

M: Então tudo isso a gente sabe que hoje em dia pela segurança a gente teve que se fechar né.

Eu: Sim, então não tem uma... Vocês não conseguem ter uma interação pedagógica com a praça por essas questões de violência né?

M: É, de violência. Tem moradores que moram, por exemplo, a gente enxerga todos os dias pela manhã um casal que mora dentro desses brinquedos aí do... Esses que são pagos aqui né, aqueles carrinhos de...

Eu: Sim, aham.

M: De dar a volta assim, eles dormem ali dentro.

Eu: Aham, sim, sim. E a escola, a escola ela não... A prefeitura, por exemplo, não tem nenhum tipo de atividade que ela chama a escola pra fazer em relação à praça?

M: Não, não.

Eu: não né? Não tem. Acho que isso eu percebi que quase ninguém não...

M: É.

Eu: Quase ninguém aqui...

M: Nos outros anos também a gente levava quando tinha ali no altar da pátria, essa parte toda agora que teve da semana farroupilha né, a gente levava eles pra verem os...

Eu: O desfile.

M: Enfim, aquelas... As *rondas* da *chama* crioula, tudo, mas esse ano a gente nem levou por causa desses motivos mesmo.

Eu: Aham, sim. E tu percebes Marge, tu vê alguma, algum setor da prefeitura ou alguma parte, algum órgão dentro da prefeitura que faça algum tipo de

estudo e que queira englobar, por exemplo, a escola em relação a ver essas interações que acontecem na praça, praticamente... Não só da prefeitura, mas também da brigada, da guarda municipal e outros que preste atenção no que tá acontecendo dentro da praça?

M: Nós (...) sido contatados, não.

Eu: Não né.

M: Não tem nada desses tipos de interação, nada.

Eu: Aham. E os pais como é que veem a escola dentro da praça, eles trazem alguma demanda pra vocês assim, do tipo assim, "porque não deixa as crianças brincar na praça, as crianças vão na praça?" ou as crianças trazem pra vocês essa necessidade de estar aqui e de querer ir pra praça e muito justamente vocês (...) que não é possível.

M: Sim.

Eu: os pais trazem essa preocupação, essa intenção de as crianças conviverem na praça?

M: Não, agora não. É o que eu digo, a mais tempo atrás (...) comentavam né, as crianças comentavam em casa e os pais comentavam "ah as crianças falaram que hoje foram na praça e brincaram nos brinquedos da praça, correram".

Eu: Sim, aham.

M: Mas agora como a gente não tá fazendo...

Eu: Claro. Ou seja né Marge, ela praticamente não tem diferença nenhuma de uma escola se estivesse fora de uma praça.

M: É.

Eu: É isso?

M: É. Infelizmente, atualmente é. Nós já tivemos um grande diferencial. A única coisa claro que as crianças notam assim é os passarinhos né?

Eu: Sim, sim.

M: Muitas coisas que a gente observa pela janela né.

Eu: Claro.

M: Eles gostam muito de ir pra janela olhar pro lado de fora né. Então eles veem "a o passarinho tá na grama", esse tipo de coisa.

Eu: Eles... Qual é a faixa deles?

M: De quatro a cinco e de cinco a seis.

Eu: De quatro a cinco...

M: Duas faixas etárias.

Eu: É uma faixa de praça mesmo né.

M: A é.

Eu: E é uma pena porque as crianças, é uma chance que nós teríamos de tirar a violência da praça né, porque se as crianças pudessem tá na praça, junto com a praça estariam os pais, estariam os professores, estaria a polícia, estaria todo mundo...

M: É, eu não sei se os nossos alunos, como eles não são.. os alunos aqui da escola não são dessa região, não moram nessa região, muitos vem de outros bairros né, aqui vem por causa que essa escola é central e muitos pais trabalham no centro...

Eu: Sim, aham.

M: Então preferem trazer eles nessa escola. E a gente não sabe assim, nenhum pai comenta se vem durante o fim de semana na praça né, a gente não sabe se eles utilizam. Eu sei que antes das crianças entrarem pra escola,

assim, nos horários anteriores né, então a uma e meia antes de entrar na sala de aula, eles levam as crianças nos brinquedos.

Eu: Aham, tá. Marge, as crianças que estão aqui elas são praticamente de funcionários da prefeitura ou não?

M: Não, não. nenhum é funcionário da prefeitura.

Eu: É uma escola municipal...

M: Isso,

Eu: Que as pessoas acessam as vagas pelo sistema...

M: É.

Eu: E qualquer um poderia ter acesso, desde que tenha vaga.

M: É. Até o ano passado tá, o ano passado foi diferente, porque o ano passado as crianças pediam.. Os pais podiam inscrever os seus filhos em qualquer escola tá, em qualquer escola municipal e mesmo que viessem pra cá não precisava vir aqui na nossa escola tá?

Eu: Sim, aham.

M: Anteriormente não, cada pai que quisesse se inscrever nessa escola, vinha nessa escola e fazia a sua inscrição.

Eu: Aham.

M: Eu não sei como vai ser esse ano né, a partir de outubro agora que eu acho que começam as inscrições e eu não sei como é que vai funcionar. Então o ano passado o que aconteceu, muitos pais nem conheciam essa escola, e essa escola sempre teve a característica dos pais procurarem ela por ela ser uma escola de arte né?

Eu: Sim.

M: Envolvida com atividades de arte, por ela ser uma escola central, uma escola boa, sempre recomendaram assim né muitas pessoas recomendavam a escola.

Eu: Aham.

M: Agora a gente teve um... Vários pais que nem conheciam a escola.

Eu: Sim.

M: Que sabiam que tinha uma vaga aqui e vieram pra essa escola. Então mudou um pouquinho, não sei como é que vai ser esse ano.

Eu:.. E em nenhum momento a praça foi importante por causa disso? Assim, de algum pai perguntar ou querer que a criança viesse pra cá porque seria interessante...

M: Não, não, na praça não.

Eu: não, não foi? Nunca foi determinante né?

M: É, a mais tempo atrás tinha toda essa parte porque a gente fazia um trabalho na praça.

Eu: Claro.

M: A gente levava eles pra pintar na praça pra eles observarem as árvores da praça, entende?

Eu: Sim.

M: Nós usávamos bastante a praça, agora é que não

Eu: Aham. E vocês usam outra praça pra isso ou não?

M: Não, não.

Eu: porque também teria que ter deslocamento e isso é complicado né.

M: É, isso, é.

Eu: As atividades ficam praticamente todas...

M: Sim.

Eu: Ou seja, as crianças veem a praça pela janela.

M: Isso, veem a praça pela janela, infelizmente.

Eu: pela janela. Infelizmente é isso então. Marge e o aspecto assim do entorno da praça, por exemplo, vocês percebem alguma coisa de interação do entorno da praça? Vocês tem algum tipo de relacionamento com o entorno da praça? Ou seja, os vizinhos aqui, seja residentes, seja o posto...

M: Sim.

Eu: O Pelotas aqui ou algum vizinho aqui do entorno, tu percebes algum movimento que tentasse envolver vocês pra fazer alguma coisa em relação à praça de levar uma reivindicação pra... Não tem, tu nunca viu esse movimento?

M: Não, em relação à praça não. Nós já tivemos que usar assim o campo com o Pelotas...

Eu: Não, claro, sim.

M: Para os alunos conhecerem, mas não assim de eles proporem alguma coisa. Nem é... Nós já pensamos né um ano em fazer uma mobilização na volta aqui da escola com os comércios, os locais, os vizinhos né, pra conseguir fazer alguma coisa, de recolher o lixo e estimular melhor isso com as crianças, mas depois a gente parou por causa dessa parte da violência mesmo, aí a gente desistiu na verdade.

M: Então tá Marge, eu acho que tu já me deu informações bem importantes aqui e eu te agradeço então.

APÊNDICE H – Síntese dos dados obtidos nas observações não participativas utilizando o áudio como meio de coleta



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL INSTITUTO DE FILOSOFIA SOCIOLOGIA E POLÍTICA MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Relato dos dados referente às interações sociais ocorridas na Praça Dom Antonio Zattera, coletados com a utilização da técnica de observação não participativa, de acordo com o cronograma previamente estabelecido.

PRIMEIRA SEMANA DE AGOSTO DE 2016.

Nos dias de semana, terça feira especificamente o dia previamente estabelecido para a aplicação da técnica, percebeu-se que as áreas da praça mais utilizadas dizem respeito ao seu interior, nos bancos mais escondidos entre as árvores, ou seja, os frequentadores buscam por assim dizer um anonimato no interior da praça. As pessoas buscam isolamento.

A praça é utilizada basicamente como via de acesso pelos transeuntes para acessar o comércio, e demais instituições e residências que se localizam em seu entorno.

E os pequenos grupos de pessoas ou frequentadores ainda que de forma isolada que ficam na praça, não interagem apenas postam de forma isolada. As pessoas estão em mono ambientes.

Durante a semana percebeu-se que os moradores de rua sentem mais a vontade e tomam a praça com maior liberdade, não sendo “incomodados pela população de frequentadores”.

As pessoas que utilizam a praça durante o fim de semana, que utilizam setores específicos, mesmo durante a semana, que a praça não esta tomada são fieis a estes locais, exemplo disso é a pista de Skate.

Não se observa na praça durante a semana um consumo intenso no interior da praça, nem outra produção que seja, local de acesso e descanso durante a passagem.

No final de semana, a praça tem outro contexto, as pessoas praticam atividades físicas e também usam bastante mídia, celular, sentem mais a vontade, pelo número maior de frequentadores, não utilizam tanto como circulação.

Moradores de rua pela manhã no domingo ficam na praça, mas à tarde quando a praça é ocupada eles se retiram.

No final de semana os frequentadores não buscam tanto o interior da praça.

No fim de semana, na Avenida Bento Gonçalves acontece a feira de artesanato em que as pessoas que vão a feira geralmente vão a praça também.

No domingo, à tarde, da primeira semana intensa **RODA DE CAPOEIRA**, evento que proporcionou uma interação significativa.

Quando a praça está totalmente ocupada, as pessoas se mantêm em setores específicos, centro cívico, setor skate etc desde o momento em que chegam até sua saída, com o mesmo grupo sem interagira com os demais.

No domingo, as crianças utilizam massivamente os brinquedos pagos no parquinho

No final de semana muito apelo comercial **LOTERICA TRILEGAL**, fazendo bola ao cesto, distribuindo brindes, estrategicamente perto do brinquedo das crianças de livre utilização.

PROJETO SOCIAL GATINHOS DO TELHADO, os responsáveis por esta entidade durante o final de semana trazem animais abandonados, cães e gatos geralmente filhotes e se propõem a expor para doação.

No centro cívico **MATEADA COM ERVA DOADA**, não proporciona interação as pessoas pegam a erva e se dirigem a seus mono ambientes.

As pessoas se concentram bastante no local de consumo. Mas percebe-se ao mesmo tempo em que as pessoas estão relaxadas. A maior concentração é nas proximidades da Avenida Bento Gonçalves na periferia da praça perto das ruas que circulam a praça.

SEGUNDA SEMANA DE AGOSTO

Na última semana de agosto, terça feira, a praça estava fazendo novamente e estava sendo ocupada no seu interior, foi instalada uma **ACADEMIA DE GINÁSTICA AO AR LIVRE**, que a princípio não proporciona interação.

Na rua Anchieta, os freteiros se localizam esperando seus clientes.

Durante a semana, a praça está ocupada pelo conflito, pelo medo dos assaltos.

À tarde na Praça a localização nas áreas centrais é mais percebida, tomando chimarrão.

No fundo, as pessoas utilizam a praça, mas não se importam com ela, jogam lixo e não reivindicam qualquer melhoria para ela.

No domingo, da última semana, não houve interações uma vez que chovia muito.

PRIMEIRA SEMANA DE SETEMBRO

Durante a terça feira mesmo sendo a semana da pátria não houve movimentações diferentes em relação aos frequentadores.

O que se viu foi a presença dos serviços públicos, viatura da guarda municipal, prefeitura etc montando os palanques da semana da pátria, ou seja, só se existir um evento extra para que o poder público se faça presente na praça.

No dia sete de setembro houve uma expressiva concentração de pessoas em frente ao centro cívico da Praça para o acompanhamento dos desfiles, no entanto o local era usado apenas como apoio aos desfiles, não serviu para que houvesse uma maior interação entre as pessoas.

ÚLTIMA SEMANA DE SETEMBRO

No final de semana novamente as pessoas ocupam todos os ambientes, mas sem interação mono ambientes, a não ser nos skates por conta da competição entre eles estes se conhecem e competem.

No dia vinte de setembro novamente observou-se que a praça não era ocupada em função da festividade da semana farroupilha, as pessoas situavam-se no entorno da praça, sem maiores interações sociais percebidas.

Na manhã de domingo, UM EVENTO POLITICO, CAMPANHA POLITICA, referente às eleições municipais oportunizou a interação entre estranhos.

Na tarde de domingo a ocupação da praça é bem maior trazendo segurança ao ambiente.

Com a ocupação total da praça à tarde os moradores de rua saem.

APÊNDICE I – Termo de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS-UFPEL
INSTITUTO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E POLITICA - IFISP
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro, por meio deste Termo de Consentimento, que concordei em colaborar com a pesquisa de Dissertação de Mestrado, intitulada: “A dinâmica das interações sociais nas praças públicas da cidade de Pelotas”, desenvolvida pelo discente Gerson Luiz Cardoso da Silva, aluno do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, orientando do Professor Doutor Guilherme Camargo Massau.

Afirmo que aceitei participar, por minha própria vontade, sem receber quaisquer incentivos financeiros ou ter quaisquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Minha colaboração se fará por meio de entrevista e/ou grupo focal ou repostas a questionários, gravados ou escritos a partir da assinatura desta autorização, podendo o pesquisador utilizar os dados na íntegra ou parcialmente conforme o projeto de dissertação.

Estou ciente de que os resultados originados a partir de tais entrevistas poderão ser publicados e/ou divulgados, sendo-me assegurando o total anonimato, bem como a liberdade de retirar-me deste estudo a qualquer momento sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimento; podendo entrar em contato com o pesquisador, a qualquer tempo, através do telefone (53)81142570 ou pelo e-mail Cardoso@ufpel.edu.br

O presente Termo de Consentimento foi lido e totalmente compreendido por mim.

_____, de _____ de _____.

Entrevistado

Guilherme Camargo Massau
Prof. Dr. Orientador do PPGS-UFPEL

Gerson Luiz Cardoso da Silva
Mestrando em Sociologia- PPGS-UFPEL